

RAYANNE MEDEIROS DA SILVA

ENTRANDO NO JOGO

*REFLEXÕES SOBRE OS SABERES
DOCENTES, ACADÊMICOS E DA
TRADIÇÃO PARA PENSAR O ENSINO DA
CAPOEIRA NA ESCOLA*



PPGEF-UFRN



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE - UFRN
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE – CCS
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA – DEF
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA – PPGEF

RAYANNE MEDEIROS DA SILVA

**ENTRANDO NO JOGO: REFLEXÕES SOBRE OS SABERES DOCENTES,
ACADÊMICOS E DA TRADIÇÃO PARA PENSAR O ENSINO DA CAPOEIRA NA
ESCOLA**

NATAL/ RN
2018

RAYANNE MEDEIROS DA SILVA

**ENTRANDO NO JOGO: REFLEXÕES SOBRE OS SABERES DOCENTES,
ACADÊMICOS E DA TRADIÇÃO PARA PENSAR O ENSINO DA CAPOEIRA NA
ESCOLA**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, como requisito parcial para obtenção do título de mestra em Educação Física na área de concentração: Movimento Humano, Cultura e Educação, na linha de pesquisa: Estudos Pedagógicos do Corpo e do Movimento Humano; sob a orientação do Professor Dr. Allyson Carvalho de Araújo.

NATAL/ RN
2018

Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN

Sistema de Bibliotecas - SISBI

Catálogo de Publicação na Fonte. UFRN - Biblioteca Setorial do Centro Ciências da Saúde - CCS

Silva, Rayanne Medeiros da.

Entrando no jogo: reflexões sobre os docentes, acadêmicos e da tradição para pensar o ensino da capoeira na escola / Rayanne Medeiros da Silva. - 2018.

111f.: il.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Centro de Ciências da Saúde, Programa de Pós-Graduação em Educação Física. Natal, RN, 2018.

Orientador: Allyson Carvalho de Araújo.

1. Capoeira - Dissertação. 2. Ensino - Dissertação. 3. Tradição - Dissertação. 4. Educação Física Escolar - Dissertação. I. Araújo, Allyson Carvalho de. II. Título.

RN/UF/BS-CCS

CDU 796.8

RAYANNE MEDEIROS DA SILVA

**ENTRANDO NO JOGO: REFLEXÕES SOBRE OS SABERES DOCENTES,
ACADÊMICOS E DA TRADIÇÃO PARA PENSAR O ENSINO DA CAPOEIRA NA
ESCOLA**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, como requisito parcial para obtenção do título de mestra em Educação Física na área de concentração: Movimento Humano, Cultura e Educação, na linha de pesquisa: Estudos Pedagógicos do Corpo e do Movimento Humano; sob a orientação do Professor Dr. Allyson Carvalho de Araújo.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Allyson Carvalho de Araújo
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dra. Rosie Marie Nascimento de Medeiros
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Augusto Cesar Rios Leiro
Universidade Federal da Bahia

APROVADA EM ____/____/____

NATAL/RN
2018

Dedico esta produção a Edimilson Luiz da Silva, Mestre Canelão, por ter me ensinado a amar e viver a capoeira de maneira inexplicável. Dedico também a todos os capoeiras, admiradores ou praticantes, que de alguma forma contribuem para o crescimento dessa manifestação afro-brasileira. Axé!

AGRADECIMENTOS



Ao meu grande e eterno Deus pela vida! Ele que me sustenta com tamanho amor que se deixa alcançar. Grata sou a Ele pelas providências necessárias durante o período do mestrado, este caminho dissertativo tornou-se mais fácil a ser trilhado graças a fé na Santíssima Trindade, estando sempre agarrada também às mãos de Nossa Senhora que é meu grande exemplo de mulher. Toda graça seja dada a Ti, Senhor, pois Tu és o responsável por tudo! Todos os sentimentos de gratidão seguintes não existiriam sem a permissão d'Ele. Parafraçando Ariano Suassuna, eu seria uma desesperada se não tivesse fé em Deus.

À minha família, que são verdadeiros anjos no meu viver. Meus pais, Ana Ires e Francisco Tomaz (mais conhecidos como Dona Ana e Chico Papel) que são tudo para mim, tenho certeza que fazem o possível e até o inalcançável para nós. Agradeço também ao meu irmão, meu Didigo, por todo apoio de sempre e principalmente por aumentar nossa família, e junto com Adriana nos deram o melhor presente que poderiam nos ofertar: Pedrinho. O sobrinho-afilhado que alegra meus dias e trouxe outro significado para nossa família. AMO MUITO VOCÊS!

Ao meu parceiro de vida Jorge Barros, por todo amor, sustento, paciência e cuidado comigo nesse tempo. Obrigada pelas vezes que me fez lembrar que eu amava o tema da minha pesquisa, o quanto de significado tem essa trajetória e por toda força e confiança depositada em mim. Saiba que você é um grande exemplo na minha vida. Amo você!

Ao orientador amigo mais lindo e querido que eu poderia ter. Allyson Carvalho, muito obrigada por tudo! Você soube ser sensível quando precisei, mas também soube apertar quando necessário, tudo na medida certa. Isso se dá pela humanidade e responsabilidade que você deposita na docência. O mundo precisa mais de gente como você! Agradeço pelo esforço que fez durante esse tempo para pensar comigo a capoeira, sobretudo pelo respeito que você sempre teve com esse meu universo. Que nossa parceria não cesse, pois, trabalhar com você é muito gratificante.

Ao Grupo de Pesquisa Corpo e Cultura de Movimento (GEPEC) pelos queridos(as) amigos(as) que o constituem, representado pelo professor José Pereira de Melo. Tenho muito orgulho de fazer parte desse grupo que é referência nos estudos em Educação Física escolar; só tem fera, docentes comprometidos e seres humanos incríveis.

Ao Laboratório de Estudos em Educação Física, Esportes e Mídia (LEFEM), o laboratório mais maravilhoso do mundo! Foi dentro da nossa sala que vivi muitas alegrias, vários aprendizados, conquistas, muita rizada e a famosa terapia em grupo tomando o café de sempre. Gratidão a todos que integram essa grande família. Cada um de vocês tem um lugar especial no meu coração.

Aos amigos da UFRN para vida: Sheylinha, Bel, Thiago, Marcio, Ana Eliza, Cida, Danda, Joyce, Di, Paulinha, Rafa, Riba, Serginho e Vitinho. Destaco os amigos que o mestrado me deu: Toinho, Wanessa e Erika. Todos vocês foram e são muito importantes para mim, gratidão pela amizade de vocês.

Aos amigos de sempre: May, Rosana, Manu, Rafinha, Xuxinha, Kinha, Marcia, Magno, Negão e Yandra. Obrigada por serem os melhores amigos do mundo, por transmitirem tanta energia boa, principalmente nos momentos mais difíceis. Sei que posso contar com cada um de vocês, muito obrigada por compartilhar as alegrias e desânimos da vida. Amo vocês!

As meninas do apartamento IFgatinhas: Moally, Larissa, Sheyla, Adriana, Romênia e Márcia. Agradeço principalmente pelo acolhimento que logo se tornou amizade. Vocês são incríveis, fazendo de Caicó um lugar mais legal. Amo vocês!

Ao Mestre Canelão e a toda família da Capoeira Boa Vontade. Sem vocês, não sei se estaria onde estou e muito provavelmente não estaria escrevendo sobre capoeira. Obrigada meu mestre por me ensinar a capoeira com tanta dedicação e amor pelo que faz. Se eu conseguir desenvolver ao menos um pouco do que o senhor faz pela capoeira, já estarei muito feliz. Nossa academia é o espaço onde eu cresci, é meu refúgio e onde consigo me encontrar, um lugar para chamar de minha casa. Axé!

Ao Mestre Itapoan por ter aberto a porta do seu evento para coleta das minhas entrevistas e principalmente por confiar e acreditar em mim desde sempre. Obrigada por sua amizade, tenha certeza que é um grande tesouro.

Sou grata a todos os mestres que me cederam suas experiências com a capoeira, compartilhada e discutida nesta pesquisa. A gratidão também se estende aos professores de Educação Física do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN) que prontamente se dispuseram em ajudar, acrescentando suas vivências profissionais para o enriquecimento deste trabalho. Muito obrigada!

Agradeço também aos membros da banca examinadora que fizeram uma leitura atenciosa e com contribuições generosas no desenvolvimento deste escrito. A Rosie Marie, professora e amiga que ganhei durante a graduação em Educação Física, saiba que muitas coisas aprendi com você: na sala de aula, nos ensaios e viagens com o Parafolclórico da UFRN, nas conversas informais, você faz parte da professora e pessoa que tenho me formado. César Leiro, sua presença neste momento nos proporcionou um belo encontro. Um professor muito competente e comprometido com a Educação Física, são pessoas como você que nossa área precisa. Ah! Obrigada também por trazer sua baianidade para este momento. Parcerias são estabelecidas na vida e nos caminhos acadêmicos, espero que este momento seja o primeiro de muitos outros que possamos construir juntos, muito obrigada pela camaradagem de vocês!

Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Esses que-fazer-se encontram um no corpo do outro. Enquanto ensino continuo buscando, reprocurando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para constatar, constatando, intervenho, intervindo, educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade. (Paulo Freire – Pedagogia do Oprimido)

ENTRANDO NO JOGO: REFLEXÕES SOBRE OS SABERES DOCENTES, ACADÊMICOS E DA TRADIÇÃO PARA PENSAR O ENSINO DA CAPOEIRA NA ESCOLA

RESUMO

Sabemos que a capoeira é uma manifestação afro-brasileira que se consolidou historicamente nas entranhas da tradição, mas que hoje permeia diversos espaços. Cientes disto, acreditamos que o processo de transmissão dos saberes da capoeira se configura pela alteridade e que os distintos saberes tais como o da tradição, o acadêmico e o dos docentes se relacionam com esta manifestação cultural, dando-lhe diferentes sentidos e significados. No entanto, consideramos que se faz necessário refletir como a área da Educação Física – recorte do universo acadêmico - tem estabelecido relação com o saber da capoeira que advém do espaço da tradição. São lógicas, tempos e espaços distintos ao se pensar o mesmo saber. Nesta empreitada, a presente dissertação se propõe dialogar com estes diferentes saberes construídos e estabelecidos socialmente para analisarmos como a capoeira chega ao contexto escolar enquanto conteúdo da Educação Física. Com isso, surgem nossas questões de estudo: como a produção do conhecimento em Educação Física se organiza para propor o ensino da capoeira no ensino básico? O ensino da capoeira na Educação Física escolar considera os saberes da tradição enunciados pelos mestres de capoeira? A luz destas questões, apresentamos como objetivo geral deste escrito identificar e discutir o trato pedagógico do ensino da capoeira na Educação Física escolar, considerando os diferentes saberes que influenciam a prática docente. Para tanto, recorreremos como caminho metodológico a abordagem da pesquisa qualitativa de cunho descritivo. Inclinados a ouvir o que os saberes da tradição tinham a depor sobre a capoeira e os seus processos de ensino-aprendizagem, entrevistamos seis mestres de capoeira como representantes dessa manifestação. Buscando conhecer também o que dizem os saberes acadêmicos, invocamos cinco livros do campo da Educação Física como produção deste universo que indicam como a capoeira pode ser materializada na escola. Ambas foram analisadas pela técnica de análise de conteúdo proposta por Laurence Bardin. Ademais, buscando entrelaçar o resultado destas análises, entrevistamos os professores de Educação Física do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN) para perceber como estes acionam a capoeira e se eles se aproximam destas duas matrizes do conhecimento. Apontamos sobre a necessidade de considerar os saberes da capoeira que se consolidou através da tradição, pois identificamos o quanto este espaço depõe com legitimidade sobre os processos de ensino desta prática. Reconhecemos também a unidade que seguem os livros analisados e que de certa forma, dialogam com os saberes enunciados pelos mestres. Sobre o acionamento da capoeira na escola nota-se que ainda é fragilizada, mas que há um reconhecimento dos professores de Educação Física do IFRN sobre sua importância histórica e cultural, além do incipiente diálogo dos professores da escola com o universo da tradição.

PALAVRAS-CHAVE: Capoeira; Ensino; Tradição; Educação Física escolar.

ENTERING THE GAME: REFLECTIONS ON TEACHING, ACADEMIC AND TRADITIONAL KNOWLEDGE TO THINK CAPOEIRA TEACHING IN SCHOOL

ABSTRACT

We know that capoeira is an Afro-Brazilian manifestation that has consolidated itself historically in the bowels of the tradition, but that today it permeates several spaces. Aware of this, we believe that the process of transmitting the knowledge of capoeira is shaped by otherness and that the different knowledge such as tradition, academics and teachers relate to this cultural manifestation, giving different purports and meanings. However, we consider that it is necessary to reflect how the area of Physical Education - a cut of the academic universe - has established a relationship with the knowledge of capoeira that comes from the space of tradition. Logics, time and spaces are different from thinking the same knowledge. In this endeavor, the present dissertation proposes to dialogue with this different knowledge which is built and socially established to our analysis of how capoeira arrives in the school context as a content of Physical Education. With this came our study questions: how the production of knowledge in Physical Education is organized to propose the teaching of capoeira in basic education? Does the teaching of capoeira in the School Physical Education consider the knowledge of tradition enunciated by the masters of capoeira? In view of these questions, to identify and to discuss the pedagogical treatment of capoeira teaching in Physical School Education are the general objective of this paper, considering the different knowledge that influences the teaching practice. With this purpose, we used as methodological approach the descriptive qualitative research. Inclined to listen what the traditional knowledge had to testify about capoeira and its teaching-learning processes, we interviewed six masters of capoeira as representatives of this manifestation. Seeking to know also what the academic knowledge says, we invoke five books from the field of Physical Education as a production of this universe that indicate how the capoeira can be materialized in the school. Both were analyzed by the content analysis technique proposed by Laurence Bardin. In addition, trying to interweave the results of these analyzes, we interviewed the physical education teachers of the Federal Institute of Education, Science and Technology of Rio Grande do Norte (IFRN) to understand how they trigger capoeira and if they approach these two matrices of knowledge. We indicate the need to consider the knowledge of capoeira that has consolidated through tradition, since we have identified how much this space legitimizes the teaching processes of this practice. We also recognize the unity that follows the analyzed books and that, in a certain way, they dialogue with the knowledge enunciated by the masters. Regarding the use of capoeira in school, it is noted that it is still fragile, but that there is recognition of IFRN Physical Education teachers about its historical and cultural importance, as well as the incipient dialogue of the school teachers with the universe of tradition.

KEYWORDS: Capoeira; Teaching; Tradition; Physical school education.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 - Roteiro didático para a análise de conteúdo.....	32
Imagem 2 - Momento da entrevista.....	52
Imagem 3 - Sequência do Mestre Bimba.....	59
Imagem 4 - Ilustração do movimento ginga da capoeira.....	73
Imagem 5 - Conteúdos da Educação Física referentes ao 1º ano do ensino médio do IFRN...	90
Imagem 6 - Conteúdos da Educação Física referentes ao 2º ano do ensino médio do IFRN...	91

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - RELAÇÃO DOS PERIÓDICOS SELECIONADOS	42
Tabela 2 - RELAÇÃO DOS ARTIGOS ENCONTRADOS E PRÉ-SELECIONADOS EM CADA PERIÓDICO	43
Tabela 3 - RELAÇÃO DOS ARTIGOS SELECIONADOS	44

LISTA DE FIGURA

Figura 1 - CARACTERIZAÇÃO DA APROXIMAÇÃO DOS SUJEITOS COM A CAPOEIRA	51
Figura 2 - O QUE É CAPOEIRA?	53
Figura 3 - DAS RELAÇÕES COM O SABER DA TRADIÇÃO	56
Figura 4 - A CAPOEIRA NA ESCOLA	60

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 - METODOLOGIA DO ENSINO DE EDUCAÇÃO FÍSICA.....	63
QUADRO 2- PRÁTICAS CORPORAIS E A ORGANIZAÇÃO DO CONHECIMENTO: LUTAS, CAPOEIRA E PRÁTICAS CORPORAIS DE AVENTURA.....	64
QUADRO 3 - ENSINANDO E APRENDENDO ESPORTES NO PROGRAMA SEGUNDO TEMPO.....	65
QUADRO 4 - EDUCAÇÃO FÍSICA E A ORGANIZAÇÃO CURRICULAR	65
QUADRO 5 - PARA ENSINAR EDUCAÇÃO FÍSICA: POSSIBILIDADES DE INTERVENÇÃO NA ESCOLA	66
QUADRO 6 - OS SABERES DOCENTES SISTEMATIZADO POR TARDIF.....	86

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Maior titulação acadêmica dos professores do IFRN	79
Gráfico 2: Vivência da capoeira fora do espaço de formação inicial e/ou continuada	84
Gráfico 3: Vivência da capoeira durante a formação inicial e/ou continuada.....	87
Gráfico 4: Acionamento da capoeira nas aulas de Educação Física.....	88
Gráfico 5: Fonte de pesquisa sobre capoeira dos professores do IFRN	95

SUMÁRIO

1. INICIANDO A RODA DOS SABERES: PRIMEIRAS REFLEXÕES	19
2 - COMPREENSÕES HISTÓRICAS DA CAPOEIRA: CAMINHOS PERCORRIDOS	35
<i>2.1 - O QUE NOS FALA O ESTADO DO CONHECIMENTO</i>	<i>42</i>
3- NA RODA DOS SABERES JOGAM OS MESTRES E A ACADEMIA: UM DIÁLOGO POSSÍVEL	48
<i>3.1 - CONSIDERANDO O SABER DA TRADIÇÃO: REFLEXÕES E INTERPRETAÇÕES DA FALA DOS MESTRES DE CAPOEIRA.....</i>	<i>49</i>
<i>3.2 NA RODA DOS SABERES JOGAM A TRADIÇÃO E A ACADEMIA: UM DIÁLOGO POSSÍVEL.....</i>	<i>63</i>
4 - NESSE “JOGO DE COMPRA”, QUAIS SABERES SÃO ACIONADOS PELOS PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA	76
<i>4.1 - CARACTERIZANDO OS SUJEITOS DA PESQUISA.....</i>	<i>78</i>
<i>4.2 – ATUAÇÃO PROFISSIONAL E APROXIMAÇÃO COM A CAPOEIRA.....</i>	<i>82</i>
5 - CONSIDERAÇÕES FINAIS: IÊ, VAMOS EMBORA.....	98
REFERÊNCIAS	103
APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....	107
APÊNDICE B –ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA COM OS MESTRES DE CAPOEIRA - QUESTÕES NORTEADORAS.....	109
APÊNDICE C – MODELO DE QUESTIONÁRIO A SER REALIZADO COM OS PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA DO IFRN	110

1 - INTRODUÇÃO

INICIANDO A RODA DOS SABERES: PRIMEIRAS REFLEXÕES



CARYBÉ

A imagem que escolhemos ilustrar na capa desta introdução é uma das obras de Carybé¹, que retrata o início do jogo da capoeira, onde tudo começa: aos pés do berimbau. Com esta metáfora iniciamos o nosso jogo das palavras, onde estamos chamando de “iniciando a roda dos saberes: primeiras reflexões”, agachados simbolicamente aos pés da bateria, a fim de dar voz aos instrumentos, ao canto que fala da ancestralidade negra, dos saberes envolvidos e de tudo que compõem e que faz parte desta roda, ou seja, consideraremos todos os elementos que representam e constituem essa manifestação afro-brasileira.

Para tanto, antes de adentrarmos as questões centrais desta pesquisa, se faz necessário falar sobre a aproximação e relação da autora com a capoeira, pois este é o principal movimento de impulso para o desenvolvimento deste escrito. Movimento este que tem origem antes do curso de mestrado, a escolha por pesquisar e se aprofundar sobre a capoeira e sua relação com a Educação Física foi transversalizada durante toda a graduação, culminando no trabalho de conclusão de curso (TCC)², onde dialogamos sobre a relação da mulher na capoeira, debatendo questões relacionadas ao gênero.

Tais interesses advém da estreita relação e experiência com a capoeira desde criança, aos 8 anos de idade, quando cursando o ensino fundamental na Escola Estadual Maria Ilka de Moura, recebemos na escola uma visita do mestre de capoeira (conhecido como Mestre Canelão) que desenvolve há anos seu trabalho nos arredores desta escola, a fim de divulgar e lançar um convite aos alunos que quisessem participar do seu trabalho.

Convite aceito! Desde então, a capoeira começou a fazer parte da minha rotina, foi despertando em mim interesses em aprender mais e mais e o encantamento foi aumentando à medida que conhecia ainda mais o universo da capoeira. Depois de algum tempo, o vínculo com a academia de capoeira tinha se tornado algo central, onde lá eu gastava muito tempo envolvida com diversas coisas (aulas de capoeira, percussão, reforço escolar, maculelê, dança guerreira...) era o local que havia a maior concentração dos meus amigos e os sentidos de estar na capoeira só se ampliavam. Ao longo do meu desenvolvimento na capoeira, as responsabilidades com esta prática foram sendo alargadas; a relação entre minha educação

¹Carybé é o nome artístico do argentino Hector Julio Páride Bernabó. Naturalizado no Brasil, Carybé possuía muitos ofícios, dentre eles destacou-se como pintor, desenhista e ilustrador. Nesta dissertação elegemos as obras de carybé para ilustrar nossas capas com muito respeito e gratidão por sua dedicação as obras onde a capoeira foi evidenciada.

² TCC intitulado “Capoeira e gênero: as implicações desta relação para a prática”, consultar em: Silva (2015) no final deste escrito.



formal (na escola) e na capoeira se estreitaram, pois, como bolsista em escolas particulares como capoeirista eu precisava apresentar bom comportamento na escola para não repercutir o estereótipo de que capoeirista é vagabundo (falaremos mais sobre isto no contexto histórico da capoeira), além da necessidade de ser boa ‘atleta’ para manter a bolsa de estudos. Fui, portanto envolvida neste encantamento e tive a oportunidade de conhecer a capoeira mais de perto. O ano de 2004 ficou marcado por essa aproximação que logo se tornou motivo de muita alegria, onde a prática foi atribuída de muitos sentidos e significados, e foi sendo fortalecida quando adentrei em 2012 no curso de Licenciatura em Educação Física. Por tanto, é considerando essa relação íntima da autora com a capoeira que perdura por 14 anos, que percorremos este caminho dissertativo.

Delineia-se então a capoeira como objeto central deste estudo. Com isto, apresentamos a capoeira como uma das manifestações afro-brasileiras desenvolvidas no Brasil durante o período escravocrata. Esta manifestação da cultura emerge como expressão libertária no contexto de repressão do negro contra todo movimento de opressão presente neste sistema econômico. Assim como o desenvolvimento do candomblé, da culinária, os negros africanos e seus descendentes criaram e aperfeiçoaram a capoeira para manutenção de suas raízes.

Ela se manteve existindo no período da república, pós escravidão, ainda na condição de marginalizada, carregando o peso da proibição por forças legais, expressas no código penal intitulado “dos vadios e capoeiras”, sob pena de prisão aqueles que fossem pegos praticando capoeira. Neste período, entre a escravidão e início da república, ela habita espaços periféricos das capitais baiana, pernambucana e carioca de forma mais evidente. São nos portos destas cidades que acontecem a maior concentração de negros com ofícios de mão-de-obra pesada, como por exemplo a função de estivador. São nestes espaços de hibridação cultural onde a capoeira se desenvolve e se sustenta sem nenhuma sistematização de subsistência.

Por tanto, a capoeira nasce dentro do contexto do marginalizado, criada e sustentada por sujeitos excluídos ou de pouco prestígio social, logo tudo que os representavam não tinha valor. Adquirindo ao longo dos anos muitas características a capoeira possui interfaces da luta – utilizada inicialmente para autodefesa -, da dança com seus ritmos e do jogo com a ludicidade e a camaradagem entre os capoeiras. Com este emaranhado de características, ritmos, cores, afetos e história a capoeira encanta com toda essa diversidade e muito tem a depor sobre como se mantém na tradição em meio a tantas dificuldades.



Envolvida por este saber tradicional, a capoeira me fez ter consciência que o meu corpo gingava uma história de muita luta, dor e superação de um povo marginalizado. No entanto, esse gingado hoje é repleto de alegrias e conquistas, e que habita espaços de muita valorização social, como é o espaço acadêmico. Esta consciência passa pela percepção e crença que o corpo, bem como o movimento humano, é espaço de desenvolvimento e perpetuação da cultura, como sugere Mauss (2003) ao discutir sobre as técnicas corporais.

Ao falar de cultura, conceito elementar em nossas discussões, a compreendemos a luz de Zumthor (2010), onde ratifica que cultura é “um conjunto – complexo e mais ou menos heterogêneo, ligado a uma certa civilização material – **de representações, comportamentos e discursos comuns a um grupo humano, em um dado tempo e espaço.**” (ZUMTHOR; 2010, p. 66, grifo nosso.)

Esta compreensão de cultura nos leva a alcançar a dimensão do dinamismo cultural, e não um conceito de cultura estática no tempo, considerando que tais representações humanas são modificadas e constituídas em um tempo e espaço específico. O autor nos diz ainda que “do ponto de vista do uso, uma cultura surgiu como a faculdade, entre todos os membros do grupo, **de produzir signos, de identificá-los e interpretá-los da mesma maneira;** ela constitui, assim, o fator de unificação das atividades sociais e individuais.” (ZUMTHOR; 2010, p. 66, grifo nosso). Com isto, sempre que tratarmos de cultura, significa dizer que estamos falando de um conjunto de saberes produzidos por um grupo social, delimitada por um tempo e espaço específicos. Mesmo quando relacionada a tradição, não devemos considerá-la estática ou parada no espaço, há sempre nas relações humanas o fenômeno da transformação, o que caracteriza as produções culturais.

Voltando então a perpetuação da capoeira dentro deste espaço cultural para manter-se na tradição, utilizando-se do corpo e do movimento humano como vimos em Mauss (2003), apontamos a dificuldade de continuação de permanência da capoeira na cultura, pois sua prática passou muito tempo proibida e taxada como fora da lei. Zumthor (2010) vem tratar este fato como uma ameaça de extinção de uma dada cultura e que o processo de mantê-la na tradição é permitida pela “memória de uma tribo, de uma família, de um indivíduo...” (ZUMTHOR; 2010, p. 71). Não sei se podemos afirmar que a capoeira passou pela extinção, mas podemos afirmar que sua proibição provocou essa ameaça, mas que houve a “sobrevivência cultural” (ZUMTHOR; 2010, p. 71) através dos elementos da tradição.

Assim, a capoeira foi regida pelo saber popular, mantida pelos elementos da tradição que se caracterizam pela oralidade, memória, improviso e dinamismo, e que não há interesse



em universaliza-la. Jogada na rua, por muito tempo os praticantes aprenderam esta manifestação no contato com a prática, na roda, com os mais antigos. São saberes difundidos pela cultura oral, obtendo a voz e a memória como protagonista do processo de aprendizagem. São elementos próprios dos saberes advindos e constituídos pela lógica da tradição.

Podemos afirmar, por tanto, que a capoeira se configura por um saber tradicional, considerando que a tradição é a manutenção de um saber popular, passada de tempos em tempos, por gerações distintas e que agrega as relações do povo que a mantém no tempo e no espaço. A tradição não se caracteriza pela estática do saber, e sim pelo dinamismo próprio da comunidade. (ZUMTHOR, 1993). Do mesmo modo que a voz e a memória apresentam-se como elementos essenciais na manutenção e socialização dos saberes inerentes a capoeira.

“Naquele tempo, a capoeira se aprendia “de oitiva”, ou seja, sem método ou pedagogia. A oitiva constitui-se como um claro exemplo de como se dá a transmissão através da oralidade na capoeira, baseada na experiência e na observação.” (ABIB, 2006, p.88). Incitando nossas reflexões acerca dos processos de socialização dos saberes inerentes a capoeira, invoco a experiência da “oitiva” como prática primeira, assim como afirma Abib (2006) na citação supracitada. Essa experiência indicava o processo de ensino-aprendizagem de forma que possibilitava aos sujeitos a vivenciarem a capoeira, de maneira que aprendessem uns com os outros e com os mestres.

Desta forma, Abib (2006) nos provoca a refletir sobre um aspecto importante que legitima a capoeira enquanto manifestação popular, ou seja, a informalidade no ato de ensinar e aprender capoeira, além da sua despreensão em manter-se viva no tempo. A construção e socialização dos saberes da capoeira foi e continua sendo construído pela voz e mantido pela memória em grande medida, como nos sugere Zumthor (2010) ao falar da importância da sociedade oral para manutenção das tradições. Na capoeira, a personificação dessa memória e da voz é representada pelos mestres, sujeitos eleitos pela comunidade como uma espécie de guardião dos saberes. A presença desses sujeitos é comum nas manifestações populares, por serem os representantes dessa voz e da memória; características estas que depõem sobre o contexto da cultura popular.

É possível afirmar, portanto, que o processo de socialização da capoeira se configura pela alteridade, ou seja, os conhecimentos se constroem a partir da relação com o outro. Geralmente, este outro que se torna referência eram os considerados mestres, senhores com maiores experiências. Rego (1968) vem nos esclarecer que:



Outrora não havia *Academia de Capoeira*. Havia mestre e discípulo, porém a sede do aprendizado era o terreiro em frente ao boteco de cachaça, quitanda ou casa de *sopapo*, onde moravam. (REGO, 1968, p.282)

Com as afirmativas de Rego (1968) e Abib (2006), podemos intuir que os métodos utilizados para o ensino da capoeira se davam pela transmissão oral e através da inserção do sujeito no contexto das rodas. Não por acaso assim se estabeleceu os modos de ensinar e aprender capoeira. Na tradição capoeirana, a relação aprender-ensinar se dava de forma despreziosa, onde “os capoeiras encontravam-se e jogavam capoeira sem a preocupação de ensinar ou aprender, embora aprendiam e ensinavam, educavam e educavam-se, mas de forma assistemática, não intencional.” (FALCÃO; 2004, p.157). Constata-se, portanto, que não foram pelas vias formais de ensino que a capoeira foi se estabelecendo e se concretizando ao longo dos anos.

Marcel Mauss (1934) ao tratar das técnicas corporais, define que estas são “as maneiras como os homens, sociedade por sociedade e de maneira tradicional, sabem servir-se de seus corpos.” (MAUSS; 1934, p. 111). Recorrendo as reflexões feitas por Mauss (1934) sobre técnicas corporais, solicitamos que pensem no contexto histórico da capoeira, para então compreender porque eram nas ruas e terreiros que aconteciam a “sede do aprendizado” como memorou Rego (1968).

Para pensar nos processos de ensino-aprendizagem no âmbito da capoeira também se faz necessário considera-la enquanto manifestação cultural; significa, portanto, situa-la enquanto produto de uma cultura que fora produzida historicamente. Podemos afirmar que a capoeira é uma sabedoria do povo do Brasil que estabelece relações entre os sujeitos e as culturas de matriz africana e brasileira. Neste sentido, consideramos que para além da prática corporal a capoeira traz consigo saberes diversos.

Sendo assim, a capoeira tem sido desenvolvida em diversos espaços, os ambientes formais de ensino têm reconhecido sua importância enquanto ativo social quando a coloca como possibilidade de prática corporal nos programas que buscam a ampliação do tempo do aluno na escola, quando indicam por leis o acionamento das práticas de matriz afro-brasileira, dentre outros acionamentos. Acreditando nessa dimensão da capoeira e em sua crescente visibilidade, o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, órgão do Ministério da Cultura (IPHAN/MinC) reconhece em 2008 a capoeira como Patrimônio Imaterial da Humanidade. Catalogando também a Roda de Capoeira no livro de Registro das Formas de Expressão, assim como o Ofício ao Mestre de Capoeira no livro dos Saberes. (BRASIL,



2016). Neste sentido, a capoeira vem cada vez mais ganhando visibilidade a nível nacional e internacional. Neste avanço em cenários distintos, a capoeira permeia desde o chão dos núcleos de ensino da capoeira aos muros das escolas e universidades.

Ao falar do processo de transmissão dos saberes da capoeira, nota-se que diversas áreas do conhecimento, e aqui destacamos a Educação Física, vêm se apropriando da capoeira e inserindo-a em espaços educacionais formais, como as escolas e instituições de ensino superior. Essa incorporação é apontada a partir de alguns documentos oficiais que regem ou direcionam as práticas educacionais no Brasil.

Destacamos a capoeira como manifestação expressiva e que merece destaque a ser discutida. Nos últimos anos, autores como Darido e Souza Júnior (2007); Palma, Oliveira e Palma (2010), dentre outros que se dedicam a pesquisar sobre a Educação Física escolar têm se apropriado e discutido sobre a riqueza que a Capoeira oferece enquanto manifestação cultural.³ Além destes, documentos oficiais como a Lei de Diretrizes e Base (LDB), Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's), Base Nacional Comum Curricular (BNCC) reconhecem essa prática como possibilidade de ser trabalhada nas escolas das mais variadas formas.

Podemos destacar um apontamento significativo quando a Lei nº 9.394/1996, Art. 26 sanciona a importância de se aplicar um ensino diversificado na escola, considerando a base curricular comum e as especificidades culturais de cada *lócus*. No inciso quarto desta mesma lei, surgem notas indicando o ensino da cultura africana e suas influências culturais para o Brasil. Em 9 de junho de 2003 a lei nº 9.394/96 sofre alterações e passa a vigorar a lei nº 10.639 compondo a Lei de Diretrizes e Bases (LDB), tornando obrigatório o ensino da cultura afro-brasileira e sua historicidade, bem como ampliando essas condições de ensino.

Mais especificamente sobre a aproximação da capoeira com a área da Educação Física, percebemos um apontamento significativo nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's) quando assinala a capoeira como sendo um conteúdo da área. Neste documento a capoeira permeia os espaços das lutas, das atividades rítmicas e expressivas, bem como um conteúdo que transpassa as questões das especificidades culturais do Brasil. Podemos perceber que essa manifestação da cultura de movimento ancora-se em subsídios legais que a incorpora nesse processo.

³ Reconhecemos que há outros espaços importantes para a pesquisa sobre capoeira no espaço acadêmico como o diretório de dissertações e teses da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de nível Superior (CAPES), bem como os Grupos de Trabalho Temático (GTT) corpo e cultura e GTT escola do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (CBCE).



Melo (2011) fala do impulso para a legitimação nos espaços educacionais que sofrem a capoeira a partir de sua inserção em diversos documentos oficiais e afirma que é a partir desse reconhecimento que a Educação Física escolar abre espaço para a capoeira.

Instrumentos legais como as leis supracitadas e os PCN's dão força a esse movimento de inserção da capoeira na escola, no entanto, este é um processo que está em constantes adaptações e construções que nos faz entender que é necessário refletir como se dá essa inserção da capoeira na escola, considerando desde a produção do conhecimento ao seu acionamento no cotidiano escolar.

As primeiras implicações desta inserção é a modificação das formas de acesso aos saberes da capoeira. Antes reservados às formas de transmissões dentre os grupos de capoeira, guiados pelos mestres, agora os saberes necessitam de um trato pedagógico por sujeitos que não necessariamente viveram experiências em grupos de capoeira e que, portanto, se apropriam destes saberes de forma distinta.

É questionável se a capoeira na Educação Física escolar é legitimada apenas pelas forças jurídicas, pois é notório que em um panorama geral ela ainda é pouco empregada na escola. Contudo, compreendemos que se faz necessário que a capoeira sofra um trato pedagógico no ambiente formal de ensino, onde esteja alinhado com a proposta pedagógica educacional, mas entendemos que isso ainda está em processo de construção, sobretudo porque o olhar pedagógico que a academia tem lançado sobre a capoeira tem se mostrado ainda experimental.

Se faz necessário refletir como que a área da Educação Física tem estabelecido relação com o saber da capoeira que advém do espaço da tradição. São lógicas, tempos e espaços distintos ao se pensar o mesmo saber. Charlot (2000, p. 61) descreve sobre a relação do saber e diz que “não há saber sem relação com o saber”. O autor quer dizer que a relação estabelecida pelo sujeito e o conhecimento é única, pois cada sujeito mantém uma relação diferente com o mundo, advinda de experiências e vivências distintas, buscando sentido e significado para tal fato. Percebam que ao relacionar a ideia do autor supracitado com o conceito de cultura de movimento, compreendemos a singularidade do sujeito e a cultura sendo considerada na relação ensino-aprendizagem.

Nesse cenário de inquietações, buscamos estabelecer relações. Relações estas que vão ao campo da tradição, e aqui expressas pela figura do mestre de capoeira, para compreender seu processo de transmissão e ensino-aprendizagem entre os mestres-alunos e como podemos relacionar ou transpor esses saberes para a Educação Física escolar.



Para fins de problematização, destacamos um acontecimento marcante na capoeira que muito traduz sobre as questões de ensino; em 1932, há mais de 80 anos, se sistematizou na tradição de capoeira um processo de ensino-aprendizagem. Manoel dos Reis Machados, Mestre Bimba como ficou conhecido, ainda no período de proibição da prática da capoeira pela república, fundou a primeira escola de capoeira no estado da Bahia, na cidade de Salvador (REGO, 1968). De forma detalhada, o autor vem explicar que:

O primeiro mestre de capoeira a abrir Academia foi mestre Bimba (Manuel dos Reis Machado), em 1932, no Engenho Velho de Botas, por sinal também o primeiro a conseguir registro oficial do govêrno, para a sua academia chamada Centro de Cultura Física e Capoeira Regional, num período em que o Brasil caminhava para o pleno regime de fôrça que as leis penais consideravam os capoeiristas como delinquentes perigosos. (REGO, 1968, p. 282)

Contudo, a escola de capoeira de mestre Bimba não tinha por objetivo articular o ensino da capoeira a nenhum sistema de ensino ou a nenhuma organização pedagógica que se enquadre ao processo de escolarização, reservando em si uma pedagogia própria de ensino balizada nos saberes da tradição.

Compreendemos que as construções desses saberes advêm de espaços distintos, não se restringindo apenas aos locais formais de ensino. Nesta perspectiva, ancoramos nos estudos de Almeida (2010) para pensar os saberes da tradição.

Distantes do senso comum, os saberes da tradição constituem uma ciência, mas uma ciência que, mesmo operando por meio das universais aptidões para conhecer, expressa contextos, narrativas e métodos distintos. **Daí a importância da complementariedade entre saberes científicos e saberes da tradição** e da emergência de um intelectual que articule a dupla face do conhecimento. (ALMEIDA; 2010, p 67, grifo nosso.)

Nossa problemática consiste em estabelecer um diálogo entre os saberes da tradição e os saberes acadêmicos a fim de problematizar o ensino da capoeira na escola. Cientes de que os aparatos legais induzem o ensino da capoeira na escola, mas que esse é um processo recente quando comparada a existência e prática da capoeira na cultura afro-brasileira, nos indagamos se os saberes da tradição são considerados ou apenas os saberes acadêmicos são acionados.

Nossa indagação passa pela preocupação em entender como esse conteúdo, considerado importante a ser ensinado na escola é organizado pedagogicamente a partir de diferente óticas. Queremos ir à memória dos mestres, os guardiões dessa manifestação, para



compreender a partir da visão deles como se ensina, como é passado de geração em geração, como sistematiza, quais são os momentos e o que é importante ensinar sobre capoeira, sejam em dimensões ou sejam em elementos. Além disto, queremos compreender como a produção do conhecimento da Educação Física têm refletido sobre essa temática da capoeira na escola. Há produções acadêmicas que têm proposições pedagógicas do ensino da capoeira no contexto escolar. Ademais, é nosso intento saber – a partir da confluência do que dizem os mestres e os livros, se professores de Educação Física da rede básica de ensino têm ensinado capoeira nos seus espaços atuação. Nas perspectivas desses saberes com raízes distintas, nos inquieta saber como o ensino da capoeira está sendo pautado.

Considerando que a literatura nos aponta o mestre de capoeira como referência dos conhecimentos dessa manifestação, não nos fica claro se existe algum diálogo ou resgate desses saberes da capoeira pela área da Educação Física. Além disto, nos preocupa saber se a capoeira chega a escola, a partir do acionamento dos professores de Educação Física, na rede básica.

Com isso surgem nossas questões de estudo: Como a produção do conhecimento em Educação Física se organiza para propor o ensino da capoeira no ensino básico? O ensino da capoeira na Educação Física escolar considera os saberes da tradição enunciados pelos mestres de capoeira?

A partir desses questionamentos, especificamente este último, selecionamos o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN) para perceber como a capoeira está presente no ensino básico. Esta instituição foi selecionada como recorte da nossa pesquisa, por compreender o espaço de atuação profissional da autora.

Diante desse panorama temos como objetivo geral da pesquisa: Identificar e discutir o trato pedagógico do ensino da capoeira na Educação Física escolar, considerando os diferentes saberes que influenciam a prática docente.

Para ajudar a responder nosso objetivo supracitado delineamos outros dois objetivos específicos, a saber:

1. Discutir quais saberes docentes influenciam na organização desse trato pedagógico, considerando os saberes acadêmicos e da tradição.
2. Identificar como se dá o trato pedagógico da Capoeira no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN);



No âmbito acadêmico, esta pesquisa justifica-se pela contribuição na consolidação da capoeira na escola, baseada no diálogo entre os saberes populares, aqui destacamos a figura do mestre de capoeira, que migram para a academia.

Na esfera social, buscamos respeitar o processo histórico sofrido pela capoeira e sua luta para se afirmar na sociedade, compreendendo que neste contexto os saberes da capoeira já são sistematizados e devem ser considerados em qualquer espaço.

Já a motivação pessoal surgiu pelos 14 anos de prática, amor e dedicação da autora a esta manifestação. Dentre as muitas conquistas e experiências, a capoeira me levou a escolher a Educação Física como curso de graduação a ser trilhado, e assim foi feito. Ingressando no curso de licenciatura em Educação Física no ano de 2012 na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), inicio de uma trajetória acadêmica que em vários momentos me fizeram refletir sobre a capoeira no contexto escolar.

Nesta conflituosa atuação enquanto capoeirista e professora de Educação Física era difícil saber como ensinar a capoeira na escola, nas experiências com o PIBID (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência) ou nos estágios obrigatórios, por exemplo. Carregada de saberes que adivinham de um espaço não formal de ensino - porém legítimo enquanto espaço de ensino-aprendizagem sobre capoeira - possuía um conhecimento sobre essa manifestação além do que a academia me proporcionou durante a graduação. No entanto, era conflituoso agir, em processo de formação, fora dos quadrantes acadêmicos. Parecia-me errado! Passado o momento de angústia e até um pouco de renúncia sobre pensar a capoeira na escola, resolvi encarar. Neste emaranhado de saberes me propus a investigar enquanto pesquisa ora desenvolvida, como a academia - refiro-me a área da Educação Física – produz e pensa sobre capoeira. E como por gratidão, retribuimos com esta pesquisa a fim de reforçar a legitimidade da capoeira nos espaços de educação formal, buscando dar voz aos mestres de capoeira e os caminhos percorridos por estes.

Para os caminhos metodológicos aqui escolhidos, dialogaremos com a definição dada por Gil (2008) ao afirmar que a pesquisa é “o processo formal e sistemático de desenvolvimento do método científico. O objetivo fundamental da pesquisa é descobrir respostas para problemas mediante o emprego de procedimentos científicos.” (GIL, 2008, p. 26)

Feita essa escolha, a nossa pesquisa circunda sob uma abordagem qualitativa e apresenta-se como sendo descritiva, onde se propõe a pensar os dados de forma mais densificada. “As pesquisas deste tipo têm como objetivo primordial a descrição das



características de determinada população ou fenômeno ou o estabelecimento de relações entre variáveis.” (GIL, 2008, p.28)

Nesta empreitada de investigação dividimos nossa pesquisa em dois momentos, a saber: o primeiro foi de mapear os saberes da tradição - por meio de entrevista com mestres de capoeira - e acadêmicos - por meio de livros do campo da Educação Física que tratam sobre capoeira-, ambas analisadas a luz da análise de conteúdo. O segundo momento da pesquisa é a identificação de como os professores fazem uso desses saberes em suas aulas de Educação Física escolar, especificamente no ensino médio, tomando como recorte os professores de Educação Física do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN).

Buscando mapear os saberes da tradição, referentes ao primeiro momento da pesquisa, o levantamento das informações foi realizado no evento de capoeira “GINGA SEM LIMITE” que estava em sua oitava edição e aconteceu entre os dias 27 a 30 de julho de 2016, na cidade de Barra de Maxaranguape, município do Rio Grande do Norte. Este evento foi escolhido por concentrar diversos capoeiristas e mestres conceituados no universo capoeirístico. Com isso, parte da população da pesquisa são os mestres de capoeira presentes neste evento e a amostra - escolhida por conveniência – foram seis mestres que apresentavam maior representatividade no evento. Utilizamos como instrumento de levantamento das informações uma entrevista semiestruturada⁴ direcionada a compreender o que é importante ser ensinado sobre capoeira na escola, a partir da opinião dos entrevistados.

Na segunda etapa do primeiro momento, onde buscamos mapear os saberes acadêmicos, a pesquisa caracterizou-se como documental onde fizemos um mapeamento nas seguintes obras: 1) Coletivo de Autores: Metodologia do Ensino de Educação Física; 2) Educação Física e a organização curricular; 3) Para Ensinar Educação Física: possibilidades de intervenção na escola; 4) Práticas Corporais e a Organização do Conhecimento: Lutas, Capoeira e Práticas Corporais de Aventura; 5) Ensinando e Aprendendo Esportes no Programa Segundo Tempo. Essas obras foram selecionadas por serem referências na área da Educação Física escolar, possuem importância histórica para área - como a primeira obra supracitada - e como critério primordial, são obras que apresentam propostas metodológicas para o ensino da capoeira na escola. Compreende-se que muitas obras da área que atendem aos requisitos não foram inclusas, porém este foi o recorte necessário para análise desta pesquisa.

⁴ O roteiro da entrevista encontra-se nos apêndices desta pesquisa.



Na segunda fase da pesquisa, dialogamos com aos professores de Educação Física do Instituto Federal do estado do Rio Grande do Norte para compreender se estes tematizam a capoeira como conteúdo a ser ministrado em suas aulas, no ensino médio integrado do instituto, e como esse conteúdo é abordado, buscando tecer aproximações da fala dos professores com os resultados analisados e discutidos na perspectiva dos mestres de capoeira, bem como com os materiais pedagógicos selecionados. Para tanto, realizamos um questionário⁵ com perguntas abertas através de um dispositivo *online*. Essa estratégia de levantamento das informações foi elencada pensando na dificuldade de reunir os professores do IFRN, por estarem situados em diferentes municípios do estado, onde estão locados os 21 campi da instituição. O IFRN foi escolhido como campo para dialogar com os professores de Educação Física pela aproximação da autora com a instituição, estando hoje como professora substituta de Educação Física do Campus Caicó – RN.

Para analisar os dados coletados na primeira fase da pesquisa, que se materializaram através das entrevistas com os mestres de capoeira e pelos documentos pedagógicos, recorreremos ao método da análise de conteúdo proposta por Bardin (2011). Segundo Souza Júnior, Melo e Santiago (2010) a análise dos dados de uma pesquisa objetiva entender o resultado da coleta, bem como confirmar ou não as hipóteses da pesquisa, ampliando assim os olhares sobre este contexto.

Bardin (2009) apresenta três fases de análise de conteúdo que obedece a uma ordem cronológica, a saber: pré-análise, exploração do material e o tratamento do material, a inferência e a interpretação. A primeira consiste basicamente “a um período de intuições, mas tem por objetivo tornar operacionais e sistematizar as ideias iniciais, de maneira a conduzir a um esquema precioso do desenvolvimento das operações sucessivas, num plano de análise. ”. Sobre a segunda etapa, a exploração do material, o autor intitula de fastidiosa, pois "consiste essencialmente em operações de codificação, decomposição ou enumeração, em função de regras previamente formuladas". Na terceira fase: o tratamento do material, a inferência e a interpretação o autor fala-nos que os resultados devem ser tratados de maneira significativa. “Operações estatísticas simples (percentagens), ou mais complexas (análise fatorial), permitem estabelecer quadros de resultados, diagramas, figuras e modelos, os quais condensam e põem em relevo as informações pela análise. (BARDIN, 2009, p. 125).

⁵ O questionário encontra-se nos apêndices desta pesquisa.



Para melhor compreensão desse método utilizaremos o quadro proposto por Souza Júnior, Melo e Santiago (2010, p. 35) como roteiro didático para a análise de conteúdo.

Imagem 1 - Roteiro didático para a análise de conteúdo

ETAPAS	INTENÇÕES	AÇÕES
1ª etapa: pré-análise	*Retomada do objeto e objetivos da pesquisa; *Escolha inicial dos documentos; *Construção inicial de indicadores para a análise: definição de unidades de registro - palavras-chave ou frases; e de unidade de contexto - delimitação do contexto (se necessário);	*Leitura flutuante: primeiro contato com os textos, captando o conteúdo genericamente, sem maiores preocupações técnicas *Constituição do corpus: seguir normas de validade: 1- Exaustividade - dar conta do roteiro; 2- Representatividade - dar conta do universo pretendido; 3- Homogeneidade - coerência interna de temas, técnicas e interlocutores; 4- Pertinência - adequação ao objeto e objetivos do estudo.
2ª etapa: Exploração do material	*Referenciação dos índices e a elaboração de indicadores - recortes do texto e categorização; *Preparação e exploração do material - alinhamento;	*Desmembramento do texto em unidades/categorias - inventário (isolamento dos elementos); *Reagrupamento por categorias para análise posterior - classificação (organização das mensagens a partir dos elementos repartidos)
3ª etapa: Tratamento dos dados e interpretação	*Interpretações dos dados brutos (falantes); *Estabelecimento de quadros de resultados, pondo em relevo as informações fornecidas pelas análises;	*Inferências com uma abordagem variante/qualitativa, trabalhando com significações em lugar de inferências estatísticas.

Fonte: Souza Júnior; Melo; Santiago, 2010, p.35

Na imagem 1 podemos visualizar um caminho a ser traçado pelo pesquisador para seguir a proposta de análise de Bardin (2011). Neste método um importante procedimento é construção, ou elaboração de indicadores, pois estes evidenciam o objeto de estudo da pesquisa e de maneira sinóptica, anuncia o que se propõe a investigar.

Para nos auxiliar no tratamento dos dados da nossa pesquisa, se fez necessário pensar na unidade de registro ou de contexto, que segundo o autor é “a unidade de significação codificada e correspondente ao segmento de conteúdo considerando unidade de base, visando a categorização e a contagem frequencial.” (BARDIN; 2011, p. 134)

Para tanto, selecionamos como unidade de registro o tema, que segundo o autor:

O tema é geralmente utilizado como unidade de registro para estudar motivações de opiniões, de atitudes, de valores, de crenças, de tendências etc. As respostas a questões abertas, as entrevistas (não diretivas ou mais estruturadas) individuais ou de grupo, de inquérito ou de psicoterapia, os protocolos de testes, as reuniões de grupo, os psicodramas, as comunicações de massa etc., podem ser, e frequentemente são, analisados tendo o tema por base. (BARDIN; 2011, p. 135)



Neste sentido, o tema circundará sobre os discursos que tratam sobre o ensino da capoeira, das mais variadas formas, para nos fazer pensar sobre os objetivos dessa pesquisa, finalizando o primeiro percurso de análise dos dados.

Para coleta da segunda fase da nossa pesquisa, foi utilizado um questionário disponibilizado de forma *online* para os entrevistados, que são os professores de Educação Física do IFRN. Tal processo foi selecionado como estratégia para coleta rápida e eficaz dos nossos dados, considerando a dificuldade de encontrar os(as) professores(as) individualmente em função da realidade do local de atuação destes, situados em municípios distintos do estado do Rio Grande do Norte. Para tratar os dados referentes a esta segunda fase da pesquisa usaremos da análise qualitativa dos dados.

Desta maneira, segue então o nosso texto estruturado em três capítulos, onde o capítulo 1 configura-se pela discussão histórica e conceitual da capoeira, verticalizando sobre as questões de ensino-aprendizagem presentes no universo capoeirístico. Pois consideramos os acontecimentos históricos da capoeira como fundamentais para compreender como ocorreram o processo de transmissão desses saberes construídos e mantidos pela tradição. Além disto, apresentamos o estado do conhecimento para ampliar nossas discussões sobre o ensino da capoeira, apontando a necessidade de realização desta pesquisa, por se propor dialogar com os diferentes saberes de forma entrelaçada.

O nosso capítulo 2 está composto por dois eixos de análises e discussões dos nossos dados. Trata-se da análise das falas dos mestres de capoeira, no intuito de compreender como estes sujeitos - referências no mundo da capoeira - pensam o ensino dessa manifestação. Acionamos como referência para pensar os saberes da tradição o autor Paul Zumthor. Em nosso segundo eixo do capítulo, analisaremos a literatura da Educação Física, composta por cinco obras selecionadas por serem referências na área e por apresentarem propostas metodológicas para o ensino da capoeira na escola. As análises dos dados foram balizadas pela análise de conteúdo proposta pela autora Laurence Bardin.

Em nosso terceiro capítulo direcionamos nosso olhar para compreender como se dá o trato pedagógico da capoeira no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN). Identificando essas questões, buscamos refletir sobre quais matrizes os professores de Educação Física acionam para trabalhar a capoeira em seus espaços de atuação. Esta seção está intitulada: “Nesse “jogo de compra”, quais saberes são acionados pelos professores de Educação Física? ” Brincando com as palavras, utilizamos a expressão empregada na capoeira que é o “jogo de compra”, significa dizer que a roda está aberta aos



que estão participando da roda para que um participante retire um capoeirista que está na roda afim de jogar com o outro que permanece. Tais escolhas tendem a ser hierárquicas, permanecendo na roda o que possui uma graduação mais elevada, no entanto, no nosso contexto queremos compreender qual é a que predomina aos olhos dos professores, os saberes que advém deste espaço da tradição ou os construídos academicamente.

Finalizamos esta pesquisa invocando o grito “Iê, vamos embora”, que indica o término do jogo. Nesta seção, estamos refletindo sobre os avanços e dificuldades relacionados aos nossos objetivos iniciais, e fazendo as considerações finais desta pesquisa. Ao considerar que é possível avançar o que neste escrito não alcançamos, indicamos possibilidades futuras de continuação destes debates.



CAPÍTULO 1

COMPREENSÕES HISTÓRICAS DA CAPOEIRA: CAMINHOS PERCORRIDOS



CARYBÉ

Ao pensar a capoeira como uma manifestação que historicamente vem se constituindo como uma prática de resistência, ancestralidade, memória, oralidade e tradição, resolvemos perpassar por alguns percursos sofridos por ela. Delineada com o processo histórico do Brasil, a capoeira foi se constituindo como prática subversiva que vem quebrando paradigmas desde sua gênese, no período da escravidão, até os dias atuais e contraditoriamente vem resistindo aos sistemas políticos e sociais.

Rego (1969) sustenta que a capoeira foi inventada em território brasileiro, por africanos e seus descendentes, no entanto ela nasce no período de escravidão onde o sujeito negro não tinha relevância e sua cultura, conseqüentemente, reprimida. O trajeto de proibição percorrido pela capoeira inicia nesse período escravocrata onde, pela opressão, os sujeitos aqui escravizados a criam como possibilidade de resistência. Os espaços habitados pela capoeira eram os espaços destinados aos negros, como as senzalas, os engenhos de cana-de-açúcar; e assim era praticada as escondidas.

Como a capoeira possui fortes características de luta, sobretudo neste período de tensão onde a economia circundava sob a mão-de-obra escrava, ela era muito temida pelos senhores de engenho e a solução é a proibição. Não era do interesse dos donos do poder que seus escravos conhecessem ou praticassem algo que poderia ser usado contra seus objetivos financeiros. Ora, de posse de uma luta que pudessem os fazer fugir da condição de escravos era algo inadmissível pelos senhores do poder.

Em seguida, já na república de 1890, a capoeira torna-se crime no código penal no Brasil através do decreto Nº 487, de outubro de 1890, onde resultava em prisão aqueles que fossem pegos praticando capoeira nas ruas ou praças públicas. (BRASIL, 1890). Ainda sob a ótica dos detentores do poder econômico e fortes influenciadores políticos a capoeira tornou-se crime. É conhecido a situação dos sujeitos escravizados pós sua “libertação”. Muitos continuaram na situação de prisioneiros, outros nas ruas por não possuírem condições de imediato de construir uma nova vida. Nesta situação, muitos tornaram-se arruaceiros para sobrevivência.

Concordamos com Rego, quando afirma que “o capoeira desde seu aparecimento foi considerado um marginal, um delinquente, em que a sociedade deveria vigiá-lo e as leis penais enquadrá-lo e puni-lo.” (REGO, 1968, p.291). Estereótipos como marginais, malandros, arruaceiros ficaram marcados aos capoeiras até os dias atuais, o que corrobora para denigrir com a imagem dessa prática corporal, muitas vezes negada pela sociedade por estes estereótipos já mencionados.



As formas e resistência do negro, as imbricações com a religiosidade vão dando contorno a capoeira e seus elementos e símbolos, fruto sobretudo dessa miscigenação com a cultura africana. Gerada em um cenário de repressão, a capoeira tem em sua essência a liberdade como maior anseio. Neste sentido, ela foi criando forças e sobrevivendo com suas esquivas e “malandragem”. Zumthor (2010) vem chamar esses fenômenos de ruptura. O autor nos diz que ocorrem nas tradições rupturas necessárias para sua manutenção. “A ruptura se dá no momento em que a mudança das condições da existência alcança um ponto crítico e atinge valores tidos como essenciais.” (ZUMTHOR; 2010, p.75)

A capoeira passa ao longo dos seus processos históricos rupturas necessárias, adaptações da sua essência e da prática para manter-se ativa. É ainda importante compreender que tais rupturas ocorrem por diferentes questões, algumas dessas com maior visibilidade ocorreu durante os processos históricos da capoeira, como por exemplo o rompimento de uma manifestação praticada exclusivamente pela população escravizada para ampliação desses praticantes, incluindo os sujeitos de pele branca, após a abolição; em seguida a reforma constitucional que retira a prática da capoeira como crime do código penal brasileiro vigente durante a república, fato este que foi impulsionado por Mestre Bimba e seus alunos; bem como a incursão da capoeira em novos espaços de prestígio social como as escolas e universidades. Sobre essas rupturas, “a ação pessoal de um homem pode ser, nesse caso, determinante.” (ZUMTHOR; 2010, p.76). O que podemos associar com as intervenções provocadas por Mestre Bimba e seu impacto para o desenvolvimento da capoeira.

“A Luta Regional Baiana, mais tarde denominada capoeira **regional**, sistematizada e desenvolvida por mestre Bimba, redimensiona elementos do sistema cultural da capoeira, como por exemplo, a prática da capoeira em espaços pré-definidos, como as academia de capoeira.” (NUNES DIAS, p. 625, 2010, grifo do autor). Movimento que impulsionou a retirada da capoeira do código penal, sendo o mestre Bimba e seus alunos, personagens importantes na história da capoeira por esse motivo. O surgimento de academias específicas para o treino de capoeira é revolucionário quando pensamos de onde ela saiu – ruas, portos, periferias – e passa a ser uma prática sistematizada, com a inserção de regras como horários, fardamentos e condições para participar desse novo grupo social que vai se estabelecendo, inicialmente na cidade de Salvador-Bahia com a figura do Mestre Bimba.



Zumthor (2010) ao falar sobre cultura tradicional cita algumas características, além da oralidade, memória coletiva e outras, há também os ritmos que a sustentam, podendo ser estes ritmos curtos ou longos. Ao perceber a capoeira como uma cultura que perpetua na tradição, é possível afirma-la enquanto uma tradição de ritmo longo, que perdura e cresce ao longo do tempo e do espaço, modificando-se também com as rupturas. (ZUMTHOR; 2010). Uma ruptura importante no cerne da capoeira foi a passagem da névoa da proibição, com todas as incertezas de sua continuidade até a criação de centros de ensino destinado ao treinamento específico da capoeira.

O historiador e pesquisador Waldeloir Rego (1968) vem dizer que:

A academia de Mestre Bimba que além de ser a primeira a aparecer, a primeira a ser reconhecida oficialmente pelo governo, a primeira academia de capoeira chamada regional uma vez que o seu mestre foi o criador dessa modalidade de capoeira, é a mais importante das academias no gênero, além de ser a matriz que originou as demais, existentes no presente. (REGO; 1968, p.282)

Reconhecendo este momento histórico da capoeira enquanto fortalecimento em seu processo de afirmação, a academia de capoeira desenvolvida pelo Mestre Bimba vem para dar força ao processo de continuidade desta enquanto prática social, corporal e cultural que sempre esteve em ameaça de extinção.

São a partir desses acontecimentos que mobilizamos reflexões históricas da capoeira para que possamos compreender como o universo da tradição depõe tanto sobre os processos de ensino da capoeira, afinal se compararmos o espaço temporal onde se ensinava capoeira apenas no campo da tradição ainda é maior em relação aos espaços formais de ensino.

Depondo sobre esses saberes da tradição, Almeida (2010) vem dizer que “a cultura que recebemos hoje por herança, funda-se na divisão de dois domínios de saberes: de um lado, a Ciência; de outro, os saberes da tradição.” (ALMEIDA; 2010, p. 58). Concordamos com autora ao pensar em como nossa cultura é constituída. Confiando que somos formados por diferentes perspectivas, e não apenas por uma ótica – seja esta científica ou da tradição – é que esta pesquisa se afirmar na intenção de considerar a capoeira enquanto prática que se consolidou pela tradição e está se fortalecendo nos espaços acadêmicos. Neste sentido, “a hegemonia de um domínio sobre o outro e a incomunicabilidade entre eles se constitui um dos problemas cruciais do nosso tempo.” (ALMEIDA; 2010, p. 58). Voltemos, por tanto, a refletir sobre os acontecimentos históricos desta prática.



Na tentativa de sintetizar os momentos cruciais da capoeira enquanto luta pela liberdade, Dantas Júnior faz a seguinte análise:

O período da escravidão, encerrado com a abolição em 1888, ilustra a origem e disseminação entre os escravos de uma mistura de diversas lutas, danças, ritmos e folguedos de várias etnias africanas, que se consolidou enquanto instrumento de resistência à opressão. O período da marginalidade consubstancia-se na colocação da “capoeiragem” no Código Penal da República, publicado em 1890, enquanto exercício de prática criminosa, sendo proibido os exercícios de agilidade e destreza conhecidos como capoeira, bem como a formação de maltas e bandos. (DANTAS JÚNIOR, 2016, p. 40)

Esses dois momentos iniciais foram marcantes para o processo de proibição da capoeira no Brasil. No entanto, consideramos que foram repressões distintas, pois o cenário político era diferente. No momento em que o sistema econômico girava em torno da escravidão, e pelo contexto de repressões, emerge a capoeira como instrumento de libertação do povo negro – africanos e seus descendentes - desse aprisionamento constante das suas expressões, culturas e vontades. Já a proibição no período da República no Brasil, onde se materializa no formato de decreto, manifesta-se como consequência do momento histórico anterior, pois permanecem os estereótipos em relação aos sujeitos negros escravizados, que não eram vistos com igualdade em relação as pessoas de pele branca e capitalizados. Neste período, a capoeira caracterizava-se diante da sociedade como expressão de um povo cuja heranças não eram relevantes.

Segundo Sodré (2002), a narrativa histórica contribuiu para a potencialização do preconceito enraizado.

O esquecimento histórico e o recalçamento social ajudam o preconceito. No Brasil, por exemplo, as elites posteriores à Abolição da Escravatura “esqueceram” de dizer – em seus romances, manuais, ensaios, artigos de jornal etc. – que muitos músicos, pintores, escultores e políticos de destaque na vida nacional nos séculos XVIII e XIX eram negros ou mulatos. Por isso, os “escuros” ficaram relegados, nas representações conscientes e subconscientes do imaginário coletivo, à esfera do popular, do que em princípio dispensa a letra. (SODRÉ; 2002, p. 17)

A luz das reflexões de Sodré (2002), nos questionamos até onde contribuímos na construção dessa narrativa preconceituosa que perpetua nos estereótipos sob aqueles de pele escura.

Ainda refletindo sobre os marcos históricos perpassados pela capoeira, Dantas Júnior (2016) segue apresentando o avanço que retira – legalmente – a proibição da prática da capoeira.



Este período de marginalidade, que não impediu a expansão da capoeira, estendeu-se até 1934 quando no governo do Presidente Getúlio Vargas é extinto o decreto-lei que a constituía como crime à ordem pública. Este ato inicia o período denominado das academias, onde através da figura de Manoel dos Reis Machados, o Mestre Bimba, e sua “capoeira regional”, a capoeira passa da marginalidade à legalidade, da filosofia da malandragem à instituição formalizadora, do método intuitivo e espontâneo das ruas ao método racional de ensino da academia. (DANTAS JÚNIOR, 2016, p. 40)

É importante ressaltar que todos os momentos supracitados estão interligados e foram importantes para a constituição da capoeira. No avanço mencionado pelo autor, quando a capoeira é retirada do código penal, a preconceção continuou enraizada nessa prática por muitos anos, arriscando afirmar que todo esse processo de formação da capoeira leva a sociedade dos dias atuais a associa-la como prática de vagabundo. “É interessante perceber, ao considerar a história social da capoeira, que sua visibilidade, bem como os diferentes espaços por ela ocupados, tem variado de acordo com dinâmicas e interesses sociais.” (NUNES DIAS, p. 625, 2010)

Dantas Júnior (2016) ao afirmar que a capoeira avança “do método intuitivo e espontâneo das ruas ao método racional de ensino da academia.” (DANTAS JÚNIOR, 2016, p. 40) identificamos que neste processo a capoeira passa a possuir uma lógica de ensino, com o mestre – o responsável pela transmissão oral dos saberes da capoeira – e um espaço destinado a essa aprendizagem, que são as academias. Não é possível ainda afirmar que essa racionalidade está ligada a uma lógica de ensino formal, pois cada mestre em seus diferentes espaços, passam a ensinar e transmitir os conhecimentos de forma subjetiva e singular.

Ao longo dos anos a capoeira começou a ser considerada manifestação da cultura de movimento, por representar e expressar pelo corpo a cultura de um povo. Segundo o Elenor Kunz, “pertencem à cultura de movimento todas aquelas atividades que envolvem o movimentar-se humano com características lúdicas, de jogo, de brincadeira, de ginástica, de apresentação e competição, reconhecidas num determinado contexto sociocultural.” (KUNZ, p.112, 2008) Compreendemos por tanto, que a capoeira constitui um universo da cultura de movimento, capaz de (re)criar saberes de um povo, de uma cultura.

Compreendendo a Educação Física a partir de um ângulo epistêmico, podemos considera-la enquanto componente curricular, a responsável por tratar pedagogicamente algumas manifestações da Cultura de Movimento. “Este termo é compreendido como critério organizador do conhecimento da Educação Física escolar.” (KUNZ *apud* MENDES; NÓBREGA, 2009, p.1). Partindo dessa afirmativa, consideraremos em nosso estudo a cultura



de movimento como um conceito que considera as manifestações corporais para além do movimento humano desprovido de intencionalidade, ou seja, o sujeito e a cultura como elementos essenciais nas práticas corporais. (MENDES; NÓBREGA, 2009).

Considerando o corpo como espaço de experiências, Nóbrega (2010) ancorada em Merleau-Ponty aponta em seus estudos a experiência como possibilidade de aprendizagem a partir das relações desse corpo que fala, que sente e que se relaciona com o outro e com o mundo. Exaltando essa experiência no mundo capoeirístico destacamos o mestre de capoeira, figura que representa os saberes dessa manifestação cultural e que também lhe é atribuído um papel importante na transmissão desses saberes. Portanto, “a cultura dos capoeiras é uma criação continuada dos sujeitos, mestre e aprendiz, dos seus locutores que se reconhecem e são reconhecidos”. (CASTRO JÚNIOR, 2010, p. 34)

E é a partir dessas relações que a identidade da capoeira vai sendo constituída de forma múltipla, pois vai sendo reconfigurada ao longo do tempo e do espaço em que está inserida, e dos personagens que a representam mantendo, dessa forma, sua permanência na história, construindo sua memória. Nesse sentido, a memória contribui para a manutenção dessa tradição veiculadas pelas transmissões orais. Zumthor (1993) diz que “a memória, por sua vez, é dupla: coletivamente fonte de saber; para o indivíduo, aptidão de esgotá-la e enriquecê-la.” (ZUMTHOR, 1993, p.143)

Ao passo que nos inteiramos sobre a capoeira enquanto produção cultural do povo brasileiro, que depõe de uma construção coletiva, refletindo em sua essência processos de repressão e insistência pela continuidade; retomamos a problemática central: a tradição da capoeira – representada hoje pelos grupos e seus mestres como referências – possui significativos ensinamentos sobre esta prática, bem como hoje, a matriz da tradição da capoeira ainda é a que mais reverbera essa manifestação em cenários nacional e internacional. Ratificando nossas questões, recorreremos a Ponso e Araújo “Janaína” (2014) que nos alerta que:

Com a expansão da arte da capoeira, há que se ter cuidado para não descontextualizá-la do movimento social e político que lhe originou. Conceitos como ludicidade, sagacidade, musicalidade, vida, morte, luta, brincadeira, ritual, devem ser historicizados para que sejam compreendidos em sua totalidade. Pois aí está o elemento capaz de contribuir com a transformação e com a construção do pensamento sócio-histórico crítico de seus adeptos. Ela deve, por tanto, ser preservada como uma cultura de resistência, genuinamente brasileira, que se negou a ser subjulgada e passou de crime a instrumento de educação. (PONSO; ARAÚJO “JANAÍNA”, 2014, p. 45)



Com estes pressupostos e cientes da necessidade de a tradição dialogar com o universo acadêmico e virse-versa, procuramos identificar na produção do conhecimento do campo da Educação Física se há este entrelaçamento de saberes.

2.1 - O QUE NOS FALA O ESTADO DO CONHECIMENTO

Para embasar nosso trabalho, fizemos um levantamento das pesquisas já existentes sobre capoeira e sua relação com os saberes, a fim de detectar possíveis estudos que façam aproximações sobre o assunto aqui abordado. Para isso, utilizamos o portal de periódicos da CAPES como espaço de busca, este possui as seguintes estratificações: A1, A2, B1, B2, B3, B4, B5 e C. Para a efetivação das nossas buscas, selecionamos os periódicos da área da Educação Física que dialogam diretamente com as áreas das ciências humanas e sociais, que estejam em língua portuguesa do Brasil e estratificados com o QUALIS CAPES A1, A2, B1 e B2, por compreendermos como mais relevantes academicamente na nossa área, reduzindo então nosso campo de pesquisa.

Para melhor visualização, segue abaixo a tabela 1 das revistas selecionadas, especificando em qual estrato está classificada, bem como com o seu ISSN (Internacional Standard Serial Number). Ratificamos que as pesquisas foram realizadas entre fevereiro e abril de 2017 e nos periódicos em sua versão online, considerando que algumas delas possuem a versão impressa.

Tabela 1 - RELAÇÃO DOS PERIÓDICOS SELECIONADOS

ESTRATO QUALIS CAPES	PERIÓDICO	ISSN
A2	MOVIMENTO	1982-8918
B1	MOTRIZ: REVISTA DE EDUCAÇÃO FÍSICA	1980-6574
	MOTRICIDADE	2182-2972
	REVISTA BRASILEIRA DE CIÊNCIAS DO ESPORTE	0101-3289
	REVISTA BRASILEIRA DE EDUCACAO FISICA E ESPORTE	1981-4690
	REVISTA DA EDUCAÇÃO FÍSICA (UEM.)	1983-3083
B2	INTERFACE - COMUNICAÇÃO, SAÚDE, EDUCAÇÃO	1807-5762
	LICERE (CENTRO DE ESTUDOS DE LAZER E RECREAÇÃO. ONLINE)	1981-3171
	MOTRIVIVÊNCIA (FLORIANÓPOLIS)	2175-8042
	PAIDÉIA (USP. ONLINE)	1982-4327
	PENSAR A PRÁTICA (ONLINE)	1980-6183
	REVISTA BRASILEIRA DE CIÊNCIA E MOVIMENTO	0103-1716
	REVISTA BRASILEIRA DE ATIVIDADE FÍSICA E SAÚDE	1413-3482

Fonte: criado pelos autores



Com o cenário de pesquisa configurado, demos início as buscas nos períodos descritos na tabela 1, com o descritor “capoeira”. Para tanto, elencamos critérios de inclusão para selecionar os textos que dialogassem com a nossa pesquisa, são eles: o termo de busca deveria estar presente no título do trabalho; o recorte temporal escolhido foram os dez últimos anos, compreendendo os anos de 2007 a 2017. Após esse crivo inicial, o texto deveria ter relação com o ensino e saberes da capoeira. Elencamos também como critério de exclusão, ou seja, motivo para não considerar o texto para leitura e contribuição para nossa pesquisa neste momento, a saber: textos que não dialogassem diretamente com os saberes da tradição ou pedagógicos da capoeira. Estes foram desconsiderados, por hora, por não atenderem a demanda deste estudo.

Tabela 2 - RELAÇÃO DOS ARTIGOS ENCONTRADOS E PRÉ-SELECIONADOS EM CADA PERIÓDICO

ESTRATO QUALIS CAPES	REVISTA	Nº DE ARTIGOS ENCONTRADOS	Nº DE ARTIGOS PRÉ-SELECIONADOS
A2	MOVIMENTO	13	9
B1	MOTRIZ	47	2
	MOTRICIDADE	0	0
	REVISTA BRASILEIRA DE CIÊNCIAS DO ESPORTE	8	0
	REVISTA BRASILEIRA DE EDUCACAO FISICA E ESPORTE	21	2
	REVISTA DA EDUCAÇÃO FÍSICA (UEM.)	5	1
B2	INTERFACE - COMUNICAÇÃO, SAÚDE, EDUCAÇÃO	0	0
	LICERE (CENTRO DE ESTUDOS DE LAZER E RECREAÇÃO. ONLINE)	10	7
	MOTRIVIVÊNCIA (FLORIANÓPOLIS)	7	5
	PAIDÉIA (UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO)	1	0
	PENSAR A PRÁTICA (ONLINE)	27	6
	REVISTA BRASILEIRA DE CIÊNCIA E MOVIMENTO	1	0
	REVISTA BRASILEIRA DE ATIVIDADE FÍSICA E SAÚDE	0	0

Fonte: criado pelos autores

Como podemos observar na tabela 2, o primeiro resultado encontrado foi um total de 140 artigos que apareceram com o descritor “capoeira”. No entanto, após uma leitura



flutuante destes 140 artigos, chegamos a um total de 32 artigos por motivo dos demais não tratarem das questões do ensino da capoeira, sejam por matrizes da tradição ou sejam pelas matrizes acadêmicas. Após seleção primeira destes artigos encontrados que correspondiam aos critérios de inclusão e exclusão, fizemos a leitura dos resumos dos 32 artigos pré-selecionados para compreender se estes, apesar de corresponderem aos critérios por nós elencados, direcionavam a refletir sobre os processos de ensino – no âmbito formal ou não de ensino – dialogando com os saberes da tradição e pedagógicos do campo da Educação Física.

Depois da leitura dos resumos destes 32 textos pré-selecionados, apenas 10 artigos verticalizavam os debates para as questões do ensino e dos saberes inerentes a capoeira. Consideramos que houve uma queda significativa no quantitativo dos artigos encontrados em relação aos selecionados para debate em nosso escrito. Inicialmente, este número indica a necessidade de produção que entrelace os saberes acadêmicos e da tradição para pensar sobre o ensino da capoeira. Abaixo, segue a tabela 3 com apresentação dos textos encontrados, indicando o ano de produção, o estrato qualis da CAPES, bem como os autores e título dos textos.

Tabela 3 - RELAÇÃO DOS ARTIGOS SELECIONADOS

ESTRATO QUALIS CAPES	TÍTULO	AUTORES	ANO DE PUBLICAÇÃO
A2	Capoeira: a memória social construída por meio do corpo	Igor da Cunha et al	2014
	Uma Abordagem Pedagógica para a Capoeira	Bertazzoli, Alves e Amaral	2008
B1	A Capoeira como Escola de Ofício	Silva; Souza Neto e Benites	2009
	Dialogando sobre a Capoeira: Possibilidades de Intervenção a partir da Motricidade Humana	Gonçalves Junior	2009
B2	Educação e Cultura Popular: inclusão social pela capoeira	Palhares	2007
	A capoeira como uma atividade extracurricular numa escola particular: um relato de experiência	Sabino e Benites	2011
	Tensões e conflitos na inserção da Capoeira nas escolas de São José, SC: Propondo uma análise objetiva e subjetiva do processo em andamento	Radicchi e Falcão	2012
	A capoeira na escola e na Educação Física	Melo	2011
	Estilos de ensino e a iniciação da capoeira para crianças de 7 a 10 anos de idade	Heine, Carbinatto, Nunomura	2009
	A capoeira na formação docente de Educação Física	Santos e Palhares	2010

Fonte: criado pelos autores



É possível perceber na tabela 3 os dez textos selecionados para leitura completa. Com isso, buscamos tecer aproximações com a temática dessa pesquisa com as leituras encontradas no nosso estado do conhecimento.

Igor da Cunha *et al* (2014) tratam do percurso históricos percorrido pela capoeira e sobre “a memória social construída por meio do corpo”, durante essa trajetória como indica no título do artigo. Ressalvam ainda momentos importantes para legitimidade da capoeira e mostram a figura dos mestres de capoeira como representantes dessa continuação histórica, por meio da oralidade. Apontam também a importância do mestre Bimba para a criação de um sistema de ensino para essa manifestação cultural, o que dá indícios para pensarmos o entrelaçamento entre os saberes da tradição e as atividades pedagógicas.

Baseando-se nas teorias críticas de ensino, Bertazzoli; Alves e Amaral (2008) fazem relações dessas teorias para pensar metodologicamente sobre o ensino da capoeira na escola. Em seguida, relata a experiência de quatro meses de intervenção em uma escola particular do município de Campinas, São Paulo. Neste artigo, os autores nos mostram a aproximação da capoeira com a escola, partindo de uma experiência de intervenção, onde os alunos pouco conheciam sobre essa manifestação da cultura de movimento.

Os autores Silva; Souza Neto e Benites (2009) buscaram investigar a origem da capoeira, bem como pensar suas relações como escola de ofício. Concluíram que a capoeira não era um ofício e sim, uma prática que fora passada de geração em geração, utilizando-se da oralidade como meio. Neste texto, podemos identificar as relações de ensino que a capoeira foi se apropriando e conseguiu se manter viva na tradição.

Gonçalves Junior (2009) faz reflexões com diferentes autores para pensar possibilidades de intervenções, considerando a subjetividade do sujeito e sua cultura. Faz ainda um breve relato dos percursos históricos da capoeira, que saí das senzalas e ganha o *status* de patrimônio da cultura brasileira.

O autor Palhares (2007) apresenta em seu texto a capoeira como possibilidade de inclusão social, cultural e educativo; defende ainda sua inserção de forma mais incisiva nos ambientes formais de educação e cita as escolas e universidades como exemplo. O texto apresenta ainda processos marcantes no processo de ensino-aprendizagem na lógica da capoeira, refletindo desde seu surgimento com os negros escravizados ao processo de criação de academias de capoeira. Compreendendo a riqueza da capoeira enquanto manifestação cultural, o autor fala da necessidade de oficializar esse ensino em ambientes formais.



Sabino e Benites (2011) traz um texto que relata a experiência com um projeto extracurricular em uma escola religiosa, reafirmando a potencialidade da capoeira no chão da escola. Neste relato, os autores apresentam possibilidades de tratar a capoeira na escola, sem necessariamente, estar diretamente ligada com a disciplina Educação Física.

A pesquisa desenvolvida por Radicchi e Falcão (2012) trata de uma investigação para pensar com a capoeira se insere nas escolas em São José, município de Santa Catarina. Esse estudo fora realizado durante o curso de mestrado de um dos autores, e o lócus de investigação foram duas escolas da rede básica de ensino do município supracitado. No texto os autores também refletem sobre a aproximação da capoeira com a Educação Física, e se esta, é benéfica ou não, e para quem.

Melo 2011 faz uma análise dos documentos oficiais que indicam a presença da capoeira na escola, pensando a sua aproximação com as relações étnico-raciais e com o componente curricular Educação Física. Estabelece ainda reflexões sobre como tem se dado a relação da capoeira na escola.

Os autores Heine, Carbinatto, Nunomura (2009) buscaram aproximar o modelo de ensino de Muska Mosston para pensar o ensino da capoeira para crianças de 7 a 10 anos de idade, proporcionando a iniciação nessa prática. Identificaram que é possível utilizar da proposta de Mosston para orientar o ensino da capoeira. Neste texto, observamos claramente indícios de se pensar o ‘como ensinar’ a capoeira na escola, utilizando-se da lógica acadêmica, apenas. Os autores ainda falam da formação do professor de capoeira que são formados dentro da lógica da tradição e citam estes como despreparados – muitas vezes – por não terem os conhecimentos pedagógicos que é necessário no ato de ensinar.

O último estudo analisado, e não menos importante, traz uma temática que dialoga com o texto anterior. Santos e Palhares (2010) apresenta no seu escrito, argumentos para a apropriação da capoeira pelos professores de Educação Física e afirma que estes possuem a “responsabilidade e o desafio de ensinar este legado da humanidade no âmbito escolar” (SANTOS; PALHARES, 2010, p.1) afirmando que esta manifestação tem crescido como conteúdo da Educação Física e chega a escola em formato de projetos sociais. Tratam sobretudo a importância de pensar “A CAPOEIRA NA FORMAÇÃO DOCENTE DE EDUCAÇÃO FÍSICA” como indica no título do artigo.

Com isto, podemos afirmar que o cenário do estado do conhecimento se configura de forma incipiente, poucos textos foram selecionados por não apresentarem aproximações com os saberes da tradição e os conhecimentos acadêmicos. O hiato na produção do conhecimento



que estabeleça relações diretas com os saberes da tradição, especificamente na capoeira, nos impulsiona a desenvolver esta pesquisa, buscando utilizar esses distintos conhecimentos a favor da expansão da capoeira.

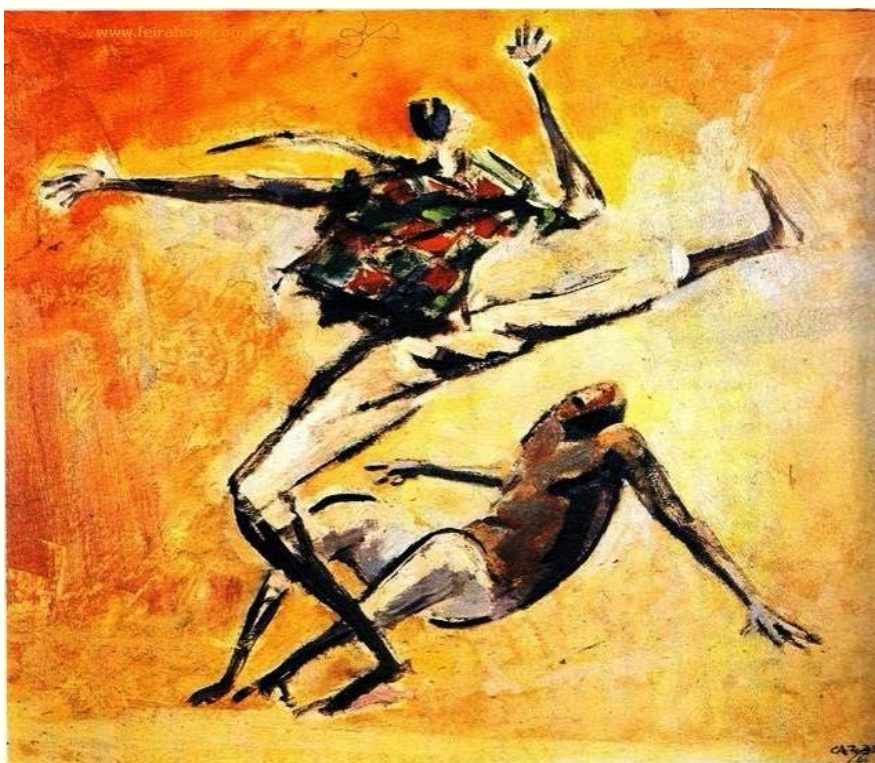
Ademais, é notório que os textos tencionam o debate para o ensino da capoeira numa perspectiva acadêmica, formalizada pelo viés da educação tradicional, concretizados pela prática da capoeira na escola ou com experiências que ramificam da universidade. Analisando os dez textos acima encontrados em nossas buscas, apenas dois deles dialogam ou se aproximam mais do campo da tradição.

Isto é um apontamento de como nossos estudos sobre capoeira têm se afastado do espaço onde ela se originou. Outro dado revelado após este levantamento foi que nenhuma destas produções buscou dialogar ou complementar os saberes que advém do espaço da tradição com os conhecimentos produzidos academicamente; ou se fala de uma perspectiva da capoeira enquanto prática tradicional, enraizada na cultura, com os olhares voltados a ouvir os mestres e praticantes; ou relatam experiências de estudos da capoeira no âmbito formal de ensino. Neste último caso de forma inflacionado, como foi percebido.



CAPÍTULO 2

NA RODA DOS SABERES JOGAM OS MESTRES E A ACADEMIA: UM DIALOGO POSSIVEL



CARYBÉ

Este capítulo versa dialogar sobre saberes que advém de espaços distintos para pensar as questões do ensinar e aprender capoeira. Compreendemos a necessidade de buscar no campo da tradição da capoeira, os saberes que lá são construídos, bem como reconhecer o esforço do espaço acadêmico enquanto produtores e divulgadores, também, da capoeira. Aqui entrelaçamos os saberes próprios dos sujeitos que são os mestres de capoeira e os conhecimentos sistematizados por uma instituição, representado pela universidade enquanto espaço de construções de saberes acadêmicos. Esse diálogo é intencionalmente proposto para entrelaçar saberes próprios dos sujeitos e do espaço acadêmico, mesmo com lógicas distintas.

Nestas intenções, este capítulo está focalizado em duas perspectivas de se pensar a capoeira, a saber: a tradição e a academia. Buscamos aqui analisar os discursos dos mestres de capoeira, inclinando nossa atenção para identificar o que estes sujeitos têm a depor sobre o ensino da capoeira, suas experiências e considerações a respeito desta manifestação. Em seguida, vamos aos livros produzidos no seio do campo acadêmico para também identificar o que os pesquisadores têm produzido sobre capoeira e o que estes – não necessariamente praticantes, mas se propõem pensar sobre – têm indicado sobre o ensino de capoeira.

3.1 - CONSIDERANDO O SABER DA TRADIÇÃO: REFLEXÕES E INTERPRETAÇÕES DA FALA DOS MESTRES DE CAPOEIRA

Esta pesquisa trata-se de uma imersão no mundo da capoeira, especificamente sobre suas questões relacionadas ao ensino, com isso invocamos a problemática apresentada por Barbieri (2013):

“Por certo, a Capoeira como uma manifestação cultural do povo, ao ser submetida ao processo de institucionalização escolar, o qual, como se sabe, apoderou-se do saber, do conhecimento, dos valores e atitudes que, ainda, não tinham sido “matriculados” na Escola, sofre significativas transformações! Certamente, modificações profundas acontecem quando, insistentemente, tenta-se cultivar uma palmeira do mangue nas areias de Copacabana!” (BARBIERI, 2013, p. 14)

De maneira incisiva, o autor fala do processo de escolarização da capoeira como uma submissão a este universo escolar, pois afirma que a capoeira está longe de fazer parte dos processos formais de ensino, indicando transformações significativas. Mas, será que a capoeira se desconfigura ao chegar na escola? E porque não é potencializada ao ganhar um novo espaço para propagação dos seus saberes? São essas questões que nos impulsionam a pensar sobre esses processos educativos.



Sabemos que as práticas corporais desenvolvidas no cerne da tradição mudam ao chegar na sala de aula, são ressignificações desses saberes. Uma capoeira desenvolvida nas ruas e nas academias de capoeira, dificilmente será a mesma na escola. No entanto, isso não altera a relevância do processo da compreensão desta manifestação.

Desta forma, conversamos com os mestres dessa manifestação da cultura afro-brasileira, em formato de entrevistas semiestruturadas individuais, utilizando recursos do audiovisual, a fim de compreender tais inquietações.

Na busca de atender nosso objetivo, utilizamos os temas da unidade de sentido para dar contexto ao que nos propomos, que é entender como acontece o processo de ensino-aprendizagem no campo da tradição da capoeira. Salientamos que os sujeitos participantes da nossa pesquisa são todos do sexo masculino, pois não havia nenhuma mestra de capoeira presente no evento onde foi realizado o levantamento das informações, e no contexto da capoeira ainda são poucas mulheres com essa titulação, quando comparada aos homens.

Para refletir sobre o que os mestres de capoeira entrevistados pensam e executam em suas academias e espaços de intervenção sobre o ensino da capoeira, nós iniciamos nossos questionamentos a fim de entender como eles conheceram e se aproximaram da capoeira enquanto prática corporal. Em seguida, questionamos a esses sujeitos o que é capoeira, buscando compreender a partir de suas narrativas a complexidade dessa manifestação. Com intenção de problematizar nossos debates sobre os processos de ensinar e aprender capoeira, direcionamos os questionamentos para identificar como se deu a experiência – de cada um dos mestres entrevistados – com o saber da capoeira advindo do universo da tradição, bem como identificar como eles propagam esse conhecimento. Destarte, finalizamos com o olhar dos nossos entrevistados para pensar a capoeira dentro do universo escolar.

3.1.1 – A APROXIMAÇÃO DOS MESTRES ENTREVISTADOS COM A CAPOEIRA ENQUANTO PRÁTICA CORPORAL

Para melhor compreender o que os mestres pensam sobre a relação do ensinar e do aprender capoeira, reconhecemos que precisaríamos conhecer a história de cada um deles com essa prática corporal, para assim estabelecer relações e aproximações com suas práticas e modos de ensinar. Pois considerando o saber da tradição, na perspectiva da transmissão oral, a maneira pela qual foi ensinada diz muito sobre como o sujeito irá dar continuidade nessa socialização do saber. Esta é por tanto, uma característica muito forte da cultura oral e dos saberes cultivados na tradição.



Neste sentido, surgiu o tema da aproximação dos sujeitos entrevistados com a capoeira, onde pela recorrência das falas dos mestres, identificamos e debatemos sobre este assunto. A figura 1 aponta três palavras que representam a unidade de sentido expressas nas narrativas dos nossos seis entrevistados. Guiados por essas recorrências, segue nossas discussões sobre a aproximação dos sujeitos da pesquisa com a capoeira enquanto prática corporal.

Figura 1 - CARACTERIZAÇÃO DA APROXIMAÇÃO DOS SUJEITOS COM A CAPOEIRA



Fonte: sistematizada pelos autores

Meu nome é Raimundo Cesar Alves de Almeida e eu comecei na capoeira em 22 de setembro de 1964 com o Mestre Bimba. Mais tarde quando Mestre Bimba disse que ia embora pra Goiânia eu fundei em 72 a Ginga Associação de Capoeira onde desenvolvo o trabalho de capoeira aprendido com ele. (MESTRE ITAPOAN, 2016)

Segundo o relato de um dos alunos do Mestre Bimba, iniciaremos conhecendo a história de Mestre Itapoan, como conhecido na capoeira, sobretudo na linha da capoeira regional⁶, estilo desenvolvido pelo seu mestre. Em seu relato, percebemos o elemento da perpetuação da tradição, ao afirmar que deu continuidade aos trabalhos com a capoeira, a partir do que apreendeu com o seu mestre. E, se a capoeira é tradicionalmente passada do mestre para o aprendiz, com quem o Mestre Bimba aprendeu essa manifestação? De acordo com Sodré (2002) “o baiano Bimba foi iniciado pelo africano Bentinho no jogo nacional da capoeira.” (SODRÉ; 2002, p. 38). Porém, não é nosso intento fazer a arqueologia do saber da tradição oral neste estudo.

O nosso segundo entrevistado é o Edimilson Luiz da Silva ou Mestre Canelão, assim conhecido no contexto da capoeira. Sua aproximação aconteceu através das narrativas contadas pelo seu avô sobre capoeira e “pernadas” dos negros. Seu avô, descendente de africanos, possuía em sua memória diversas histórias dos negros escravizados. Assim, o

⁶ A capoeira regional é um estilo da capoeira criada e desenvolvida pelo baiano Manoel dos Reis Machado, mais conhecido como Mestre Bimba. Possui características de um jogo mais rápido, com um corpo mais longe do chão, a bateria é formada com apenas um berimbau e dois pandeiros. Teve como referência a capoeira angola e o batuque.



Mestre Canelão soube da existência da capoeira, pelas histórias contadas e pesquisas incipientes, pois não tinha acesso direto com essa prática corporal por residir na cidade do Natal/RN, geograficamente localizada distante da cidade de Salvador/Bahia, considerada o berço do desenvolvimento da capoeira no Brasil, onde é referência até os dias atuais e que foi sendo difundida aos poucos a todo território nacional, e a *posteriori* a nível internacional.

Mestre Elias, teve sua primeira experiência com capoeira em 1968, na cidade do Recife, porém desenvolveu a prática da capoeira no estado do Rio de Janeiro. Já o Manuel Matias Lopes, conhecido como Mestre Matias, iniciou capoeira aos 13 anos de idade no estado de Minas Gerais. Partindo para o Distrito Federal, temos o Mestre Paulão como representante.

Imagem 2 - Momento da entrevista



Fonte: arquivo do Laboratório de Estudos em Educação Física, Esporte e Mídia –LEFEM

Mestre Paulão veio à capoeira em 1964, garoto pobre, que não tinha a mínima condição de frequentar uma academia. Não era nem capoeira naquela época, era pernada carioca. Então a gente praticava pernada carioca num grupo de rapazes, que antes da gente jogar bola, que era pelada que a gente falava, a gente fazia um “baba”, fazia um conjunto de pernada, e daí eu comecei a pegar gosto pela pernada carioca. (MESTRE PAULÃO, 2016)

Já o encontro do Mestre Pombo de Ouro com a capoeira, se deu depois de visualizar uma roda de capoeira angola⁷ nas ruas da cidade de Salvador, local onde ele residia. “Quando

⁷ A capoeira angola, como ficou conhecida após a criação do estilo regional, ganhou este nome por ser praticada por muitos africanos advindos da região de Angola do continente africano. Possui um jogo mais rasteiro, com



eu vi uma roda no terreiro de Jesus, quando eu olhei, eu falei: “é isso aí que eu quero”. (MESTRE POMBO DE OURO). Decidido que queria fazer capoeira, foi indicado por um colega de trabalho que lhe apresentou a academia do Mestre Bimba, o primeiro espaço destinado ao treinamento sistematizado da capoeira em Salvador, onde iniciou seus treinamentos.

Considerando os relatos acima, percebemos que este é o cenário de aproximações dos nossos entrevistados com a capoeira, em seus respectivos estados e com experiências distintas. No entanto, algumas considerações são importantes a serem feitas, como observar que o cenário de encontro dos sujeitos com a capoeira foi caracterizado pelos espaços informais de ensino, nenhum dos mestres aprendeu capoeira na escola, com livros ou na universidade. Foram nas ruas, com indicações de familiares ou amigos que este encontro aconteceu, os espaços informais eram os espaços dos contatos dos mestres com essa prática corporal. Não obstante, todos progrediram na prática e hoje possuem a titulação de Mestre, concedida aqueles que representam os saberes da capoeira.

3.1.2 – SOBRE AS CONCEPÇÕES DOS ENTREVISTADOS A RESPEITO DO QUE É CAPOEIRA

Na perspectiva acadêmica, o campo do conhecimento da Educação Física senti dificuldade em definir a capoeira apenas como jogo, dança, luta ou esporte. Neste sentido, buscando fazer esse questionamento aos mestres; a final o que é capoeira? No intuito de ouvir o que a tradição tem a falar sobre isso, nos surpreendemos com a profundidade das respostas. Sistematizada a partir da recorrência presente nas narrativas dos mestres, a figura 2 representa de forma sintetizada as respostas ao nosso questionamento.

Figura 2 - O QUE É CAPOEIRA?



Fonte: sistematizada pelos autores

ritmo mais lento e o corpo próximo ao chão. Considerada a “capoeira mãe”, um nome forte que destacou-se no universo da capoeira angola foi o do baiano Vicente Ferreira Pastinha, conhecido popularmente como Mestre Pastinha.



Quando questionados sobre o que é capoeira para cada entrevistado, as respostas passam por uma enorme dimensão simbólica e intrinsecamente relacionados a suas experiências.

É muito difícil! As pessoas acham que falar de capoeira é muito fácil. Mas cada pessoa que você pegar vai dar uma definição diferente sobre capoeira. Eu lembro que uma vez perguntaram ao mestre Pastinha o que era capoeira e ele disse: Capoeira é tudo que a boca come! E parou e a repórter ficou fora do ar, porque não dava pra ela alcançar o que era isso, entendeu? Então muitas pessoas tratam a capoeira como uma filosofia de vida, não é? Como um tema para arte, como terapia, como ginástica, como luta de defesa pessoal. A capoeira é muito rica, você trata ela do jeito que você quiser, então é muito difícil você dizer em uma frase o que é capoeira. Capoeira é tudo! (MESTRE ITAPOAN)

Notamos a singularidade e a relação única de cada sujeito com essa manifestação da cultura de movimento. Na narrativa acima, o Mestre inicia reforçando que a capoeira enquanto prática corporal, estabelece relações distintas com os diferentes sujeitos que a vivem. O Mestre Itapoan aponta ainda as múltiplas formas de se pensar e desenvolver a capoeira, estabelecendo correlações com o campo da Educação Física, podemos perceber sua relação com o jogo, luta, ou até com as atividades rítmicas.

Ainda nessa definição inicial sobre a capoeira e o que ela representa, outro mestre expressa a dimensão simbólica da liberdade, sentimento inerente a esta prática por todo seu contexto histórico de luta contra a repressão. “Então capoeira pra mim é sinônimo de liberdade” (MESTRE CANELÃO). Outros dois entrevistados a consideram como modo de regimento de suas vidas. “Capoeira pra mim é vida, é tudo... Hoje eu tenho a capoeira como filosofia de vida” (MESTRE ELIAS). Nessa perspectiva, o Mestre Paulão ao recordar sua história com a capoeira, corrobora e afirma que “a capoeira pra mim é a vida toda.” (MESTRE PAULÃO)

Dantas Junior (2016, p. 39) ao falar da capoeira como luta, jogo, dança, ritmo, nos questiona sobre “o que privilegiamos ao assistir a uma roda de capoeira”? Comungando dessa ideia de privilegio ou escolha, voltaremos ao conceito central de Charlot (2000) da necessidade da relação com o saber ali posto, onde se faz necessário estabelecer relações entre sujeito-sabe, e só desta forma somos capazes de imprimir nossas marcas e concepções sobre este saber.

As representações corporais expressas no jogo da capoeira transcendem a ideia do movimento pelo movimento, confirmando também o conceito de cultura de movimento que



considera o jogador enquanto sujeito histórico, social e cultural. O fato da capoeira desenvolver a possibilidade de interpretação pessoal de sua essência e fugir da simples prática do movimento descontextualizado, é possível identificar forte relação com o processo de ensino-aprendizagem, onde é de suma importância as impressões do sujeito para dar sentido e significado a tal processo.

Retomando as nossas entrevistas, é notório na fala dos mestres a imbricação de suas relações afetivas na tentativa de definição do que é capoeira, considerando que esta prática corporal foi moldando seus estilos de vida. Nenhum deles tentam enquadrá-la em padrões já estabelecidos, como as manifestações de luta, jogo, dança; para eles a compreensão sobre o que é capoeira transcende a esses padrões. Ao ser questionado se era possível encaixar a capoeira em alguma dessas definições, Mestre Elias diz: “Não, não, não... Não tem quem consiga fazer isso aí. Quem conseguir, vai perder o melhor da capoeira, né? A capoeira é cultura, né? É 100% cultura, né? ” Na área da Educação Física, campo do conhecimento que pensa de forma sistematizada as práticas corporais, também não conseguiu defini-la por excelência. Neste sentido, nos questionamos se uma prática corporal constituída com diversos saberes e culturas, enraizada com processos políticos e de causas sociais, atualmente considerada pelo IPHAM como patrimônio cultural do Brasil, se realmente se faz necessário afirmá-la enquanto manifestação cultural.

Se nos determos o que expressam o saber da tradição – aqui manifestado pelas falas dos mestres de capoeira – percebemos que todos caminham para uma perspectiva de ampliação desse debate, levando-nos a pensar a capoeira enquanto prática corporal, mas que também envolvem outros fatores. Sejam sobre as relações pessoais como a relação mestre-discípulo, quer seja na prática como manifestação de liberdade ou estilo de vida. Neste sentido, o conceito de capoeira apresentado pelos mestres apresenta um sentido ampliado, nenhum manifesta conceito fechado – o que é próprio do mundo acadêmico -, mas ampliam o debate a partir de suas experiências e vivências, o que dialoga mais com a tradição.

3.1.3 – SOBRE OS PROCESSOS DO APRENDER E ENSINAR CAPOEIRA A LUZ DA TRADIÇÃO

Refletir sobre os processos do ensinar e do aprender capoeira a partir da tradição, é sobretudo respeitar uma tradição na qual a capoeira foi constituída. Nesta inclinação para ouvir o que os saberes da tradição têm a dizer sobre como se ensina e aprende capoeira nesta perspectiva, é que indagamos aos mestres como são suas experiências quando estão exercendo



sua função de professor nos seus espaços de ensino, e lembrando se há relações como quando aprenderam essa manifestação cultural. Certos que cultura oral é destaque nesse processo, elencamos três palavras representadas pela figura 3 que expressam a reincidência na fala dos nossos entrevistados quando nos portamos a essa problemática de como se aprende e se constrói os saberes inerentes a capoeira.

Figura 3 - DAS RELAÇÕES COM O SABER DA TRADIÇÃO



Fonte: sistematizada pelos autores

A fracionalização dos saberes, entre o que é científico e que advém da tradição, tem gerado uma hierarquização entre os conhecimentos. Concordamos com Almeida (2010) ao referenciar Lévi-Strauss (1976) quando sugere que:

Apesar de se valerem dos mesmos atributos cognitivos que constituem a unidade do pensamento humano, essas duas formas de conhecimento – cultura científica e saberes da tradição – se pautam por distintas estratégias de pensamento: uma mais próxima da lógica do sensível, outra mais distante dela. (LÉVI-STRAUSS; 1976 *apud* ALMEIDA, 2010, p. 48)

Neste sentido, a autora segue refletindo sobre as sobreposições dessas diferentes formas de enxergar o mundo e é contrária a negação de qualquer saber, em detrimento a outro.

Nesta perspectiva, buscamos compreender como os mestres entrevistados se relacionavam com a forma em que eles aprenderam a capoeira com seus respectivos mestres e se eles seguem a mesma estrutura para dar continuidade no processo de transmissão dessa tradição. Foi notório em diversas falas as questões didáticas no ato de ensinar, além de imprimirem suas impressões em suas aulas. “Não é você dar aula a dez. É você dar aula a cada um, porque cada um é cada um” (MESTRE POMBO DE OURO). Apesar da não formação acadêmica, a lógica do ensino pela cultura oral preocupa-se também com as necessidades da adaptação a cada sujeito que se propõe a aprender, pois compreendem da necessidade individual – sem esquecer do coletivo - que os sujeitos em processo de aprendizagem carecem.



Entendendo que os mestres de capoeira formam alunos, logo lhe ofertam aulas dessa prática, questionamos como eles elaboram suas aulas e se ensinam capoeira da mesma forma que aprenderam com seus professores. Fica explícito na fala dos entrevistados a respeitabilidade para com o que aprenderam com seus mestres e que possuem esses ensinamentos como base, porém não os limitam em acrescentar suas impressões individuais e fazerem diferentes.

É complicado assim, porque Mestre Bimba começou a ensinar capoeira, quando ele dava aula de capoeira, ele sempre pegava o aluno de um em um. Hoje você pega uma sala de 30 alunos, 40 alunos, 50 alunos, não vai. E tem mais, você tem que se adaptar e daqueles 30 alunos vão ter 10 que o biótipo não é igual, os biótipos não são iguais. Aí você tem que fazer uma preparação de uma ginga, como é que você vai ensinar essa ginga pra todo mundo? Sabe... isso é coisa de cada mestre, de cada pessoa, eu tenho o meu jeito de tentar passar isso pra todo mundo. **E de repente, na mesma turma trabalhar uma criança e um adulto e conseguir que os dois joguem capoeira**, fazer com que os dois tenham esse sincronismo. Então isso é a magia que a capoeira oferece pra você e da essa condição. Entendeu? Eu pelo menos sei fazer isso aí, mas é uma coisa sabe, de cada mestre, de saber como é que vai transmitir. (MESTRE CANELÃO, grifo nosso)

Corroborando com a fala acima, o Mestre Itapoan nos traz uma reflexão importante sobre as mudanças que são necessárias pelo condicionante tempo.

Agora a base do ensinamento do meu grupo é base que me Mestre Bimba me passou, com pequenas variações que eu tive que fazer, por exemplo: A academia do mestre Bimba era do tamanho da roda aqui, né, então ele pegava na mão de todo mundo pra ensinar a gingar individualmente e essa parceria mestre-aluno. Hoje eu chego numa aula, tem 200 pessoas, não posso fazer isso se não acaba a aula e eu não dou aula. Então tem que fazer uma coisa mais aeróbica, todo mundo lá e eu na frente e todo mundo repete meu movimento. Isso é uma variação dos tempos modernos, mas a base, a movimentação dos golpes e a filosofia é a mesma. (MESTRE ITAPOAN)

A particularidade no ato de ensinar varia em relação a cada mestre, no entanto, podemos verificar no relato do Mestre Canelão elementos pedagógicos, tais como a preocupação com o sujeito aprendente e sua singularidade. Ainda considerando as adaptações nas aulas, o Mestre Matias ao relembrar a forma muito técnica e rígida na qual aprendeu capoeira com seu mestre, afirma que ensina de forma distinta daquela na qual aprendeu. “Mas eu aprendi a Capoeira diferente do que hoje eu ensino” (MESTRE MATIAS). Ou seja, outras metodologias de ensino foram recriadas como também nos relata o Mestre Elias.



“Eu modifiquei bastante, né? Eu tive o aprendizado... é como você um dia, você vai se formar e você já vai começar a ver de uma forma diferente. Você já vai trilhar outros caminhos, respeitando suas origens, entendeu? Mas, é isso aí, você vai sempre mudar um pouco as coisas.” (MESTRE ELIAS)

Ainda pensando nessa relação ensino-aprendizagem e como os mestres de capoeira compreendem essa ação, o Mestre Itapoan relata sobre processos que são inerentes a prática da cultura oral.

Então, a transmissão oral quando você fala você perde muita coisa, na transmissão oral, né. Porque quem conta um conto aumenta sempre um conto, né?! Diz o ditado. Então alguns mestres contam a capoeira que viram no passado de um jeito, outros contam de outro e as vezes as pessoas dizem “ah, isso é mentira! ”. Não, é mentira, são verdades diferentes. Eu olho um jogo e você olha um jogo nós não vamos ver o mesmo jogo, sua ótica é diferente da minha. E ai os mestres viam aquelas coisas que aconteciam naquela hora ali da maneira dele e transmite aos alunos da maneira dele. Então são verdades, não são mentiras. Por mais absurdas as vezes que seja, a gente tem que encarar como que essa é a verdade daquele cara, e ele passou pros seus alunos aquela verdade e os alunos acreditam nela. Então a gente não pode criticar isso. (MESTRE ITAPOAN)

Pedagogicamente, no contexto da capoeira regional, Mestre Bimba sistematizou um método de ensino na capoeira que ficou conhecida como “Sequência de Mestre Bimba”. Nessa sequência de ensino, o mestre buscou agrupar golpes e esquivas da capoeira com a prerrogativa de que a partir delas, o aluno aprenderia as movimentações básicas da capoeira e poderia assim, recriar novas sequências, potencializando o seu jogo. (SODRÉ, 2002)

Na imagem 3, podemos visualizar os movimentos planejados para cada sequência, totalizando em oito agrupamentos de golpes e esquivas. Todos foram pensados para serem realizados em duplas.



Imagem 3 - Sequência do Mestre Bimba

Primeira Sequência		Quinta Sequência	
Aluno 1 Meia-Lua de frente Meia Lua de frente c/ armada Aú Rolê	Aluno 2 Cocorinha c/negativa Cocorinha Cabeçada	Aluno 1 Giro Joelhada Negativa Aú Rolê	Aluno 2 Cabeçada Negativa Cabeçada
Segunda Sequência		Sexta Sequência	
Aluno 1 Queixada Queixada Cocorinha Benção Aú Rolê	Aluno 2 Cocorinha Cocorinha Armada Negativa Cabeçada	Aluno 1 Meia-Lua de Compasso Cocorinha Joelhada Aú Rolê	Aluno 2 Cocorinha Meia-Lua de Compasso Negativa Meia-Lua de Cabeçada
Terceira Sequência		Sétima Sequência	
Aluno 1 Martelo Martelo Cocorinha Benção Aú Rolê	Aluno 2 Banda Banda Armada Negativa Cabeçada	Aluno 1 Armada Armada Negativa Cabeçada	Aluno 2 Cocorinha Cocorinha Benção Aú Rolê
Quarta Sequência		Oitava Sequência	
Aluno 1 Goldeme Goldeme Arrastão Aú Rolê	Aluno 2 Bloqueio Bloqueio Galopante Negativa Cabeçada	Aluno 1 Benção Aú Rolê	Aluno 2 Negativa Cabeçada

Fonte: Fundamentos da capoeira – disponível em

<<http://origemdacapoeira.blogspot.com.br/2015/05/sequencia-de-bimba.html>> 31 de junho de 2017

Segundo Mestre Paulão:

Quando o Mestre Bimba criou a sequência de ensino, ele contou de zero a nove. Ele teve uma contagem, ele teve uma base pra você seguir a capoeira. Aí o cara faz: Mas como assim? Aí eu falo: Quem não sabe contar, não sabe matemática. Não sabe as operações. Se você não conhece de zero a nove, como é que você vai brincar com os números, rapaz? Se você não conhece a sequência de ensino de Mestre Bimba, como é que você vai ser capoeira? (MESTRE PAULÃO)

Ao falar da sequência criada pelo Mestre Bimba, o nosso entrevistado se refere a sequência de movimentos como uma metodologia de ensino muito eficiente para a formação de um capoeirista. Personagem importante no universo capoeirístico, Mestre Bimba é homenageado por Luiz Fernando Goulart, que dirige um filme documentário intitulado “Mestre Bimba, a Capoeira Iluminada” desenvolvido pela Lumen Produções que trazem relatos dos alunos do Mestre Bimba e que falam da sua trajetória e experiências pessoais com esse sujeito, enfatizando sua importância para o desenvolvimento da capoeira.



No livro Mestre Bimba, corpo de mandiga escrito por Muniz Sodré, o autor fala da experiência ou técnicas de ensino utilizado pelo Mestre Bimba.

Tradicionalmente, o mestre não ensinava a seu discípulo, pelo menos no sentido que a pedagogia ocidental nos habituou a entender o verbo ensinar. Ou seja, o mestre não verbalizava, nem conceituava o seu conhecimento para transmiti-lo metodicamente ao aluno. **Ele criava as condições de aprendizagem** (formando a roda da capoeira) e assistia a ela. Era um processo sem qualquer intelectualização, como no zen, em que se buscava um reflexo corporal, comandado não pelo cérebro, mas por alguma coisa resultante da sua integração com o corpo. (SODRÉ; 2002, p. 38, grifo nosso)

Novamente ao emergir na perspectiva de como os mestres de capoeira atuam para ensinar essa prática corporal, percebemos elementos didáticos, como promover “condições de aprendizagem” (SODRÉ, 2002, p.38) para levar o aluno a compreender os elementos da capoeira que se concretizam na roda, ou seja, no jogo da capoeira.

3.1.4 – SOBRE A CAPOEIRA NA ESCOLA: O QUE OS MESTRES PENSAM SOBRE ISSO

Figura 4 - A CAPOEIRA NA ESCOLA



Fonte: sistematizada pelos autores

O conhecimento escolar/saber escolar é um recorte do conhecimento sistematizado, produzido historicamente pelas pessoas nas relações sociais e com a natureza, que passa a ser dosado e sequenciado para efeitos de ensino-aprendizagem na escola ao longo de um tempo determinado. (PALMA; OLIVEIRA; PALMA; 2010, p.49)

Partindo deste preceito e considerando o saber da capoeira como algo historicamente construído e que constantemente sofre ressignificações, desejamos refletir como se dá a aproximação da capoeira com a escola, pois são espaços e lógicas distintas.

Pensando no âmbito escolar, destacamos as experiências dos entrevistados com o ensino da capoeira neste contexto e o que eles compreendem desse espaço. Essa aproximação pauta-se na concepção de uma educação mais ampla, onde “a educação enquanto processo de formação e desenvolvimento do ser humano, está diretamente relacionada às concepções e aos



valores morais e sociais que regem a sociedade” (PALMA, OLIVEIRA E PALMA, 2010, p. 31).

Compreendendo a cultura como espaço onde permeiam esses valores, notamos nas falas dos Mestres Canelão e Matias o relato da dificuldade em trabalhar a capoeira na escola pela não colaboração do corpo gestor, o que dificulta o processo de ensino. “Uma barreira maior é que os próprios educadores, os próprios diretores de escola não conhecem nada da nossa cultura, nada sobre capoeira” (MESTRE CANELÃO).

É conflituoso perceber a impressão dos Mestres ao se referirem aqueles que compõem a escola, afirmando que estes não conhecem nada sobre nossa cultura e sobre a capoeira. Nos questionamos se realmente seria falta de conhecimento sobre esses saberes ou se seria pouca apropriação por parte dos professores e/ou gestores. Nossa hipótese é que essa percepção seja algo construído a partir das barreiras que estes mestres tenham vivenciado ao tentar se aproximar do contexto escolar.

Neste sentido, a inserção da capoeira na escola não garante a apropriação dessa cultura naquele espaço se não houver colaboração de todos envolvidos. As relações estabelecidas entre os sujeitos que constituem a comunidade escolar – tais como o corpo docente, equipe gestora, alunos e sociedade – bem como os conhecimentos desenvolvidos nela, são preceitos que devem estar pautados no projeto político-pedagógico (PPP) dessas instituições. Pensar em uma escola dialógica e que mantém suas ações interligadas, é pensar em um ensino que produz mais sentido e significado aos indivíduos que participam desse conjunto.

Voltando a pensar a capoeira no contexto escolar, buscando compreender o que é essencial a ser ensinado na escola, destacamos o discurso onde a ludicidade aparece como elemento chave. “A capoeira na escola você não pode levar ela como um desporte, ‘tem que ser assim’, engessar a capoeira, você tem que trabalhar a parte lúdica da capoeira” (MESTRE PAULÃO). Destacamos essa fala, expressa também por outros mestres, da necessidade de levar a capoeira para a escola de forma contextualizada e divertida, na intenção de se fazer essa manifestação conhecida e experimentada.

Uma questão relevante para discussão foi levantada pelo Mestre Itapoan, que interroga em saber se a capoeira é da escola ou na escola.



Mas quando você fala de capoeira na escola precisa saber se é capoeira da escola ou capoeira na escola, num é? [Sic]⁸ Porque capoeira na escola eu levo a capoeira lá e mostro ela pras pessoas e digo o que é... a capoeira da escola ela não tem mestre, ele tem uma pessoa que transmite isso pra aqueles alunos da escola e se a direção da escola não estiver satisfeita, você muda, vem outro que vai passar outro tipo de conhecimento pra aquelas pessoas. Então não há um seguimento, não há uma fidelidade única pra os capoeiristas seguirem, certo? Agora é um grande meio de educação, se ela bem utilizada é uma ferramenta fantástica pra você educar. (MESTRE ITAPOAN)

Neste levantamento, o entrevistado faz uma diferenciação entre uma capoeira que é levada a escola e outra que lá é desenvolvida. Neste momento, ao afirmar que a capoeira da escola não possui mestre, ele quer dizer que não há uma linha de tradição a ser seguida, tão pouco o mestre como referência. O que não quer dizer que o professor que desenvolve um trabalho de capoeira na escola – podendo até ser um mestre de capoeira – não tenha a qualidade de ensinar como se pressupõe que aconteça nos centros de capoeira; no entanto, o entrevistado afirma isso pontuando que das mais distintas formas de ser abordada na escola, é uma potência para pensar a capoeira no processo formativo dos alunos. Contudo, a noção de capoeira da escola ou na escola reflete uma cisão entre essas formas de vivenciar a capoeira no contexto escolar.

No universo capoeirístico a tradição torna-se algo muito singular, os centros de capoeira como ensino não-formal é condicionada as experiências de cada mestre(a)/professor(a) que ensina naquele espaço. Os saberes da tradição como elemento dinâmico na cultura permitem as modificações por quem a perpetua no tempo e no espaço, adicionando suas referências e experiências pessoais. Cada mestre(a) de capoeira segue uma perspectiva, seja ela da capoeira angola ou da capoeira regional, o que já indica muito sobre como esse processo de ensino será realizado. Além disso, como já foi mencionado, a experiência desse sujeito nesta prática dirá muito sobre sua forma de ensinar.

Na capoeira angola têm-se uma prática de conservação dos costumes, resgatando uma vivência da capoeira primitiva, ou com as “raízes da capoeira” como costumam chamar os seus praticantes, com ensino pautado na imersão do capoeirista nesse contexto. Já na capoeira regional o ensino está pautado na sistematização dos conhecimentos, em uma ordem de complexidade dos movimentos, seguindo a referência da sequência de ensino criada por

⁸ O [SIC] é uma ferramenta utilizada para indicar ao leitor que o texto foi escrito tal como foi pronunciado, mesmo que não obedeça às normas culta da linguagem formal. No entanto, não adotaremos esta ferramenta como atitude da pesquisa, expressando nosso respeito a fala dos nossos entrevistados.



Mestre Bimba, o criador da capoeira regional. Em ambos estilos, a capoeira tende-se a ser ensinada na mesma perspectiva em que foi aprendida, adicionando também suas experiências.

3.2 NA RODA DOS SABERES JOGAM A TRADIÇÃO E A ACADEMIA: UM DIÁLOGO POSSÍVEL

3.2.1 – MAPEAMENTO DAS OBRAS

Para nosso estudo selecionamos cinco obras que são referências na área da Educação Física escolar e apresentam propostas metodológicas para o ensino da capoeira na escola, são elas: Metodologia do Ensino de Educação Física; Educação Física e a organização curricular; Para Ensinar Educação Física: possibilidades de intervenção na escola; Práticas Corporais e a Organização do Conhecimento: Lutas, Capoeira e Práticas Corporais de Aventura; Ensinando e Aprendendo Esportes no Programa Segundo Tempo.

Abaixo seguem destacados nos quadros o que cada obra acima mencionada aponta como caminhos metodológicos para o ensino da capoeira na escola. Os quadros apresentam-se com o título da obra e os desdobramentos considerados importantes para o acionamento dessa prática na escola.

No livro Metodologia do Ensino de Educação Física, também conhecido como Coletivo de Autores, foi desenvolvido como o nome sugere, por um grupo de seis professores/pesquisadores da área da Educação e da Educação Física, que buscaram avançar nas concepções da área, por este motivo esse documento possui forte importância histórica para o campo da Educação Física escolar. Editorado pela Cortez, o livro foi publicado no ano de 1992. Diferentemente das obras a seguir, este apresenta a capoeira de maneira menos detalhada, focando a sua prática na escola como experiência cultural, histórica e social.

Quadro 1 - METODOLOGIA DO ENSINO DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Defende o ensino da capoeira na escola como prática cultural, contextualizada em seu momento histórico e político.
--

Fonte: COLETIVO DE AUTORES (1992)

O livro “PRÁTICAS CORPORAIS E A ORGANIZAÇÃO DO CONHECIMENTO: Lutas, Capoeira e Práticas Corporais de Aventura” é uma das quatro obras que compõem uma organização desenvolvida pelo Programa Segundo Tempo (PST), da Secretaria Nacional do



Esporte, que vislumbra em suas ações a efetivação de materiais pedagógicos. Esta coleção busca sistematizar os conhecimentos da cultura de movimento e caracteriza-se pelas proposições metodológicas/pedagógicas dos conteúdos da Educação Física.

Publicado em 2014, a coleção “Práticas corporais e a organização do conhecimento” dedica um capítulo para capoeira enquanto prática corporal e a organiza com a exposição teórica da capoeira, suas características e percurso histórico, apresenta sugestões sobre como o professor pode ensinar a capoeira, além de propor uma sistematização de dez planos de aulas.

Quadro 2- PRÁTICAS CORPORAIS E A ORGANIZAÇÃO DO CONHECIMENTO: Lutas, Capoeira e Práticas Corporais de Aventura

ASPECTOS ESSENCIAIS A SEREM ENSINADOS SOBRE A CAPOEIRA					
Origem e histórico da capoeira: da proibição ao patrimônio cultural	A contribuição dos negros na sua construção cultural	Elementos constituintes: movimentos básicos da capoeira	Vertentes da capoeira angola (Mestre Pastinha) e regional (Mestre Bimba)	A roda da capoeira: regras básicas	Instrumentos e musicalidade

Fonte: González; Darido; Oliveira (2014)

A obra “Ensinando e aprendendo esportes no programa segundo tempo”, foi publicado em seu segundo volume no ano de 2011, pela editora EDUEM. Organizado pelos autores Oliveira; Kravchychyn; Moreira e Pereira (2011), a obra tem como proposta refletir sobre os esportes e as práticas desenvolvidas pelo PST, muito próximo da descrição do livro anterior. Neste sentido, a obra representa um produto/material pedagógico do Programa Segundo Tempo (PST), projeto financiado no referido ano pelo Ministério do Esporte, através da instância federal.

Dentro dos esportes e práticas corporais debatidas, o livro apresenta um capítulo destinado a pensar a capoeira e como ela pode ser ensinada. No quadro 3, podemos perceber como os autores sistematizam a capoeira e segmentam suas temáticas a fim de dar um trato pedagógico a essa manifestação.



Quadro 3 - ENSINANDO E APRENDENDO ESPORTES NO PROGRAMA SEGUNDO TEMPO

Aspectos históricos	Apresentação e apanhado histórico da capoeira.				
“Regras da Capoeira”	Acompanhamento musical		Cumprimento obrigatório entre os jogadores		Respeito aos fundamentos ritualísticos
Fundamentos teóricos da capoeira	Fund.histórico-sociais	Fund. técnicos	Fund. Musicais	Fund. Instrumentais	Fund. Ritualísticos
Planos de atividades	Sugestões pedagógicas expostas em quatro planos de atividades.				

Fonte: Oliveira et al. (2011)

Publicado pela editora EDUEL em 2010, o livro consta da organização do conhecimento da Educação Física, onde busca sistematizar tais saberes considerando os níveis de ensino. Assim sendo, o livro “EDUCAÇÃO FÍSICA E A ORGANIZAÇÃO CURRICULAR” se apresenta como uma proposta curricular para o ensino da Educação Física no ensino básico.

Indicando os conteúdos e o que deles devemos considerar em cada nível de ensino, o livro se propõe a indicar a capoeira de acordo com o quadro 4, onde a classifica como conteúdo das lutas e define sete eixos que consideram importantes para o seu acionamento na escola.

Quadro 4 - EDUCAÇÃO FÍSICA E A ORGANIZAÇÃO CURRICULAR

LUTAS	CAPÓI	Caracterização da capoeira	Manifestação da cultura afro-brasileira, às vezes, considerada como dança, jogo ou esporte.
		Origem e história da capoeira	Surgiu no Brasil no século XVI, quando ainda era colônia de Portugal. Foi proibida no Brasil até 1930.
		Tipos de capoeira	Angola (considerada original, mas lenta e mais próxima ao solo) e Regional (mais rápida e com mais acrobacias).
		Fundamentos da capoeira	Movimentos de esquiva, circulares e descendentes; golpes e movimentos básicos: armada, cabeçada, benção, giro de cabeça, ginga; roda de capoeira.
		Instrumentos básicos	Berimbau, pandeiro e atabaque.



A	Toques de capoeira	Ritmo utilizado na capoeira e pode ser: São bento grande, Cavalaria, Regional de Bimba, Iúna, Samango, Banguela.
	Gradação na capoeira	Sistema hierárquico de acordo com a idade e desenvolvimento técnico. Na capoeira é representado por cordões coloridos amarrados na cintura.

Fonte: Palma; Oliveira e Palma (2010)

Finalizando a apresentação das obras que logo mais serão analisadas, temos o livro “PARA ENSINAR EDUCAÇÃO FÍSICA: POSSIBILIDADES DE INTERVENÇÃO NA ESCOLA”, que fora publicado no ano de 2007, pela editora Papirus. Esta obra escrita por Darido e Souza Júnior (2007) buscou como proposta refletir sobre as possibilidades do ensino da Educação Física na escola, apresentando em sua organização os capítulos dedicados as práticas corporais, tais como: futebol, atletismo, lutas, danças, capoeira e também alguns temas relacionados com a área, como saúde e estilo de vida ativo.

No capítulo destinado a capoeira, os autores apresentam como características essenciais a serem ensinadas na escola o contexto histórico da capoeira, as peculiaridades que a diferenciam e os instrumentos que fazem parte dessa prática corporal; como podemos visualizar no quadro 5.

Quadro 5 - PARA ENSINAR EDUCAÇÃO FÍSICA: POSSIBILIDADES DE INTERVENÇÃO NA ESCOLA

CAPOEIRA				
A origem da capoeira	Capoeira angola e capoeira regional	A ginga e alguns golpes de ataque e defesa	Golpes de defesa	Instrumentos e música na capoeira

Fonte: Darido e Souza Júnior (2007)

3.2.2 – ANÁLISE DAS OBRAS SELECIONADAS

Para analisar as obras permanecemos com a técnica de análise de conteúdo com as categorias de análise a partir da unidade tema (BARDIN, 2011), acreditando que este nos faz compreender o que cada obra propõe para pensar sobre a capoeira na escola e quais as recorrências de temas que perpassam cada uma delas. Considerando a recorrência como requisito para elencar nossas unidades de sentido, selecionamos os temas que perpassam as cinco obras para analisa-las. Neste sentido, ratificamos que nossas análises foram realizadas



a luz da técnica análise de conteúdo, proposto por Laurence Bardin (2011), assim como fizemos com a entrevista com os mestres de capoeira.

Para iniciar essa etapa da pesquisa nos detemos a pensar sobre a capoeira nos seus aspectos históricos, pois este, foi o primeiro aspecto que emergiu em todas as obras selecionadas.

ASPECTOS HISTÓRICOS

Compreendemos que narrar sobre a história da capoeira é um campo comum aqueles que buscam estudá-la, e acrescentamos que se faz necessário pensar sobre os processos históricos dessa manifestação, pois esta foi delineada a partir dos acontecimentos que ela sofreu, sendo hoje a capoeira – ainda em constantes adaptações – que nós conhecemos. Neste sentido, os livros que aqui optamos por analisar também iniciam seus escritos sobre a capoeira na perspectiva escolar descrevendo sobre seus percursos históricos.

No entanto, refletir sobre a história da capoeira é complexo, pois são muitas vertentes que a traduzem. Algumas afirmam sobre a perspectiva de a capoeira ter sido exportada do continente africano, outras asseguram que ela fora desenvolvida no território brasileiro. No entanto, percebemos um campo comum nos livros ao tratar da história da capoeira, foram unânimes nas obras onde os autores seguem a perspectiva histórica de que a capoeira fora desenvolvida pelos negros escravizados em solo brasileiro.

Ao tratar sobre essa divergência em relação a historicidade da capoeira, a obra “ENSINANDO E APRENDENDO ESPORTES NO PROGRAMA SEGUNDO TEMPO” expõe sobre as hipóteses existentes sobre a gênese da capoeira e afirma:

Portanto, é fato que, em relação à historicidade da capoeira, ainda há um número significativo de dúvidas, mas pesquisadores de diversas áreas têm dedicado seus estudos com o devido rigor científico procurando minimizar as ambiguidades ainda existentes em relação ao tema. (SOUZA, OLIVEIRA, 2011, p.215)

Ainda nesta perspectiva, os autores do livro “PARA ENSINAR EDUCAÇÃO FÍSICA: POSSIBILIDADES DE INTERVENÇÃO NA ESCOLA” optaram por descrever sobre as “raízes africanas, origem brasileira” (DARIDO, SOUZA JÚNIOR, 2007, p. 223) da capoeira, já acionando a hipótese mais aceita, que é sobre a originalidade de uma capoeira brasileira. Assim como a obra “PRÁTICAS CORPORAIS E A ORGANIZAÇÃO DO CONHECIMENTO: Lutas, Capoeira e Práticas Corporais de Aventura” que inicia



descrevendo as características da pluralidade cultural da capoeira, que advém das suas raízes com a miscigenação com a cultura africana no Brasil. No livro escrito pelo Coletivo de Autores (1992) aponta a necessidade de a Educação Física escolar pensar a capoeira a partir dos seus preceitos históricos e políticos que a constituiu enquanto manifestação cultural e prática corporal.

Avançando sobre a origem da capoeira, os autores da obra “PARA ENSINAR EDUCAÇÃO FÍSICA: POSSIBILIDADES DE INTERVENÇÃO NA ESCOLA” disserta sobre a etimologia da palavra capoeira, que quer dizer “vegetação que nasce após a derrubada de uma floresta” (DARIDO; SOUZA JÚNIOR, 2007, p.224), palavra de origem tupi. Esta afirmativa é amplamente aceita e divulgada, considerando que os negros fugiam para a capoeira, espaço de mato ralo, onde eles seguiam em fuga do sistema opressor escravocrata e desenvolviam a prática da capoeira nesses espaços, criando a expressão que os negros escravizados foram para a capoeira.

No mais, ao tratarem sobre a historicidade da capoeira, todas as obras nesta pesquisa analisada, retratam sobre a ameaça que a capoeira se tornou para os detentores do poder no período do Brasil colônia, bem como seu processo de repressão e proibição diante dos regimentos legais até o tempo em que sua prática deixou de ser perseguida legalmente, a datar da década de 1930. No entanto, “isso não significou que passasse a ser plenamente aceita e que seus praticantes tivessem a simpatia da sociedade brasileira. ” (DARIDO; SOUZA JÚNIOR, 2007 p.224)

Constatamos que a produção do conhecimento do campo da Educação Física tem destinado algum espaço para tratar da historicidade da capoeira, no entanto, compreendemos que as obras aqui analisadas, por se tratarem de uma vertente mais pedagógica, direciona ao acionamento no campo escolar, o contexto histórico aparece como introdução dos escritos. Neste sentido, concluímos que há coerências entre a literatura produzida e entre as obras aqui destacadas, no entanto com pouco aprofundamento neste tópico.

CARACTERIZAÇÃO

O tópico caracterização foi acionado pela recorrência expressa nos livros onde os autores descrevem a capoeira, apontando suas especificidades, sejam pelos estilos da capoeira Angola ou regional, pela musicalidade e presença dos instrumentos. Com isto, seguem as caracterizações descritas das produções aqui analisadas.



Souza e Oliveira (2011) na obra “ENSINANDO E APRENDENDO ESPORTES NO PROGRAMA SEGUNDO TEMPO” apresentam as características da capoeira chamando-as de “regras” da capoeira, destacando entre aspas, o que nos faz compreender que enquanto manifestação de liberdade e não institucionalizada enquanto esporte, as “regras” são sempre negociáveis, assim como no jogo. Neste jogo carregado de tradição, quem se permite jogar e vivenciar a roda de capoeira “desde a entrada até a saída, quem ginga move uma tradição que fez de uma luta expressão máxima de comunhão. ” (TAVARES; BEZERRA, 2016, p. 15). Comungando destas reflexões, não chamaremos de “regras” da capoeira, nem entre aspas, mas sim de características que a identificam.

Descrevendo sobre as características da capoeira, Souza e Oliveira (2011) destacam ainda a presença da musicalidade, relatando sobre a presença dos instrumentos de capoeira, a saber: berimbau, pandeiro e atabaque, segundo os autores. Destacam ainda o “cumprimento obrigatório entre os jogadores” (SOUZA, OLIVEIRA, 2011, p.218) onde em cada jogo, se faz necessário demonstrar o respeito entre os participantes e com a prática dessa manifestação. Ainda neste encaminhamento, os autores evidenciam que a prática da capoeira não deve desrespeitar a integridade física do seu oponente enquanto este estiver em movimento de defesa. Ademais e reforçando o respeito, os autores afirmam que “o professor deve enfatizar o respeito aos rituais e formas de jogo da capoeira, entre eles, o respeito ao berimbau, aos velhos mestres, dentre outros. ” (SOUZA, OLIVEIRA, 2011, p.218). Neste momento, percebemos o traço da tradição da capoeira sendo convocada.

Diferente das caracterizações apresentadas pelos autores da obra acima mencionada, o livro “EDUCAÇÃO FÍSICA E A ORGANIZAÇÃO CURRICULAR” escrito por Palma, Oliveira e Palma (2010) direcionam as particularidades da capoeira para outras questões, tais como: as vertentes da capoeira angola e regional; a capoeira enquanto manifestação da cultura afro-brasileira; os instrumentos, bem como os toques presentes na prática da capoeira e o sistema de graduação.

Como a proposta do escrito foi sucinta e estruturada em formato de tabela, o livro apresenta uma sistematização para uma unidade didática pensando a capoeira enquanto conteúdo da Educação Física escolar. Nesta perspectiva, os autores apontam os temas como por exemplo a “origem e história da capoeira” e destacam as principais características, necessitando uma pesquisa mais avançada pelos professores que acionem este material como referência. No entanto, como é intenção do livro propor uma organização didática, a capoeira nesta obra aparece especificamente enquanto conteúdo das lutas e está indicada a ser



trabalhada no 4º ano do ensino fundamental, não reincidindo em outros anos do ensino básico. Destacamos também outra particularidade desta obra, onde a mesma indica que há um sistema de graduação que aponta o desenvolvimento dos praticantes de capoeira, representado por cordões amarrados na cintura. Observação que os outros livros não se detêm a apresentar ou discutir.

Já na obra “PRÁTICAS CORPORAIS E A ORGANIZAÇÃO DO CONHECIMENTO: Lutas, Capoeira e Práticas Corporais de Aventura” os autores Silva e Darido (2014) apresentam um capítulo destinado a pensar a capoeira com um trato mais pedagógico, com fins a serem pensadas no contexto escolar. Estes autores vêm apresentando a capoeira enquanto uma manifestação afro-brasileira, onde sua prática apresenta movimentos de ataque e defesa. Além disso, os autores apresentam as duas vertentes da capoeira – angola e regional – de maneira mais detalha, apontado também os dois mestres de capoeira que são nomes importantes nesses dois seguimentos da capoeira, a saber: Vicente Ferreira Pastinha: Mestre Pastinha (1889 – 1981) e o Manoel dos Reis Machado: Mestre Bimba (1900 – 1974). (SILVA; DARIDO, 2014, p.73)

Nesta mesma perspectiva, os autores Darido e Souza Júnior (2007) na obra “PARA ENSINAR EDUCAÇÃO FÍSICA: POSSIBILIDADES DE INTERVENÇÃO NA ESCOLA” também descrevem de modo mais elaborado as descrições a respeito da capoeira angola – estilo mais lento, jogado mais próximo ao chão – e da capoeira regional – ritmo mais rápido, com o jogo mais em pé - especificando quem foram os Mestres Pastinha e Bimba como personalidades da capoeira nestas duas vertentes, respectivamente. Dentre as obras por nós analisadas, estas duas últimas são as que se propuseram a discutem as duas vertentes da capoeira de modo a dar maior suporte ao professor que busque estes materiais como suportes pedagógicos para o ensino da capoeira, tendo em vista que estas descrevem melhor suas características, contextos históricos e apresentam proposições de aulas. Ainda nesta obra, os autores descrevem sobre a questão musical presente na capoeira, explicando quais os instrumentos são utilizados, descrevendo cada um deles e apresentam ainda sugestões de criação desses instrumentos com materiais alternativos. Consideramos que tais sugestões possibilita a aproximação o conteúdo explicitado com a realidade da escola. Ainda na questão da musicalidade, esta obra possibilita o contato do leitor com quatro músicas de capoeira, inerentes do universo da tradição.

Na obra “METODOLOGIA DO ENSINO DE EDUCAÇÃO FÍSICA” o Coletivo de Autores (1992) vem tratar da importância da capoeira enquanto manifestação corporal que



tem forte ligação com o contexto histórico do Brasil, consideram também “seus gestos, hoje esportivizados e codificados em muitas "escolas" de capoeira” (COLETIVO DE AUTORES; 1992, p.53). A obra se propõe a discutir a capoeira de forma muito sucinta, no entanto, ao destacar o elemento da esportivização da capoeira, dá-nos a compreender a capoeira como esporte, limitando-a neste processo.

Destarte, pensar na codificação da capoeira nos espaços das academias ou “escolas” – como chamam os autores – é relembrar um fato histórico importante da capoeira, onde foi a partir da sua organização em espaços fechados, com horários e sistemas de treinos, que potencializou a retirada da capoeira do código penal brasileiro. Neste entendimento, não consideramos este fato como esportivização da capoeira, mas sim de sistematização da prática.

Consideramos uma conquista e um avanço perceber a capoeira – uma prática historicamente jogada as margens da sociedade – expressa em livros importantes no campo acadêmico/científico, principalmente para a área da Educação Física. Visualizar a capoeira na obra “Metodologia do ensino de Educação Física” escrita por um coletivo de autores renomado na área da Educação e da Educação Física ainda no ano de 1992 é reconhecer este avanço sob a ótica da percepção da capoeira como manifestação legítima a ser considerada na escola. Com isto, a partir do que foi visto nas obras por nós analisadas, consideramos que todas os escritos apresentam pontos comuns sobre as especificidades e características da capoeira, são informações muito próximas e que por vezes se completavam.

FUNDAMENTOS TÉCNICOS

A capoeira se destaca por ter em sua essência uma legitimidade brasileira, uma mistura de cultura, luta, ritmos e subjetividades. Diferente das outras lutas – se assim nós a considerarmos – a capoeira possui uma característica que a difere, a malandragem, como chamamos no universo capoeirístico. Há uma espécie de síntese da cultura brasileira naqueles que jogam capoeira, sobre este aspecto da cultura que se revela no corpo, Nunes Dias (2010) vem dizer que:

No corpo inscrevem-se narrativas, acontecimentos que marcam e se materializam no corpo, percebidos a partir de fragmentos, representações, imaginários e simbolismos, em uma relação que considera tanto a história



individual do sujeito, como também as memórias coletivas de uma população, histórias que podem ser conhecidas pelas escarificações no corpo, marcadas pela relação do sujeito com o mundo e com o outro, mediado pela cultura. (NUNES DIAS, 2010, p.620)

Podemos de modo ilustrativo resgatar o judô como exemplo, em sua prática os movimentos são tipificados por uma técnica mais rígida, movimentos padronizados e idealizados para que seus praticantes em qualquer lugar do mundo executem da forma mais próxima dessa idealização técnica. Não estamos afirmando que não há técnica ou movimento próprios da capoeira. No entanto, o que a distingue é a singularidade desse sujeito que se relaciona e que exerce os movimentos/fundamentos técnicos manifestando sua cultura e experiências. No momento ápice do jogo da capoeira, concretizada na roda, os sujeitos imprimem suas subjetividades e a malandragem destes é acionada como estratégia.

Entretanto, afirmando que essa subjetividade que os sujeitos imprimem ao jogar capoeira é alcançada aos poucos e com a vivência desta prática. Neste sentido, o processo de iniciação na capoeira, assim como em outras manifestações corporais, requer uma fundamentação técnica dos movimentos que condizem a ela. Nestas condições, buscando identificar nas obras analisadas como os autores trabalham em seus escritos a questão da capoeira enquanto fundamentos técnicos, considerando que todos têm por intenção direcionar o ensino da capoeira na escola, e, portanto, como eles apresentam essas proposições para dar suporte ao professor da escola que busque estes materiais como referências.

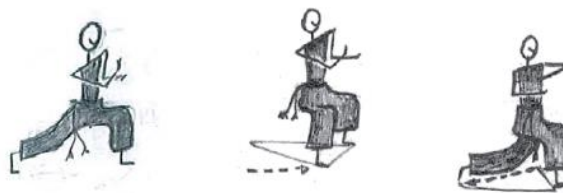
No livro “PRÁTICAS CORPORAIS E A ORGANIZAÇÃO DO CONHECIMENTO: Lutas, Capoeira e Práticas Corporais de Aventura” os autores Silva e Darido (2014) sistematizam de forma muito didática e ilustrativa a fundamentação técnica da capoeira, chamando de “Movimentos básicos da capoeira” os autores apresentam a ginga como o movimento básico e pré-requisito para que os outros sejam ensinados; deste disso dividem os movimentos em três categorias, são elas: golpes, movimentos coreográficos e movimentação rasteira.

Baseados nestas subdivisões dos movimentos da capoeira, Silva e Darido (2014) anunciam o nome do movimento e seguem explicando qual sua finalidade e basicamente como executa-lo, além de apresentarem desenhos ilustrativos que indicam e facilitam na visualização destes movimentos a partir das explicações, como podemos observar na imagem abaixo.



Imagem 4 - Ilustração do movimento ginga da capoeira

Figura 2: Ginga: Movimento básico da capoeira
 Fonte: Criação e desenho de Luciana Maria F. Silva.



Fonte: Silva, Darido (2014)

Com uma metodologia muito próxima ao livro supracitado, os autores Darido e Souza Júnior (2007) no livro “PARA ENSINAR EDUCAÇÃO FÍSICA: POSSIBILIDADES DE INTERVENÇÃO NA ESCOLA” constroem subcategorias para pensar a fundamentação técnica da capoeira, a saber: a ginga, como movimento principal; os golpes de ataque e os golpes de defesa.

Iniciando com ginga como movimento primordial e de onde se originam os outros movimentos, os autores descrevem a ginga e apresentam características dela nos diferentes estilos da capoeira angola e regional. A descrição aproxima-se de um manual de como se executa o movimento, utilizando de recursos visuais de imagens de pessoas realizando o movimento com fins ilustrativos e didáticos. No entanto, esta obra diferencia-se por propor logo após a explicação de um movimento a vivência de como realiza-los no contexto escolar, caracterizando como um facilitador para pensar o ensino da capoeira.

Já nas obras “EDUCAÇÃO FÍSICA E A ORGANIZAÇÃO CURRICULAR” (PALMA; OLIVEIRA; PALMA, 2010) e “ENSINANDO E APRENDENDO ESPORTES NO PROGRAMA SEGUNDO TEMPO” (SOUZA; OLIVEIRA, 2011) os autores acionam a tematização dos fundamentos técnicos, no entanto, só descrevem os nomes dos movimentos da capoeira, sem a intenção de descreve-los ou ensina-los. Contudo, nestas obras os autores também fazem classificações dos movimentos. Palma, Oliveira e Palma (2010) em “EDUCAÇÃO FÍSICA E A ORGANIZAÇÃO CURRICULAR” chamam de movimentos de esquiva; circulares e descendentes, e sem seguida citam nomes de alguns movimentos básicos da capoeira, como a armada, esquiva e a ginga. Já no livro “ENSINANDO E APRENDENDO ESPORTES NO PROGRAMA SEGUNDO TEMPO” Souza e Oliveira (2011) classificam os movimentos em: movimentos básicos, defensivos, ofensivos giratórios, ofensivos diretos, desequilibrastes e acrobáticos. Em cada classificação destas, os autores citam nomes dos golpes que se enquadram em cada classificação desta.



A única obra em que não aparece nada sobre os fundamentos técnicos da capoeira é o “METODOLOGIA DO ENSINO DE EDUCAÇÃO FÍSICA”, Coletivo de Autores (1992), pois em sua proposição, vem apontar a capoeira de forma muito breve, não se retendo as questões técnicas da prática.

Observamos pela recorrência a intencionalidade dos escritos em pensar algo próximo do que estamos chamando de fundamentos técnicos da capoeira. Respeitando a intenção e a proposta de cada livro, julgamos boas exposições sobre os movimentos básicos da capoeira, fazendo-o minimamente a aproximação do leitor leigo com essas movimentações básicas, dando suporte para ampliar a pesquisa caso desejem, exceto o livro “METODOLOGIA DO ENSINO DE EDUCAÇÃO FÍSICA” que não apresentou nada a respeito.

Na perspectiva de acionar as obras aqui estudadas para pensar a prática pedagógica da capoeira na escola, destacamos duas obras que apresentam em sua organização propostas pedagógicas, com uma sistematização de planos de aulas, são elas: “PRÁTICAS CORPORAIS E A ORGANIZAÇÃO DO CONHECIMENTO: Lutas, Capoeira e Práticas Corporais de Aventura” e “ENSINANDO E APRENDENDO ESPORTES NO PROGRAMA SEGUNDO TEMPO”, ambas produções do Programa Segundo Tempo (PST), financiados pelo Ministério do Esporte. Tais aulas são caracterizadas pelas atividades “pré-desportivas”, de caráter lúdico, a fim de ensinar a capoeira pelas brincadeiras.

Já no livro “PARA ENSINAR EDUCAÇÃO FÍSICA: POSSIBILIDADES DE INTERVENÇÃO NA ESCOLA” os autores sugerem vivências e possibilidades de criação para trabalhar a capoeira com os alunos. No entanto, na obra “EDUCAÇÃO FÍSICA E A ORGANIZAÇÃO CURRICULAR” a capoeira é apresentada em formato de sistematização de unidade didática, apresentando temas importantes para trabalhar a capoeira no contexto escolar.

As obras discutidas apresentam coerência entre elas e com a realidade da capoeira desenvolvida no berço da tradição, relacionada as categorias analisadas, diversificando as formas e possibilidades de pensar a capoeira na escola. Neste sentido, considera-se que estas produções contribuem de forma significativa como fonte de pesquisa aos docentes de Educação Física que buscam como suporte materiais didáticos para dar assistência as suas práticas pedagógicas, ampliando suas referências, o que muitas vezes não são oferecidas durante a formação inicial. Sabemos que o exercício docente exige pesquisa constante e as produções que estreitam os conhecimentos da capoeira, dialogando diretamente com o contexto escolar, são importantes para o seu desenvolvimento nas aulas de Educação Física.



Ao considerar um docente que não tem apropriação da capoeira, seja pela não possibilidade de vivência ou falta de oportunidade de estudá-la de forma mais densa nos processos formativos, podem utilizar as categorias criadas nesta dissertação que são: os aspectos históricos, a caracterização e fundamentos técnicos da capoeira; como estratégia de compreendê-la e ofertá-la aos seus alunos. Isto fortalece o rompimento da lógica que tem predominado no campo da Educação Física escolar, que é a reprodução das vivências pessoais dos docentes, muitas vezes esportivistas, em suas aulas.

Ratificamos então que os livros que nós optamos por nos debruçar, avançam quando propõem estratégias metodológicas do ensino da capoeira na escola, ofertando aos leitores uma visão geral dos saberes da capoeira, possibilitando uma base coerente aos que pesquisam sobre o tema. No entanto, os livros não conseguem proporcionar aos leitores a dimensão da capoeira enquanto manifestação cultural e luta de resistência, o sentimento de pertencimento aos processos históricos, as simbologias porque esses fatores são muito fortes no contexto da tradição. O que não diminui a relevância das obras, o que queremos enfatizar é que essas produções podem ser potencializadas quando associadas a outras fontes que falem na perspectiva tradicional, a exemplo: um mestre de capoeira.



CAPÍTULO 3

NESSA "JOGO DE COMPRA", QUAIS SABERES SÃO ACIONADOS PELOS PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA?



CARYBÉ

No capítulo anterior, refletimos sobre o ensino da capoeira na escola a partir da perspectiva dos mestres de capoeira e dos livros acadêmicos da área da Educação Física. A fim de ampliar o nosso campo de debate na perspectiva de refletir as formas como os professores de Educação física acionam o ensino da capoeira na Educação Física escolar, buscamos o universo dos Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN), com o recorte necessário aos professores de Educação Física.

Este acionamento se fez necessário para melhor compreender como os professores do ensino básico tem feito uso da capoeira na escola; quais são suas experiências com esta manifestação da cultura de movimento e, também, quais as limitações, sejam ela do âmbito formativo pessoal e/ou acadêmico. Nossa intenção não é mapear o ensino da capoeira nos institutos federais, mas sim, compreender como os professores de Educação Física têm trabalhado, ou não, a capoeira no contexto escolar, considerando que neste escrito promovemos reflexões sobre os saberes acadêmicos e tradicionais da capoeira para ampliar a compreensão do seu ensino na escola. Ratificamos que o IFRN foi escolhido como universo de forma intencional porque a pesquisadora em questão compõe o quadro de servidores temporário desta instituição.

Para dialogar com os professores que trabalham distribuídos por todo estado do Rio Grande do Norte nos diferentes campi, realizamos um questionário que foi disponibilizado de forma virtual a cada servidor, utilizando a ferramenta de formulários *online* oferecido pela empresa *Google*. O questionário compunha questões abertas e fechadas que versam sobre as aproximações da capoeira e a escola. Segundo Gil (2008, p. 122) as “questões abertas solicita-se aos respondentes para que ofereçam suas próprias respostas.”, deixando-os mais livres quanto ao conteúdo e formulação da resposta, de acordo com suas experiências. Já nas questões fechadas “pede-se aos respondentes para que escolham uma alternativa dentre as que são apresentadas numa lista.” (GIL, 2008, p. 123). A presença desses dois tipos de questões em um único questionário, caracteriza-se por um questionário misto, possibilitando as duas perspectivas de respostas.

Nossa pesquisa contatou um número de 53 professores através do e-mail institucional do IFRN, sendo este número o universo da nossa pesquisa, obtivemos então como amostra um número de 37 docentes atuantes no componente curricular Educação Física (incluindo os servidores afastados para capacitação/saúde e os docentes temporários) participantes da coleta.



Os questionários aplicados e respondidos pelos servidores docentes de Educação Física do IFRN – disponível nos apêndices desta dissertação – será neste capítulo discutido a luz das pesquisas qualitativas, de cunho descritivo, onde buscamos compreender o fenômeno estudado com um olhar mais ampliado e sensível. Recorremos, portanto, a Minayo (2001) onde explica que:

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, **ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos** que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. (MINAYO; 2001, p.21, grifo nosso)

A autora discutindo sobre a cientificidade, aprofundando suas reflexões sobre as Ciências Sociais, vem dizer nos seus escritos que são características das pesquisas do campo das Ciências Sociais a consciência histórica e que há uma identidade entre o sujeito e objeto da pesquisa, pensando nas pesquisas do âmbito qualitativo. Ainda de acordo com Minayo (2001) se faz necessário destacar a essência das pesquisas qualitativas por valorizar as atitudes, a cultura dos sujeitos e suas verdades. É nesta concepção que o nosso trabalho se identifica e entrelaça-se com este modo de fazer pesquisa.

Nesta sensibilidade, buscamos compreender neste capítulo dois grandes aspectos, sendo inicialmente a caracterização primeira dos participantes desta etapa da pesquisa; e o segundo aspecto a atuação profissional e a aproximação destes com a capoeira. Consagramos por tanto nossos debates na busca de ampliar a percepção sobre o ensino da capoeira na escola, partindo da experiência dos professores entrevistados.

4.1 - CARACTERIZANDO OS SUJEITOS DA PESQUISA

Todos os participantes desta etapa da pesquisa são professores – temporários ou efetivos – da disciplina de Educação Física do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN). Um público heterogêneo, considerando um equilíbrio entre os sexos, não havendo superioridade de um sexo em detrimento ao outro, além da diferença entre as idades que variam entre 23 e 51 anos. Todos os professores foram formados por universidades públicas no Brasil, variando o ano de formação entre 1990 a 2015. Podemos perceber que os perfis dos sujeitos são variados, com experiências de formação inicial distintas, e com tempo de experiência no ensino básico variado também.

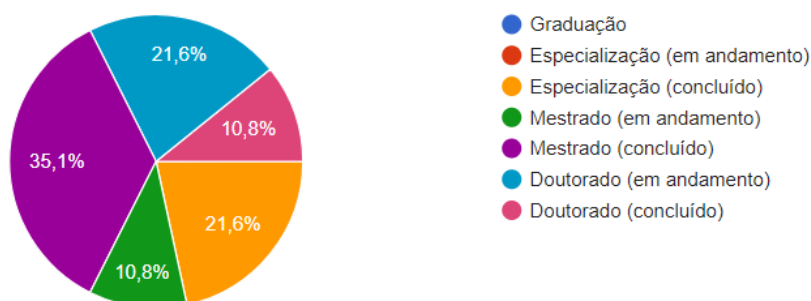


Esta questão referente ao tempo de formação dos professores – ou seja, o ano no qual cada um deles se formou docente – indica muitas possibilidades sobre o que queremos saber deles: será que a capoeira é um conteúdo que faz parte do planejamento docente destes professores?

As indicações primeiras para compreender se a capoeira faz parte ou não desse planejamento passam pelas experiências formativas desses sujeitos. É possível que os professores formados há mais de 10 anos, por exemplo, não tenham tido em sua formação inicial a possibilidade de ver a capoeira em uma disciplina específica que dialogasse com este conteúdo. O fato da não oferta durante a graduação implica diretamente na formação docente, conseqüentemente sobre as escolhas dos conteúdos que estes irão ofertar aos seus alunos.

Na imagem abaixo é possível perceber o gráfico indicando a maior titulação acadêmica destes sujeitos. No entanto, adiantamos que apenas a formação continuada não garante por si só uma amplitude no olhar sobre os conteúdos da Educação Física, pois sabemos também que a carreira acadêmica acontece de forma verticalizada.

Gráfico 1 - Maior titulação acadêmica dos professores do IFRN



Fonte: Recorte do formulário realizado com os professores do IFRN

A rede federal de ensino básico e superior no Brasil tem se destacado em relação aos entes da esfera municipal e estadual, por proporcionar principalmente condições de trabalho mais adequadas e possibilidades de formação continuada. Esta afirmação é refletida no gráfico 1 onde percebemos um total de 8 professores com especialização concluída, 4 com o mestrado em andamento, 13 deles com o mestrado concluído, 8 em processo de formação no doutorado, e 4 já com o título de doutores. Estamos aqui analisando o perfil acadêmico dos professores de Educação Física dos institutos federais do Rio Grande do Norte, este quadro não é muito evidente em outras esferas pelas condições que já indicamos. Com isso, a



possibilidade da qualidade do ensino quando os professores mantêm uma formação contínua, para além da formação inicial, é exponencial em relação aos servidores que não possuem essa possibilidade.

Voltando ao acionamento da capoeira na escola relacionada ao tempo de formação docente como resultado da formação inicial, devemos levar em consideração que é relativamente recente a oferta desse conhecimento por disciplina específica de capoeira. Timidamente ela aparecia diluída em outras disciplinas, como hoje ocorre com outros conteúdos. A depender da formação desses sujeitos, esses debates nem existiam, ou se existiam eram pouco explorados.

A presença da capoeira nas universidades é um movimento que vem ganhando espaço. Segundo Campos (2001) essa conquista acontece de formas distintas, inicialmente marcada pela informalidade até chegar a concretização da sua existência nos currículos formais dessas instituições. O autor, que é professor de Educação Física e mestre de capoeira, continua afirmando que:

As primeiras manifestações a favor da Capoeira no currículo dos cursos universitários aconteceu na Bahia. Inicialmente, foi inserida no programa curricular do PREMEM (Programa de Melhoria de Ensino da Universidade Federal da Bahia em 1971. A segunda foi a do Curso Superior em Educação Física da Universidade Católica de Salvador, quando da reforma curricular em 1982, introduzindo definitivamente a Capoeira como disciplina obrigatória, com uma carga horária de 60 hs., sendo convidado para assumir a cadeira o Professor Josevaldo Lima de Jesus – Mestre Sacy, formado pela Academia de Mestre Bimba.” (CAMPOS; 2001, p. 93)

A partir da experiência das instituições baianas, outras universidades no Brasil adicionaram ao seu currículo, principalmente nas graduações em Educação Física, o componente curricular capoeira para dialogarem com essa manifestação afro-brasileira de forma mais densa. No entanto, este incremento nos currículos que se inicia na década de 70 é processual e vai adentrando as universidades aos poucos.

Na busca por compreender qual o cenário das universidades formadoras dos nossos entrevistados, os professores de Educação Física do IFRN, fizemos uma busca nos *sites* das cinco universidades que foram citadas pelos docentes, a saber: Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN); Universidade Estadual do Rio Grande do Norte (UERN); Universidade Federal da Paraíba (UFPB); Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) e a Universidade Estadual Paulista (UNESP).



A partir do levantamento em cada página virtual das universidades citadas, buscamos a existência, ou não, da capoeira enquanto componente curricular nas grades curriculares dos cursos de Educação Física ofertados por essas instituições públicas. Ao encontrar a presença da capoeira como disciplina, analisamos suas ementas e características.

A UFRN oferece de forma optativa ao aluno uma disciplina específica de capoeira em sua grade curricular. Esta disciplina tem o nome de “Capoeira” e é identificada pelo código DEF0077, com 60 horas de carga horária. Sua ementa versa sobre os saberes tradicionais, a importância de sua historicidade, além dos elementos técnicos e filosóficos. Foi oferecida no curso de licenciatura em Educação Física nos semestres 2011.1 e 2018.1

Na UERN, a disciplina “Metodologia da Capoeira” também é optativa ao aluno, com 60 horas de carga horária e apresenta na sua ementa objetivos de estudá-la por meio dos fundamentos básicos e técnicos, a fim de pensar em uma prática educativa para preservação da cultura popular e/ou pela procura do rendimento.

Já a UFPB não apresenta na descrição da grade curricular as disciplinas optativas do curso de Educação Física, com isto, não é certo se a Universidade Federal da Paraíba possui ou não a capoeira como disciplina curricular. O mesmo acontece na Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), no entanto, o Projeto Pedagógico do Curso (PPC) apresenta referencial teórico específico de capoeira para a disciplina de Lutas, o que sugere que o conteúdo da capoeira está inserido no programa do componente curricular dessa disciplina.

A UNESP não possui na sua grade de disciplinas a capoeira como componente curricular específica. Porém, em seu Projeto Pedagógico do Curso (PPC) a capoeira ganha destaque em três projetos de extensão desenvolvidos nesta universidade.

A partir desse levantamento, vimos que apenas as universidades públicas do Rio Grande do Norte ofertam, ainda de forma muito incipiente, a capoeira como componente curricular durante as formações de professores em Educação Física. Isto reflete na usabilidade da capoeira como conteúdo nas aulas de Educação Física no ensino básico por estes professores.

Além disso, lembremo-nos da emergência da Lei 10.639/03, alterada pela Lei 11.645/08, que torna obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana em todas as escolas, públicas e particulares, do ensino fundamental até o ensino médio. Viana



(2015) vem apresentar em sua pesquisa as dificuldades de implementação da Lei Nº 10.639/2003 e todo esforço para o reconhecimento da importância da efetivação de uma lei que dê voz ao povo negro, garantindo-lhes os direitos necessários ao reconhecimento da cultura negra e seu legado ao Brasil.

No entanto, essa obrigatoriedade não certifica a oferta de conteúdos que discutam o ensino referente a cultura afro-brasileira e africana nas escolas públicas e privadas, ou seja, apenas a lei não garante de imediato sua efetivação nas escolas, potencializa, mas sua implementação é resultado de um processo, sobretudo formativo em relação aos docentes sobre este cenário afro-brasileiro e africano. A capoeira para a Educação Física escolar contempla todas essas exigências da Lei 11.645/08, por sua particularidade histórica, e como vimos, não é muito acionada pelas agências formadoras.

4.2 – ATUAÇÃO PROFISSIONAL E APROXIMAÇÃO COM A CAPOEIRA

Ao adentrar as questões de ensino, questionamos aos professores o que eles entendiam por capoeira, pois consideramos que este questionamento é o ponto de partida para nossas discussões. Retomamos ao capítulo 2 quando perguntamos aos mestres de capoeira o que eles compreendiam por capoeira e obtivemos respostas muito próximas, no sentido de expressarem o entrelaçamento de suas vidas com a capoeira, afirmando que esta manifestação da cultura brasileira fazia parte completamente da vida deles. Agora na análise da fala dos professores, estes apresentam respostas distintas das dos mestres de capoeira, porém semelhantes no que diz respeito ao local comum de fala desses sujeitos, os professores de Educação Física encaminharam suas respostas valendo-se de explicações conceituais da área.

Vejamos a fala de um dos professores ao relatar sua concepção sobre capoeira:

Antes de tudo, um saber cultural que se expressa a partir do corpo em movimento. Dependendo do ponto de vista poderá ser caracterizado como luta, jogo ou dança, mas, é antes de tudo uma forma de afirmação da cultura e da resistência dos negros frente a dominação realizada historicamente pelos brancos dono do poder. (P5)⁹

Esta fala parte da concepção histórica da capoeira, referenciando seus saberes construídos culturalmente por meio da repressão contra o negro. Outros professores se ancoram nesta perspectiva histórica para explicá-la, associando-a como uma luta e dança,

⁹ Para diferenciar os professores participantes da pesquisa, os chamaremos de P (referente a professor) + o número de ordem de resposta, por exemplo: P1, referente ao primeiro professor respondente do questionário. O faremos para manter o anonimato dos participantes.



como podemos verificar na fala do professor 7: “uma luta com características de dança que expressa, principalmente, a cultura de libertação escrava”. (P7)

Estes acionamentos históricos reafirmam sua importância cultural no contexto brasileiro. São várias as respostas que indicam a capoeira como manifestação cultural, patrimônio da cultura de movimento, outros afirmam que é uma luta com aspectos de dança, outros afirma ainda que é apenas uma dança. Estas divergências nas respostas são compreensíveis pela dificuldade de sintetizar em apenas um conceito o que é capoeira. No entanto, todas as respostas carregam consigo suas convicções a partir das experiências, sobre o contexto da capoeira.

Mediando um entrelaçamento das falas dos mestres de capoeira com a dos professores de Educação Física já apontamos a principal cisura que surgiu nos discursos. Os mestres, por viverem a capoeira como relatam, se colocam dentro de uma cultura de resistência, enquanto os professores falam da capoeira como forma de resistência da matriz afro-brasileira, mas não se inscrevem nela, não percebemos na fala dos docentes esse sentimento de pertencimento que é forte nas discussões dos mestres.

Ainda que não vivam o contexto da capoeira, os professores refletem um sentimento que é da sociedade brasileira de forma geral. Mesmo sendo uma manifestação afro-brasileira, há um distanciamento e desconhecimento das pessoas sobre a capoeira. Consideramos que este fato é decorrente dos processos históricos que nós já discutimos, os pesos dos estereótipos marcam esse cenário de afastamento, fortalecendo o movimento que sempre empurrou a capoeira para as margens da sociedade. Não é à toa que sua presença é mais forte nos contextos periféricos e em projetos com ações sociais. Por outro lado, sua presença nas escolas possibilita a ampliação nos olhares dos sujeitos a partir do conhecimento e da vivência.

Ainda com um olhar histórico, reafirmando a contribuição da capoeira como instrumento de emancipação ao negros escravizados no Brasil, e apontando seu reconhecimento anos depois, temos uma resposta que busca essa síntese, afirmando que a capoeira é “patrimônio da Cultura de Movimento brasileira de matriz africana, cujos usos se situam, historicamente, na dimensão da luta e da dança, possuindo no seu cerne, a expressividade da resistência e existência do negro no Brasil.” (P9)

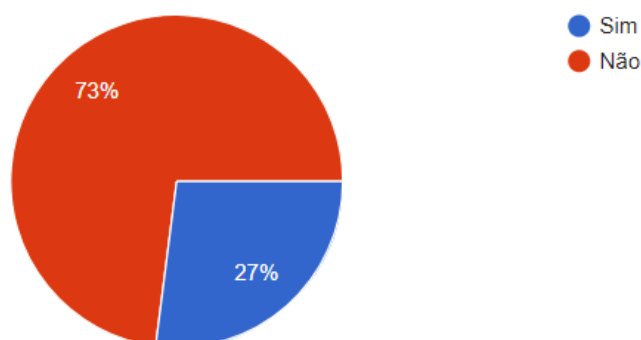


No entanto, identificamos também nas respostas dificuldades de compreensão ampliada da capoeira, representada em um dos discursos: “Difícil dizer, pois não tenho muito aproximação com essa manifestação da cultura de movimento. O que posso dizer é que não sei diferenciar se é jogo, dança ou luta, mas que surgiu entre os escravos.” (P26). Esta é uma dificuldade de muitos professores, alunos, bem como a sociedade de forma mais ampla, muitas vezes este desconhecimento causa estranheza e afastamento da capoeira. Uma hipótese de desconhecimento seja a falta de experiência vivida durante o processo formativo deste(a) professor(a).

Avançando nessa ideia de definir ou encaixar a capoeira como dança ou luta, Tavares e Bezerra (2016) vem dizer que: “Sem movimento, não há roda, não há capoeirista, nem capoeira. Forças que atuam em pulsão: tradição, construção, reconstrução e superação que, mais do que luta ou dança, é também expressão de sacralização da vida.” (TAVARES; BEZERRA, 2016). Com isto, é perceptível que a compreensão da capoeira passa pelo olhar sensível e ampliado sob os processos históricos, a relação dos corpos que balançam ao som do berimbau e o contexto no qual ela permeia. Desta forma a capoeira passa a ser compreendida para além das definições conceituais.

A fim de perceber se os sujeitos em questão tiveram contato com a capoeira, a partir da experiência vivida, pelo corpo, fora dos espaços formais de ensino, os questionamos se eles já haviam vivenciado a capoeira em outros contextos formativos, obtivemos um gráfico que aponta que 73% dos entrevistados, um número significativo, nunca participaram de vivências de capoeira em espaços que não fossem na formação acadêmica inicial e/ou continuada.

Gráfico 2: Vivência da capoeira fora do espaço de formação inicial e/ou continuada



Fonte: recorte do formulário realizado com os professores do IFRN



Este dado significa para nós a não possibilidade de ampliação dos conhecimentos acerca da capoeira, pois estamos de acordo com Tardif (2005) quando fala que o saber professoral é composto por conhecimentos que advêm de espaços distintos de formação.

“Os saberes profissionais dos professores parecem ser, portanto, plurais, compósitos, heterogêneos, pois trazem à tona, no próprio exercício do trabalho, conhecimentos e manifestações do saber-fazer e do saber-ser bastante diversificados e provenientes de fontes variadas, as quais podemos supor também que sejam de natureza diferente.” (TARDIF; 2005, p.61)

Neste sentido, aos 73% dos professores que não vivenciaram a capoeira em outros espaços, estão restritos a outras formas de conhecer a capoeira. No entanto, isto também não significa que sabem mais ou menos sobre esta manifestação afro-brasileira.

Aos professores que obtiveram experiências com a capoeira fora do contexto da graduação ou formação continuada, relatam os diferentes espaços que ofereceram este contato, tais como: “Na comunidade onde cresci. Na associação de moradores era oferecida à prática de capoeira com a frequência de dois encontros semanais. ” (P9) ou ainda “Formalmente em um grupo de capoeira vivenciei apenas por seis meses. Mas na infância brincava de capoeira como amigos que praticava. ” (P13). Experiências distintas que acreditamos implicar e refletir em seu fazer pedagógico.

Obtivemos respostas também que os professores indicaram que vivenciaram a capoeira em praças, praias e até mesmo na escola e em seus espaços de trabalho. “Quando trabalhava na Secretaria Estadual de Educação tive o prazer de conviver com o Mestre Marcos, professor de Educação Física e um dos precursores da capoeira de Angola na escola pública no Rio Grande do Norte. ” (P12). Nesta última fala, percebemos a valorização de um colega professor de Educação Física, pelo seu saber advindo da tradição da capoeira, sendo este também um mestre de capoeira.

Tardif (2005) tem sido referência quando se trata da profissão docente e dos saberes que permeiam o conhecimento destes professores. Para tanto, o autor sistematiza um quadro que classifica cinco saberes que formam e constituem cada docente, são eles:

- 1- Saberes pessoais dos professores
- 2- Saberes provenientes da formação escolar anterior
- 3- Saberes provenientes da formação profissional para o magistério
- 4- Saberes provenientes dos programas e livros didáticos usados no trabalho



5- Saberes provenientes de sua experiência na profissão, na sala de aula e na escola

Estes cinco saberes supracitados e adquiridos ao longo da constituição do sujeito-professor irão definir a atividade docente de cada professor(a). Considerando, pois, que a experiência e a relação com o saber são subjetivas e únicas. (CHARLOT; 2000)

É possível visualizar os saberes acima mencionados de maneira mais detalhada no quadro abaixo:

Quadro 6 - Os saberes docentes sistematizado por Tardif

Saberes dos professores	Fontes sociais de aquisição	Modos de integração no trabalho docente
Saberes pessoais dos professores	A família, o ambiente de vida, a educação no sentido lato, etc.	Pela história de vida e pela socialização primária.
Saberes provenientes da formação escolar anterior	A escola primária e secundária, os estudos pós-secundários não especializados, etc.	Pela formação e pela socialização pré-profissionais.
Saberes provenientes da formação profissional para o magistério	Os estabelecimentos de formação de professores, os estágios, os cursos de reciclagem, etc.	Pela formação e pela socialização profissionais nas instituições de formação de professores
Saberes provenientes dos programas e livros didáticos usados no trabalho	A utilização das “ferramentas” dos professores: programas, livros didáticos, cadernos de exercícios, fichas, etc.	Pela utilização das “ferramentas” de trabalho, sua adaptação às tarefas
Saberes provenientes de sua própria experiência na profissão, na sala de aula e na escola	A prática do ofício na escola e na sala de aula, a experiência dos pares, etc.	Pela prática do trabalho e pela socialização profissional

Fonte: Tardif (2005)

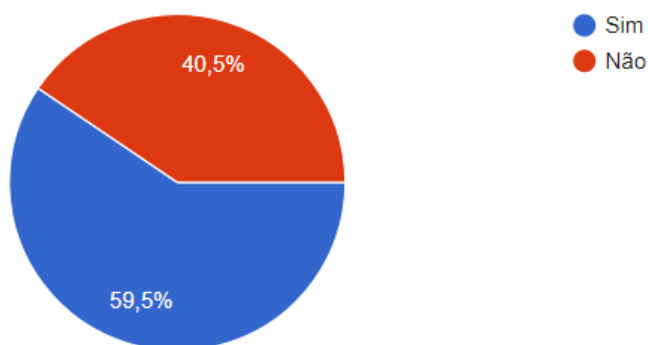
No quadro acima sistematizado pelo Tardif (2005) é notório a ampliação da concepção de formação docente, uma concepção ampliada que contempla toda experiência subjetiva desses sujeitos que implicam diretamente a experiência do ensinar.

Seguindo com nossas discussões a respeito dos resultados de nosso questionário, buscamos saber também se estes professores do IFRN tiveram experiência com a capoeira no âmbito de sua formação inicial e/ou continuada; se fomos encaixar na classificação dada por Tardif (2005), este bloco de perguntas seria para identificar sobre os saberes provenientes da



formação profissional para o magistério. O resultado mais objetivo desta questão podemos visualizar no gráfico 3.

Gráfico 3: Vivência da capoeira durante a formação inicial e/ou continuada



Fonte: recorte do formulário realizado com os professores do IFRN

O gráfico que indica a vivência dos professores com a capoeira dentro dos espaços formativos de caráter formal, especificamente na graduação ou formação continuada, difere do gráfico 2 anteriormente discutido. Este número amplia para 59,5% de docentes que tiveram a oportunidade de ampliar seus conhecimentos através do contato com a capoeira, em suas universidades.

No relato destas experiências, os professores falam de vivências em disciplinas do curso de Educação Física que tematizaram a capoeira. “Na disciplina de atividades rítmicas e expressivas com Dinara! Na ocasião convidou um professor de fora para nos permitir a vivência!! Além disso, tive a oportunidade de ler o livro de João Dias na disciplina de corpo e estética no curso do mestrado!” (P31). Percebemos neste discurso que além da vivência na graduação, possivelmente por um professor de capoeira a partir do movimento da professora do campo acadêmico em buscar em um representante do saber da tradição estratégias de ensino, P31 teve acesso a capoeira também pela produção acadêmica, no formato de livro. Isto aponta a possibilidade de se aprender capoeira pelas vias de ensino tradicional e acadêmica.

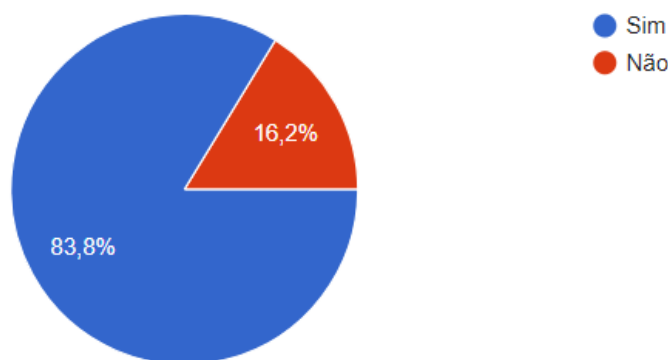
Este retrato de menos de 60% dos sujeitos que vivenciaram a capoeira na universidade durante a graduação ou em outro formato de experiência formativa posterior é reflexo também da não oferta da disciplina específica sobre capoeira pela maioria das universidades citadas pelos entrevistados, como já vimos. Ao considerar o tempo de formação desses sujeitos e os



anos que foram ofertadas a disciplina de capoeira pelas universidades é insignificante o número de sujeitos que puderam vivenciar a capoeira de forma mais abundante.

Após esse panorama de experiências dos docentes com a capoeira, buscamos investigar se estes docentes acionam a capoeira enquanto conteúdo em suas aulas de Educação Física. E, apesar de percebermos que nem todos os professores tiveram acesso a conhecer a capoeira durante a graduação e/ou formação continuada e ainda poucos professores tiveram contato com a capoeira fora do espaço formal, um número significativo indica que já trabalhou com este conteúdo em suas aulas de Educação Física.

Gráfico 4: Acionamento da capoeira nas aulas de Educação Física



Fonte: recorte do formulário realizado com os professores do IFRN

No gráfico 4 identificamos que 83,8% dos professores já trabalharam com a capoeira em suas aulas de Educação Física. Consideramos um número relevante quando retomamos o debate de todo processo histórico de repressão que capoeira sofreu e de suas dificuldades de chegarem aos espaços formais de ensino. Este dado indica a consolidação da capoeira nos espaços educacionais formais, além da apropriação sugerida pelos professores.

Pautando-se em Falcão (2004) e Martins (2000), Radicchi (2013) vem dizer que a capoeira está presente na escola, porém atuando de forma significativa com os processos de ensino não-formal, ou seja, utilizando o espaço da escola para promover vivências de capoeira, assim como numa academia de capoeira, mas que não dialoga com o projeto político-pedagógico desta instituição, nem participa dentro de um programa de ensino formal, como nas aulas de Educação Física. (RADICCHI; 2013).



O nosso levantamento aparentemente destoa da afirmação de Radicchi (2013), pois nossos dados apontam para uma iniciativa do uso da capoeira dentro do contexto da Educação Física escolar. O que não podemos afirmar é que este cenário é comum em outros espaços que não os institutos federais do Rio Grande do Norte, por não compreender a abrangência deste levantamento.

Neste sentido, ainda sobre o ensino da capoeira em ambientes formais de ensino, Falcão (2004) vem falar da necessidade de adequação e afinidade com os projetos político-pedagógicos desses lugares.

“A partir da articulação entre formação, cultura, trabalho e pedagogia, e tendo como referência a teoria revisitada/problematizada e a realidade investigada, **consideramos que o trato com o conhecimento da capoeira em espaços formais e não-formais de educação deve contemplar aspectos significativos que estão para além de suas singularidades, e em permanente articulação com os projetos político-pedagógicos das instituições educacionais em que estas experiências estão inseridas.**” (FALCÃO; 2004, p.322, grifo nosso)

Com isto, ratificamos que a presença da capoeira nas aulas de Educação Física no ensino básico, bem como sua produção acadêmica, tem sido de grande relevância para o seu impulsionamento e consolidação na escola.

No currículo do IFRN, documento que fala especificamente sobre o componente curricular Educação Física e que indica os conteúdos a serem ministrados, a capoeira não aparece de imediato em nenhum espaço. Considerando o cenário do IFRN, onde o ensino médio dura 4 anos por ser integrado a um curso de formação técnica, além do ensino das disciplinas propedêuticas, o componente curricular Educação Física é contemplado apenas durante o 1º e 2º ano do curso. Buscando contemplar todos os conteúdos da área, o PPC vem destrinchar quais conteúdo e como devem ser trabalhados em cada ano letivo, como podemos ver nas imagens 5 e 6 abaixo:



Imagem 5 - Conteúdos da Educação Física referentes ao 1º ano do ensino médio do IFRN

Bases Científico-Tecnológicas (Conteúdos)**1. Cultura de movimento.**

- 1.1 Conceitos e definições do movimento humano.
- 1.2 Contexto atual da Educação Física escolar no ensino médio.

2. Jogo

- 2.1 Conceitos
- 2.2 Tipos e aplicações.
- 2.3 Criações e ressignificação dos jogos.
- 2.4 Brinquedos e brincadeiras populares

3. Ginástica

- 3.1 Origem e evolução da ginástica.
- 3.2 Conceito e tipos da ginástica.
- 3.3 Exercícios físicos e saúde.
- 3.4 Aspectos biológicos, culturais e sociais do corpo.

Fonte: IFRN (2011)

Como a Educação Física está presente apenas nos dois primeiros anos dos quatro que compõem o ensino médio integrado no IFRN, os PPC's dividem os conteúdos da área para que garanta a diversidade na oferta dos conteúdos. No entanto, o documento aponta os conteúdos e por quais caminhos eles devem ser discutidos, como podemos visualizar nas imagens 5 e 6.

No primeiro ano do ensino médio os conteúdos acionados são a cultura de movimento, os jogos e a ginástica. Se consideramos a capoeira enquanto possível conteúdo a ser ministrado no primeiro ano, poderíamos encaixá-la no quadro dos jogos ou até mesmo explorá-la em cultura de movimento, focando em sua historicidade. No entanto, essas opções didáticas e metodológicas são referentes a autonomia dos docentes, que optam os conteúdos que serão ministrados dentro desse programa do IFRN por critérios distintos, pautando-se em suas experiências, acordos pedagógicos com os alunos ou por alguma demanda específica dos seus lócus de atuação.

Na imagem 6, os conteúdos que são orientados ao ensino no segundo ano do ensino médio são os esportes, as lutas e as danças.



Imagem 6 - Conteúdos da Educação Física referentes ao 2º ano do ensino médio do IFRN

Bases Científico-Tecnológicas (Conteúdos)

- 1. O Esporte:**
 - 1.1. Histórico e evolução do esporte.
 - 1.2. Tipos de esportes.
 - 1.3. Fundamentos técnicos e táticos.
 - 1.4. O esporte e a mídia.
 - 1.5. Os investimentos e a tecnologia no esporte.
 - 1.6. O doping no esporte.
 - 1.7. O uso político e econômico do esporte.
 - 1.8. O trabalho no esporte.
- 2. As Lutas.**
 - 2.1. Aspectos históricos e socioculturais das lutas.
 - 2.2. Movimentos básicos.
 - 2.3. Sentidos e significados filosóficos.
- 3. As Danças**
 - 3.1 Histórias das danças.
 - 3.2 Tipos de dança.
 - 3.3 Manifestações culturais da Dança.
 - 3.4 Dança e consciência corporal.

Fonte: IFRN (2011)

Neste bloco de conteúdos a capoeira consegue ter mais espaço, por suas imbricações com as lutas e também com os elementos da dança, como assumem os próprios professores do IFRN no decorrer da pesquisa. No entanto, isto não garante o seu acionamento na escola. Reafirmamos que as escolhas dos conteúdos passam pela autonomia docente e consequentemente por suas experiências formativas e pessoais.

Avançando em nossas reflexões a partir do diálogo com os professores do IFRN, nós os questionamos se caso nunca tenham trabalhado a capoeira em suas aulas, se havia alguma restrição ou motivo específico para isso. A maioria respondeu que não havia algo específico, porém destacamos duas respostas que apontam suas limitações. A primeira onde um dos sujeitos entrevistados afirma a falta de habilidade com a capoeira e indica preferência com o jiu-Jitsu e krav-Magia. (P19). A segunda resposta que também destoava das demais foi a afirmação seguinte: “apesar de já ter abordado, sinto necessidade em aprofundar os conhecimentos sobre a capoeira. ” (P17). Talvez esta seja uma necessidade contínua de aprofundamento com todos os conteúdos da Educação Física escolar.

Em seguida questionamos se eles se sentiam aptos para tematizar a capoeira em suas aulas, considerando suas experiências anteriores. Dos 37 professores, 8 assumiram que não se sentem aptos para ministrar aulas de capoeira; 10 se declararam aptos e o outros assumiram uma postura de dificuldade quanto a realização dessa atividade, precisando de aprofundamento no assunto.



Surgiram falas como “Não. Falta de domínio do conteúdo.” (P33), assumindo o distanciamento com a temática, porém também apareceram afirmativas como “Sempre trabalho a capoeira com a cooperação de mestres, realizando oficinas, vivências, relatos.” (P12). Esta última assume o acionamento ao campo da tradição, formalizando uma parceria com mestres de capoeira – sujeitos que representam os saberes da tradição – em diálogo com a escola. Nesta situação, podemos perceber o entrelaçamento dos saberes sendo oferecidos no chão da escola. Ainda nesta perspectiva, apareceu outra fala que direciona essa relação da escola a partir do componente curricular Educação Física em interlocução com os saberes tradicionais, da comunidade, não formalizado. Vejamos a fala do P21 ao falar sobre sua aptidão ao ministrar aulas de capoeira como conteúdo de sua disciplina: “Sim, no sentido de me propor a despertar o interesse pelo movimento e a experiência da prática para os alunos. No entanto, caso seja possível, ampliamos a vivência com algum mestre de capoeira.” (P21). Novamente nota-se o acionamento da tradição pelos professores de Educação Física para ensinar essa manifestação na escola, reafirmando o reconhecimento dos professores a esse universo tradicional.

Dar voz, no sentido de oportunidade de diálogo, aos professores nos faz compreender melhor sobre suas perspectivas e seu fazer pedagógico. Notadamente conseguimos olhar para esses sujeitos e ver suas limitações e potencialidades com relação a capoeira, a partir de cada resposta aos nossos questionamentos.

Aferimos que muitos professores assumem que não se sentem aptos, outros que ensinam mas reconhecem as limitações no conteúdo considerando a sua baixa experiência vivida com a prática da capoeira; mas também há aqueles que mesmo sem as vivências anteriores assumem que não é suficiente para não proporcionar o acesso aos alunos deste conhecimento. P15 nos diz que “Não possuo experiências anteriores com a capoeira. Acredito que elas me ajudariam no trato pedagógico da temática, mas isso não é impeditivo para trabalhar com a capoeira.” (P15)

Acredita-se que todas as questões acima discutidas, e que tem ampliado nosso conhecimento sobre esses sujeitos, são reflexos para a nossa próxima pergunta. Percebam que o IFRN elenca através da ementa da disciplina Educação Física - expostas no Projeto Pedagógico do Curso - os conteúdos que devem ser trabalhados no 1º ano, a saber: cultura de movimento, jogo e ginástica; e no 2º ano: esportes, lutas e danças. Nesta organização, específica do instituto, perguntamos aos professores onde eles encaixariam a capoeira e



porquê desta escolha. As respostas forma das mais diversificadas, pois refletem suas concepções sobre o que eles compreendem por capoeira, considerando suas vivencias anteriores também.

P8 vem nos dizer que usaria a capoeira “Em todos. A capoeira é uma prática corporal muito ampla...e possui fundamentos que se encaixam em todos esses conteúdos. ” (P8). Partindo dessa concepção de P8, outros professores tencionam para o âmbito das lutas, outros já relacionam com a cultura de movimento e os jogos, outros ainda se inclinam para a dança. Nossa compreensão é que os docentes vão indicar a capoeira para o conteúdo que faça mais sentido e significado para estes sujeitos, partindo do que eles conhecem por capoeira, das suas experiências anteriores. Como vimos em Tardif (2005), o fazer pedagógico de um professor é constituído a partir de cinco saberes advindos de espaços de formação distintos. Partindo do que eles compreendem por capoeira, podemos deduzir em qual conteúdo da Educação Física eles acionariam esta manifestação.

Novamente associando com respostas dadas anteriormente, os professores em sua maioria têm associado a capoeira como uma luta. “A capoeira se enquadra em quaisquer um destes conteúdos por suas características. Contudo tenho enfatizado junto ao tema LUTAS, por achar que pode ser melhor debatido e compreendido devido suas características históricas e sociais.” (P30); no entanto, é notório que de maneira geral os entrevistados possuem um olhar ampliado sobre o conceito de capoeira, como podemos enxergar na fala do P28: “Apesar de se tratar de uma prática corporal que adota características de diversos conteúdos, costumo encaixar a capoeira no conteúdo Lutas, por considerar as características de sua origem.” (P28)

Na busca de aprofundar sobre as questões de ensino e conhecer esse contexto da Educação Física nos institutos federais do Rio Grande do Norte, questionamos aos docentes o que eles consideravam essencial a ser ensinado sobre capoeira enquanto conteúdo da Educação Física. E posteriormente, se consideravam importante esse acionamento na escola.

De maneira unanime, todas as respostas afirmavam a importância de ser oferecida aos alunos como conteúdo da Educação Física e numa perspectiva de todos, o contexto histórico, cultural e os fundamentos básicos são fundamentais no oferecimento deste conteúdo em suas aulas. Estas afirmações são próximas da organização dos materiais didáticos, os livros analisados, ou seja, dos saberes acadêmicos, porém na vivência que proporcionam em suas aulas na escola fazem uso dos saberes da tradição. Mas, este acionamento é resultado de uma



reverência aos saberes construídos no um universo da tradição ou seria por falta de apropriação dos professores? O que não é algo errado porque essa apropriação advém de diversas experiências formativas, como já foi discutido. Com isto, percebe-se um distanciamento entre o que os professores falam quando utilizam os livros como maior referência, mas acionam os mestres de capoeira para o diálogo na escola.

Os discursos dos professores versam sobre essa importância da capoeira e sua presença na escola, mas apesar de considera-la tão importante, a sua presença não é indicada no documento que fala sobre os conteúdos a serem ministrados.

Sobre a importância, P21 diz que: “Extremamente importante, tanto pela experiência do desafio do movimento em si, o que já seria rico o suficiente, quanto pela problematização das tensões suscitadas pela historicidade da prática.” (P21). Sua fala expressa a valorização do conteúdo pela pluralidade que a capoeira oferece. E é neste sentido que buscamos refletir neste escrito as possibilidades de se pensar a capoeira na escola, considerando todos os saberes que a cercam, sejam eles advindos do saber da tradição, com o mestre de capoeira ou na perspectiva acadêmica pelo(a) professor(a) de Educação Física.

Neste emaranhado de reflexões sobre os saberes da capoeira que podem ser vividos na Educação Física escolar, elegemos o discurso de P31 por compreender que este(a) docente sintetiza a diversidade que a capoeira oferece. Mapeando como a manifestação cultural de raízes negras, podem chegar na escola, diz que:

“Primeiro, fazê-los apreciar suas características, suas simbologias, seus ritmos, diferenças, etc. Depois penso que devem sentir tudo isso na pele, assim devem vivenciar os gestos da luta-dança-jogo. Nisso, se torna essencial subverter os valores que inferiorizam essa manifestação por estar vinculada à cultura da negritude!! Portanto, a história, os interditos da política para com a capoeira, os preconceitos instituídos e os tabus que a capoeira carrega devem ser realçado e refletido, no sentido de fazer brotar novos olhares para essa manifestação da cultura. Sobretudo, trazer um esclarecimento de seus símbolos e de seus ritos que muito se aproximam da religiosidade afro-brasileira! Acredito que nessa aproximação, há de se alcançar um olhar mais alargado pra ela pois acho que é aí onde encontramos muitos más interpretações e desvalor!!” (P31)

Possuindo no seu cerne a ancestralidade do negro, a capoeira foi delineada como prática de marginal, dos inferiores, e por este motivo, a proibiram. Não é simples desmistificar um discurso de preconceitos instalados há anos em uma prática corporal, e



acreditamos na eficiência da educação neste processo de descoberta e ampliação dos olhares para com a capoeira.

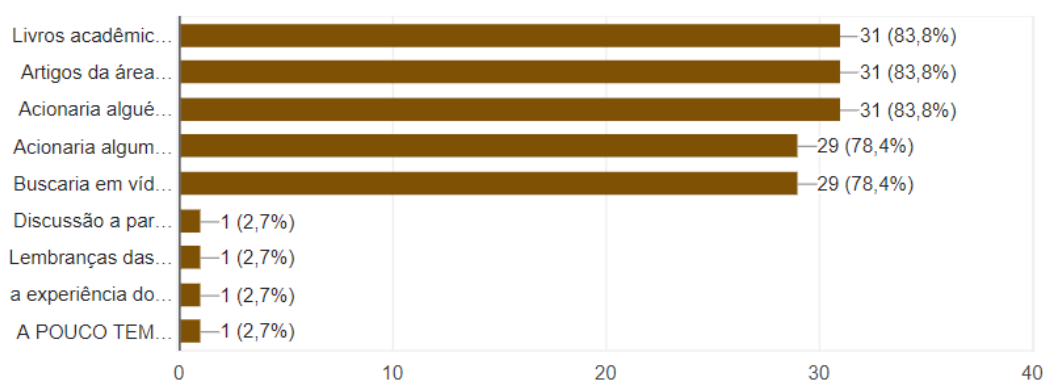
Sodré (2002, p.20) diz que “ o corpo é lugar de multiplicidade”; cientes desta premissa anunciamos a capoeira como manifestação que possibilita este multipluralismo através do corpo nas aulas de Educação Física, sejam pelos ritmos, valores ou pelo gingado próprio da capoeira.

Para que haja essa apropriação e inserção da capoeira nas escolas, e conscientes das limitações apresentadas pelos professores de Educação Física do IFRN, é necessária ampliação dos conceitos. Para tanto, a pesquisa para um bom planejamento é indispensável. Nesta compreensão, questionamos onde estes professores buscariam informações acerca da capoeira para compor seu processo de planejamento. Abaixo seguem as opções oferecidas, bem como o gráfico das respostas.

1. Livros acadêmicos da área de Educação Física;
2. Artigos da área de Educação Física;
3. Acionaria alguém que possui a prática da capoeira, caso tenha oportunidade?
4. Acionaria algum mestre (a) de capoeira, caso tenha acesso?
5. Buscaria em vídeos ou blogs - disponíveis na internet - produzidos por capoeiristas ou adeptos?
6. Outros.

Oferecemos as opções acima com possibilidade de respostas múltiplas, o gráfico abaixo representa as respostas dos docentes, quanto as fontes utilizadas.

Gráfico 5: Fonte de pesquisa sobre capoeira dos professores do IFRN



Fonte: recorte do formulário realizado com os professores do IFRN



Percebe-se no gráfico 5 que os professores em sua maioria buscam informações em livros e artigos acadêmicos, igualando também a possibilidade de convidar alguém que tenha experiência com a capoeira. Ficando um pouco mais atrás as opções 4 e 5, que são contatar um mestre de capoeira, caso tenha essa possibilidade e pesquisar em vídeos ou blogs - disponíveis na internet - produzidos por capoeiristas ou adeptos; respectivamente. Mesmo que muito próximo, a lógica acadêmica prevalece, o que depõe sobre os espaços de formação destes sujeitos. No entanto, consideramos significativo que a produção acadêmica também respeite e faça referência aos saberes da tradição.

Falcão (2007) vem dizer que a produção do conhecimento em Educação Física historicamente pautou-se nas concepções biologicistas, enxergando o homem por um viés antropológico e fisiológico, herança de uma ciência dura; e o modo de produzi-la não aceita considerar os saberes advindos da cultura popular. Para o autor, isto é um desperdício de conhecimento que a Educação Física deixa de considerar e conseqüentemente de ser ampliada, pois o cerne das culturas populares são ricas em detalhes e informações. (FALCÃO, 2007). Este cenário de desconsideração da área da Educação Física sob os saberes populares na produção do conhecimento parece permanecer, segundo os relatos dos docentes.

Neste mesmo embasamento, as primeiras produções acadêmicas sobre capoeira versavam sob uma perspectiva higienista e nacionalista, a fim de torna-la esporte nacional. No entanto, este processo ocultava de forma proporcional boa parte da história da capoeira, logo esse movimento de esportivização e promoção dessa “ginástica brasileira” não ganhou força. (FALCÃO, 2004).

Retornando a questão da utilização das fontes de pesquisa pelos professores, observa-se também que existe a utilização de outras fontes de pesquisa, onde eles indicam a discussão a partir de filme – sugerindo o filme besouro, seguindo de mesa redonda -; como também o acionamento a lembranças de vivências durante a sua formação profissional; utilização da experiência dos alunos e também a busca por grupo de capoeira.

Neste último bloco de questões, fica mais claro quais são os saberes que os professores de Educação Física do IFRN acionam para lecionarem capoeira em seus espaços de atuação. Apesar de em todas as questões eles ressaltarem a importância do contexto histórico, dos valores, do ritmo e dos valores, os professores apontam que o espaço da academia – produções acadêmicas – como lugar primeiro de fonte de pesquisa. Isto se dá pela apropriação dos espaços que estes docentes habitam. No entanto, eles também não negam o saber



tradicional, de caráter não-formal, e alguns destes professores pontuam a estreita relação com o espaço da tradição para contribuírem com o seu fazer pedagógico.

Desta forma, retomamos as concepções de Tardif (2005), quando indica que a formação do professor é composta por diferentes perspectivas como já foi visto, e acrescentamos que esta formação do docente é potencializada quando a mesma é formada por experiências vivida pelo corpo, com atribuições de sentido e significado. Compreendemos que é a partir deste olhar ampliado que o ensino da capoeira na escola é potencializado.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

É, VAMOS EMBORA



CARYBÉ

Utilizando-se da expressão “Iê, vamos embora” largamente usada nos termos das rodas de capoeira, grito que indica a finalização do toque do berimbau, encerramos por hora este caminho dissertativo. No encerramento desta roda apontaremos nossas considerações e sínteses do trabalho de pesquisa que realizamos, cientes que um novo jogo sempre é possível ao se tratar de um estudo que tematiza o ensino de uma manifestação cultural tão rica de possibilidades como é a capoeira.

Os estudos que tematizam a capoeira têm crescido no campo da Educação Física. Porém, poucos são os estudos que buscam entrelaçar os saberes da tradição com os saberes construídos no cerne da academia. Este foi o nosso desafio, a fim de criar novos horizontes ao refletir e planejar a capoeira na escola, principalmente dentro do componente curricular Educação Física, enquanto conteúdo.

Na busca de verticalizar a relações entre os saberes tradicionais e acadêmicos para refletir o ensino da capoeira na escola, nos guiamos pelas duas questões norteadoras indicadas no início das nossas reflexões, são elas:

- I. Como a produção do conhecimento em Educação Física se organiza para propor o ensino da capoeira no ensino básico?
- II. O ensino da capoeira na Educação Física escolar considera os saberes da tradição enunciados pelos mestres de capoeira?

Com estas inquietações, o objetivo que nos direcionou nesta caminhada dissertativa foi identificar e discutir o trato pedagógico do ensino da capoeira na Educação Física escolar, considerando os diferentes saberes que influenciam a prática docente. Elencamos também outros dois objetivos específicos que nos ajudaram a chegar ao objetivo central, a saber:

1. Discutir quais saberes docentes influenciam na organização desse trato pedagógico, considerando os saberes acadêmicos e da tradição.
2. Identificar como se dá o trato pedagógico da Capoeira no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN);

Nesta empreitada, iniciamos com a roda dos saberes, como chamamos nossa introdução, dando possibilidades ao leitor de compreender melhor o porquê desta pesquisa, quais nossas indagações, bem como os interesses que a conduziram.



Em seguida, com o capítulo 1 dialogamos sobre os processos históricos da capoeira e suas incursões no modo de ensinar e aprender capoeira. A relação de ensino-aprendizagem na capoeira é facilmente compreendida quando enxergamos os modos e processos históricos que ela percorreu. Para ampliação deste olhar, fez-se necessário um levantamento de informações sobre o que se produz de conhecimento na área da Educação Física sobre as relações de ensino tradicional e acadêmicos.

Constatamos, obtendo como ponto de referência os periódicos selecionados, que nenhum trabalho sobre o ensino da capoeira entrelaça esses saberes. Ora discutem o ensino da capoeira pela ótica da tradição ou através da perspectiva acadêmica. Esta divisão de perspectivas limita a compreensão da capoeira e restringe a ampliação da sua prática no contexto escolar.

Para efetivar os intercruzamentos dos saberes acadêmicos e da tradição, no capítulo 2 discutimos a fala dos mestres de capoeira – representando os saberes tradicionais – e os livros do campo da Educação Física, que constituem os saberes acadêmicos. Nestes diálogos, obtivemos como sínteses, que os livros que tematizam a capoeira projetando-a para a Educação Física escolar apresentam propostas coerentes entre si sobre o ensino da capoeira na escola. Cada livro com sua particularidade, mas que se assemelham na lógica de pensar a capoeira por sua importância histórica, suas características principais e sua fundamentação técnica.

Para os mestres, a capoeira na escola pode ser materializada de diferentes formas, desde o uso da escola apenas como espaço disponibilizado para sua prática como o acionamento durante as aulas de Educação Física, que por sua vez, apresentam distanciamentos com os saberes da tradição e seus representantes, os mestres de capoeira.

A grande cisão entre os dois eixos é que os livros depõem e escrevem sobre a capoeira numa perspectiva distante, diferente dos mestres que a todo tempo expressam pertencimento em suas falas. Este distanciamento acarreta e fortalece o afastamento dos saberes tradicionais durante os processos de construção do conhecimento em Educação Física.

Dando continuidade em nossas reflexões sobre o ensino da capoeira, fomos aos professores de Educação Física do IFRN para saber como eles tem tratado a capoeira em seus espaços de atuação profissional. Neste capítulo 3, intitulado "NESSE “JOGO DE COMPRA”, QUAIS SABERES SÃO ACIONADOS PELOS PROFESSORES DE EDUCAÇÃO



FÍSICA?” Constatamos um distanciamento entre o que os professores dizem sobre o que pensam e o onde buscam informações sobre capoeira e o que se faz em suas aulas.

Neste capítulo destacamos que em grande medida os professores de Educação Física do IFRN indicam a produção acadêmica como principal fonte de pesquisa para planejamento de suas aulas, mas que quando possível acionam o saber da tradição para compor seu planejamento. Esta afirmativa é compreensível ao considerar que os professores de Educação Física possuem formação acadêmica como principal referência quando pensam no seu processo de ensino-aprendizagem e conseqüentemente em seu planejamento. Neste sentido, a formação inicial formal destes professores pesa bastante em seu fazer pedagógico. No entanto, nos inquieta perceber que os saberes tradicionais por vezes são negligenciados nesse processo de formação dos alunos, sendo poucos os docentes que buscam ressignificar os saberes acadêmicos para dar voz ao contexto da tradição da capoeira, acionando seu universo histórico, vivenciado por esta manifestação, na busca pelo reconhecimento da tradição.

Com isto, é possível afirmar que a produção do conhecimento em Educação Física é organizada por uma perspectiva muito acadêmica, mas que de maneira sutil, aponta o campo da tradição como relevante, mas que não o acionam para a sua construção. Afirmamos também que os professores de Educação Física do IFRN consideram os saberes da tradição, porém de forma incipiente e colocam os saberes acadêmicos em destaque.

Isto nos faz recuperar o debate em que o discurso sobre a hierarquização do saber é realmente hipervalorizado, onde os saberes produzidos no ceio do povo é considerado menor no imaginário social quando comparado aos saberes desenvolvidos pela ciência. A capoeira enquanto um saber do povo brasileiro que transcende as fronteiras, hoje territoriais inclusive, com a expansão de sua prática para além do território brasileiro, possibilita intercâmbios culturais com outras culturas que vão se constituindo e que possibilita conhecimentos diversos a partir da cultura de movimento. Negar a presença da capoeira na escola, dialogando com a tradição que perpetua esses saberes, é negligenciar o próprio processo de pertencimento cultural e compreensão histórica do Brasil.

Neste movimento, os elementos do povo e da cultura afro-brasileira é claramente manifestada na capoeira através dos corpos que gingam, nas músicas e ritmos que envolvem essa prática corporal.

É reconhecendo esse valor educacional que surgem as diretrizes que apontam por força legal a importância da cultura afro-brasileira e indígena nas escolas, para o processo



formativo do aluno, expressa na lei federal nº 10.639/03. Com isto, a capoeira para a Educação Física escolar, é uma prática corporal que possui fortes elementos para discutir as influências da cultura afro-brasileira, reforçando sua potencialidade quando empregada no currículo.

Neste sentido, consideramos que há limites a serem superados quanto o trato pedagógico da capoeira para sua implementação na escola. Limites estes que perpassam a linha tênue entre os saberes acadêmicos e os saberes tradicionais. Para nós, essas duas perspectivas de enxergar e desenvolver a capoeira só são potencializadas quando juntas.

A partir do que aqui foi feito, surgem outras inquietações de pesquisa que podem ampliar o olhar sobre a capoeira e seu ensino, através do diálogo entre os saberes distintos. Como por exemplo, em que medida os guardiões dos saberes da cultura, como os mestres de capoeira, buscam se aproximarem dos saberes acadêmicos? Nas rodas acadêmicas, há muitos praticantes de capoeira que se dedicam a pesquisarem mais sobre essa manifestação, no entanto, os mestres têm buscado se aproximar dessa lógica formalizada? São inquietações suscitadas a partir do desenvolvimento dessa pesquisa e que fica como possível continuidade de investigação.

Movidos por estas e outras inquietações, o jogo continua! Pesquisar e escrever sobre capoeira é gratificante, sobretudo quando mobilizamos com muita responsabilidade a historicidade que a constitui, os depoimentos dos mestres conceituados e refletindo sobre as produções acadêmicas que assim como esta, se propuseram a debruçar-se sobre a capoeira como manifestação cultural importante para ser trabalhada na escola.



REFERÊNCIAS

ABIB, Pedro Rodolpho Jungers. Os velhos capoeiras ensinam pegando na mão. Cad. CEDES, Campinas, v. 26, n. 68, p. 86-98, abril de 2006.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. São Paulo; Edições 70, 2011.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. 7.ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BRASIL. Constituição (1890). Decreto nº 847, de 11 de janeiro de 1890. **dos Vadios e Capoeiras**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/1937-

BRASIL. Constituição (1890). Decreto nº 847, de 11 de janeiro de 1890. **dos Vadios e Capoeiras**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/1937-1946/Del3199.htm>. Acesso em: 20 mar. 2015

BRASIL. Constituição (1941). Decreto nº 3.199, de 14 de janeiro de 1941. **Disposições Gerais e Transitórias**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/1937-1946/Del3199.htm>. Acesso em: 05 maio 2015

BRASIL. Constituição (1941). Decreto nº 3.199, de 14 de janeiro de 1941. **Disposições Gerais e Transitórias**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/1937-1946/Del3199.htm>. Acesso em: 05 maio 2015

BRASIL. Constituição (1996). Lei nº 11.645, de março de 2008. **Da educação básica**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm#art26a>. Acesso em: 05 jun 2015.

BRASIL. Constituição (1996). Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **da Educação Básica**. Brasília, 1996.

BRASIL. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Ministério da Cultura. **Roda de Capoeira**. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/66>>. Acesso em: 08 abr. 2016.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: Educação Física**. Brasília: MEC/ SEF, 114 p., 1998.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: Educação Física**. Brasília: MEC/ SEF, 114 p., 1998.

CAMPOS, Hélio. **Capoeira na universidade: uma história de resistência**. Salvador: Secretaria da Cultura e Turismo: Edufba, 2001.

CARYBÉ. **As sete portas da Bahia**. 4 ed. Rio de Janeiro, Record, 1976

CARYBÉ. **JOGO DA CAPOEIRA: desenhos de carybé**. Salvador: Livraria Turista, 1951.



CASTRO JÚNIOR, Luís Vítor. **Campos de Visibilidade da Capoeira Baiana: as festas populares, as escolas de capoeira, o cinema e a arte (1955-1985)**. 1. ed. Brasília: Ministério do Esporte, 2010. 228p .

CHARLOT, Bernard. Da relação com o saber: elementos para uma teoria. Tradução Bruno Magne. Porto Alegre: Artmed, 2000.

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do Ensino de Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1992.

CUNHA, Igor Márcio Corrêa Fernandes da et al. Capoeira: a memória social construída por meio do corpo. **Movimento**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p.735-755, abr./jun. 2014.

DARIDO, Suraya Cristina; SOUZA JÚNIOR, Osmar Moreira de. **Para ensinar Educação Física: possibilidades de intervenção na escola**. Campinas: Papirus, 2007. p.349

ed.). São Paulo: Brasiliense

FALCÃO, J. L. C. **A escolarização da capoeira**. Brasília: Royal Court Editora, 1996.

FALCÃO, J. L. C.. A Produção do Conhecimento na Educação Física Brasileira e a Necessidade de Diálogos com os Movimentos da Cultura Popular. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 29, p. 143-161, 2007.

FALCÃO, J. L. C.. Para Além das Metodologias Prescritivas na Educação Física: A Possibilidade da Capoeira como Complexo Temático no Currículo de Formação Profissional. **Pensar a Prática** (UFG. Impresso), Goiânia-GO, v. 7, n.2, p. 155-170, 2004.

FERNANDES, Carla Cristiane; SILVA, Paula Cristina da Costa. **Um estudo sobre a participação feminina na capoeira na cidade de Campinas/SP**. In: Seminário Nacional de Estudos sobre Capoeira, 2006, Florianópolis. Seminário Nacional de Estudos sobre Capoeira, 2006.

FONTOURA, A. R. R.; GUIMARÃES, A. C. A. História da capoeira. **Revista da Educação Física, UEM**. Maringá, v.13, n.2, 2002.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GONZÁLEZ, Fernando Jaime; DARIDO, Suraya Cristina; OLIVEIRA, Amauri Aparecido Bássoli de (Org.). **PRÁTICAS CORPORAIS E A ORGANIZAÇÃO DO CONHECIMENTO: Lutas, Capoeira e Práticas Corporais de Aventura**. Maringá: Eduem, 2014. p.138

IFRN (Org.). **Projeto Pedagógico do Curso Técnico de Nível Médio em Vestuário na forma Subsequente, na modalidade presencial**. 2011. Disponível em: <<http://portal.ifrn.edu.br/campus/caico/arquivos/2017/vestuario-subsequente>>. Acesso em: 02 fev. 2018.

MAUSS, Marcel. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Cosac Naify, 2003.



MELLO, A. S. A **história da capoeira**: pressuposto para uma abordagem na perspectiva da cultura corporal. In: VIII Congresso Brasileiro de História da Educação Física, Esporte, Lazer e Dança. 2002, Ponta Grossa/PR. As ciências sociais e a história da educação física, esporte, lazer e dança.. Ponta Grossa/PR: Universidade Estadual de Ponta Grossa, 2002.

MENDES, Maria Isabel Brandão de Souza; NÓBREGA, Terezinha Petrucia da. CULTURA DE MOVIMENTO: REFLEXÕES A PARTIR DA RELAÇÃO ENTRE CORPO, NATUREZA E CULTURA. **Pensar A Prática**, Goiás, v. 12, n. 2, p.1-7, jul. 2009.

NÓBREGA, Terezinha Petrucia da. **Uma Fenomenologia do Corpo**. São Paulo: Livraria da Física, 2010. 128 p.

NUNES DIAS, João Carlos Neves de Souza e. Narrativas do corpo e da gestualidade no jogo da capoeira. **Motriz**, Rio Claro, v. 16, n. 3, p.620-628, jul. 2010.

OLIVEIRA, Amauri Aparecido Bássoli de et al (Org.). **Ensinando e aprendendo esportes no programa segundo tempo**. 2. ed. Maringá: Eduem, 2011. 356 p.

OLIVEIRA, Josivaldo Pires de; LEAL, Luiz Augusto Pinheiro. **CAPOEIRA, IDENTIDADE E GÊNERO**: Ensaio sobre a história social da Capoeira no Brasil. Salvador: Edufba, 2009. 188 p.

PALMA, Angêla Pereira Teixeira Victoria; OLIVEIRA, Amauri Aparecido Bassoli; PALMA, José Augusto Victoria (Org.). **Educação Física e a Organização Curricular**: Educação infantil, ensino fundamento, ensino médio. 2. ed. Londrina: Eduel, 2010. p.252

RADICCHI, Marcelo Rocha. **CAPOEIRA E ESCOLA**: SIGNIFICADOS DA PARTICIPAÇÃO. Várzea Paulista: Fontura, 2013.

REGO, W. **Capoeira Angola**: ensaio sócio-etnográfico. Salvador: Itapuã, 1968.

SILVA, Luciana Maria Fernandes; DARIDO, Suraya Cristina. CAPOEIRA. In: GONZÁLEZ, Fernando Jaime; DARIDO, Suraya Cristina; OLIVEIRA, Amauri Aparecido Bássoli de (Org.). **PRÁTICAS CORPORAIS E A ORGANIZAÇÃO DO CONHECIMENTO**: Lutas, Capoeira e Práticas Corporais de Aventura. Maringá: Eduem, 2014. p. 1-138.

SILVA, Rayanne Medeiros da. **Capoeira e gênero**: as implicações desta relação para a prática. 2015. 87f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Educação Física) - Departamento de Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2015.

SIMSON, O. R. M. V. **Folguedo carnavalesco, memória e identidade sócio-cultural**. Resgate, Campinas, n. 3, 1999.

SODRÉ, Muniz. Mestre Bimba: **Corpo de Mandinga**. Rio de Janeiro: Manati, 2002. 110 p.

SOUZA JÚNIOR, Marcílio Barbosa Mendonça de; MELO, Marcelo Soares Tavares de; SANTIAGO, Maria Eliete. A análise de conteúdo como forma de tratamento dos dados numa pesquisa qualitativa em Educação Física escolar. **Movimento**, Porto Alegre, v. 16, n. 03, p.31-49, jul/set. 2010.



TAVARES, Luiz Carlos Vieira; BEZERRA, Cicero Cunha. NO LIMITE DA RODA: capoeira e pensamento. In: TAVARES, Luiz Carlos V. (Org.). **Capoeira**: recortes e percepções. Curitiba: Crv, 2016. Cap. 1. p. 1-138.

UEPB. **Projeto Pedagógico do Curso de Educação Física**: campus 1. Disponível em: <<http://proreitorias.uepb.edu.br/prograd/download/0137-2016-PPC-Campus-I-CCBS-Educacao-Fisica-Licenciatura-ANEXO.pdf>>. Acesso em: 01 fev. 2018.

UERN. **Matriz curricular**. Disponível em: <http://www.uern.br/cursos/servico.asp?fac=CAPFERROS&cur_cd=1010200&grd_cd=&cur_nome=Educa%e7%e3o+F%isica&grd_medint=8&item=grade>. Acesso em: 01 fev. 2018.

UFPB. **Fluxograma do curso**. Disponível em: <<http://www.ccs.ufpb.br/graduacao/fluxo.html>>. Acesso em: 01 fev. 2018.

UFRN, Sigaa -. **Resumo do Componente Curricular**: Dados Gerais do Componente Curricular. 2018. Disponível em: <<https://sigaa.ufrn.br/sigaa/link/public/curso/curriculo/507863460;jsessionid=82B9F608B4A9B916182B2DC4425DE67A.sigaa06-producao>>. Acesso em: 01 fev. 2018.

UNESP. **Disciplinas**: conteúdos programáticos. Disponível em: <<http://www.fct.unesp.br/#!/graduacao/educacao-fisica/disciplinas/>>. Acesso em: 01 fev. 2018.

ZUMTHOR, Paul. **Memória e comunidade**. In: A letra e a voz. A “literatura” medieval. Trad. Bras. Jerusa Pires Ferreira. São Paulo, Companhia das Letras, 1993.



APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezados(as),

Através deste consentimento você está sendo convidado a participar da pesquisa intitulada "CAPOEIRA E EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: reflexões pedagógicas a partir dos saberes dos mestres de capoeira" sob a coordenação do Professor Doutor Allyson Carvalho de Araújo. A participação nesta pesquisa é de caráter voluntária, por tanto, os participantes podem desistir da pesquisa a qualquer momento, retirando seu consentimento sem nenhum prejuízo ao mesmo.

Esta pesquisa procura dialogar com os saberes enunciados pelos mestres de capoeira e a produção do conhecimento na área da Educação Física. Por tanto, nosso objetivo é identificar e problematizar as especificidades do ensino da capoeira em ambientes de ensino formal e não formal, a partir da construção dos saberes da tradição e acadêmicos expressos nos discursos de mestres de capoeiras e em documentos acadêmicos que norteiam o ensino desta prática. Caso esteja de acordo a participar voluntariamente da nossa pesquisa, o(a) senhor(a) será submetido à:

1. Ler e assinar a este termo, dando-nos seu consentimento e afirmando clareza sobre os processos da pesquisa;
2. Ser entrevistado e responder as questões relacionadas à sua experiência como mestre(a) de Capoeira e suas implicações no ato de ensinar;
3. A entrevista será gravada em forma de áudio visual com o objetivo nos dar maior suporte na coleta dos dados e tem por intenção produzir um documentário como produto da pesquisa.

Os riscos envolvidos com sua participação na pesquisa são ínfimos, podendo causar-lhe no máximo constrangimento, que será minimizado durante todo processo pelos pesquisadores envolvidos. Entretanto, qualquer evento adverso que possa ocorrer com maior ênfase, os pesquisadores se responsabilizarão por tomar todas as providências cabíveis, sem que isso lhe acarrete qualquer custo. Ao participar da pesquisa, o(a) senhor(a) estará contribuindo para a produção do conhecimento e pela consolidação da capoeira na escola.

O(a) senhor(a) ficará com uma cópia deste termo e toda e qualquer dúvida que o senhor(a) tiver a respeito desta pesquisa, poderá perguntar diretamente para Rayanne Medeiros da Silva no endereço: Avenida Senador Salgado Filho, 3000 - Lagoa Nova, Dep.



Educação Física, Laboratório de Estudos em Educação Física, Esporte e Mídia, Natal - RN, 59078-970 ou pelo telefone (84) 98885-0981.

A presente autorização abrange os usos acima indicados, sem qualquer ônus à Universidade Federal do Rio Grande do Norte ou terceiros por essa, expressamente autorizados, que poderão utilizá-los em qualquer projeto e/ou trabalhos acadêmicos voltados à divulgação do conhecimento produzido, considerando que a integridade do participante será sempre conservada.

Eu, _____, fui informado(a) sobre o que a pesquisadora quer fazer e porque precisa da minha colaboração e entendi a explicação. Por isso, eu concordo em participar da pesquisa de forma voluntária e consciente da possibilidade de retirar meu consentimento a qualquer momento.

Assinatura do(a) participante

Assinatura da pesquisadora

Natal, _____ de _____ de 2016



APÊNDICE B –ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA COM OS MESTRES DE CAPOEIRA - QUESTÕES NORTEADORAS

- 01- Gostaríamos que o(a) senhor(a) se apresentasse e nos contasse sobre sua trajetória na capoeira.
- 02- O que é Capoeira?
- 03- Na perspectiva da Educação Física escolar a capoeira pode compreendida como jogo, luta e dança. Como os grupos de capoeira entendem essa prática?
- 04- Como a capoeira foi historicamente transmitida? Você organiza suas aulas de capoeira baseada na forma que você aprendeu? O que, em sua opinião, é essencial para ensinar capoeira?
- 05- Existem formas diferentes de ensinar capoeira (Dentro de um grupo/Educação física escolar – homem/mulher – criança/adulto)?
- 06- O(a) senhor(a) considera importante a presença da capoeira na escola, por quê?
- 07- O que é essencial, no seu ponto de vista, a ensinado sobre capoeira na escola? Como isso deve ser feito?
- 08- Na sua opinião, a diversidade da Capoeira atrapalha ou contribui para o desenvolvimento da capoeira?
- 09- Como outras manifestações da cultura de movimento, a capoeira tem se esportivizado. Você encara isso de forma positiva?



APÊNDICE C – MODELO DE QUESTIONÁRIO A SER REALIZADO COM OS PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA DO IFRN

Este formulário compreende parte do levantamento das informações de uma pesquisa de mestrado em andamento no Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (PPGEF – UFRN), que tem por objetivo identificar e discutir o trato pedagógico do ensino da capoeira na Educação Física escolar, considerando os diferentes saberes que influenciam a prática docente, tais como os saberes acadêmicos (livros, formação inicial, textos acadêmicos...) e os saberes advindos da tradição. Neste sentido, convidamos você a participar dessa pesquisa, garantindo o anonimato. O questionário está concentrado em dois eixos, a saber: 1 – Caracterização dos participantes e 2 - Atuação profissional e aproximação com a capoeira. Sua colaboração é de extrema importância para o desenvolvimento da nossa pesquisa, bem como o crescimento dos estudos que compreendem a capoeira no contexto educacional. Respondendo a este questionário, você está concedendo-nos o direito de utilizar os dados por você disponibilizado para efetivação e divulgação desta pesquisa.

1 – CARACTERIZAÇÃO DOS PARTICIPANTES

1.1 – Qual o seu ano de nascimento?

1.2 – Sexo:

- Feminino
 Masculino
 Outros

1.3- Qual instituição você realizou a graduação em Educação Física?

1.4 – Em qual ano você concluiu o curso de graduação em Educação Física?

1.5 - Maior titulação acadêmica

- Graduação
 Especialização (em andamento)
 Especialização (concluído)
 Mestrado (em andamento)
 Mestrado (concluído)
 Doutorado (em andamento)
 Doutorado (concluído)



2- ATUAÇÃO PROFISSIONAL E APROXIMAÇÃO COM A CAPOEIRA

2.1- Há quanto tempo atua no ensino básico?

2.2- Há quanto tempo atua no IFRN?

2.3 - Qual campus do IFRN você atua?

1. Apodi ()
2. Caicó ()
3. Canguaretama ()
4. Ceará-Mirim ()
5. Currais Novos ()
6. Ipanguaçu ()
7. João Câmara ()
8. Lajes ()
9. Macau ()
10. Mossoró ()
11. Natal – Central ()
12. Natal - Cidade Alta ()
13. Natal - Zona Norte ()
14. Nova Cruz ()
15. Parelhas ()
16. Parnamirim ()
17. Pau dos Ferros ()
18. Santa Cruz ()
19. São Gonçalo do Amarante ()
20. São Paulo do Potengi ()
21. Educação a Distância ()

2.4 – Para você professor(a), o que é capoeira?

2.5 – Você já vivenciou a capoeira fora do espaço de formação inicial e/ou continuada?

Sim ()

Não ()

2.5.1 - Se sim, relate.

2.6- Em sua formação inicial e/ou continuada, você teve alguma experiência com a capoeira?



Sim ()

Não ()

2.6.1 – Se sim, relate.

2.7 - Você já utilizou a capoeira como conteúdo em suas aulas de Educação Física?

Sim ()

Não ()

2.7.1 – Se sim, porque escolheu esta prática corporal?

2.7.2 – Caso nunca tenha trabalhado a capoeira em suas aulas de Educação Física, há alguma restrição ou motivo para isto?

2.8 – Você se sente apto para tematizar a capoeira em suas aulas, a partir de suas experiências anteriores?

2.9 – O IFRN elenca através da ementa da disciplina Educação Física - expostas no Projeto Pedagógico do Curso - os conteúdos que devem ser trabalhados no 1º ano, a saber: Cultura de Movimento, Jogo e Ginástica; e no 2º ano: Esportes, Lutas e Danças. Nesta organização, você encaixaria a capoeira em qual conteúdo? Justifique!

2.10 – Caso você necessite fazer uma pesquisa para planejamento de suas aulas de capoeira, em qual/quais fontes você usaria?

() Livros acadêmicos da área de Educação Física;

() Produção de artigos da área de Educação Física;

() Acionaria alguém que tem a prática da capoeira, caso tenha oportunidade?

() Acionaria algum mestre de capoeira, caso tenha oportunidade?

() Buscaria em vídeos ou *blogs* – disponíveis na *internet* - produzidos por capoeiristas ou adeptos?

() Outras

Quais? _____

2.11 – Na sua perspectiva, o que é essencial ensinar sobre capoeira enquanto conteúdo da Educação Física?

2.12- Por fim, você considera importante o acionamento da capoeira nas aulas de Educação Física? Justifique!

